CPAD

DANIEL BERG

Enviado por Deus

VERSÃO AMPLIADA

A história de Daniel Berg,
um simples aldeão que ajudou a deflagrar
o maior movimento pentecostal da história da Igreja,
as Assembléias de Deus no Brasil.

David Berg

David Berg

DANIEL BERG

Enviado por Deus

VERSÃO AMPLIADA

A história de Daniel Berg,
um simples aldeão que ajudou a deflagrar
o maior movimento pentecostal da história da Igreja,
as Assembléias de Deus no Brasil.



CPAD

Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1995 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

Capa: Jayme de Paula Prado

922 - Biografia
Berg, David
BERd Daniel Berg - Enviado por Deus. /David Berg
1. ed. ampliada - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995.
p.264 cm, 14x21

ISBN 85-263-0027-x

1. Biografia. 2. Assembléia de Deus

CDD
922 - Biografia
289.91

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª Edição/1995

Índice

Prefácio 7
1. Daniel Högberg 11
2. Pelo Mundo Afora 19
3. Rumo ao Ocidente 23
4. Boston 35
5. A Chegada ao Lar 43
6. O Encontro com Gunnar Vingren 51
7. Rumo ao Sul 59
8. Pará 65
9. De Volta em Belém 83
10. Chegam as Primeiras Bíblias 87
11. A Saída 93
12. Dia 18 de Junho de 1911 101
13. De Volta às Ilhas 107
14. Mosqueiro 117
15. O Jaguar 125

16. Encontro no Caminho 131
17. Bragança 135
18. A Limpeza do Cemitério 145
19. Uma Cidade Chamada Cabeça 151
20. Rumo a Miraselva 155
21. Os Rapazes 159
22. Perante o Tribunal 163
23. Peixe-Boi 167
24. O Dono do Bar 173
25. Malária 181
26. Com Passos Pesados 189
27. Rumo à Ilha Caviana 195
28. A Bíblia como Arma 203
29. Rumo ao Centro da Selva 209
30. O Furacão 219
31. Boas Novas 223
32. As Imagens 229
33. Viajando para a Terra do Chamado 235
34. Vitória 243
35. Santos 247
36. São Paulo 253
Epílogo 259

Prefácio

Sempre me pareceu tão natural, quanto necessário, deixar registrado algo acerca da vida e da obra de Daniel Berg, meu pai. Natural porque, na condição de filho, sempre o tive como exemplo de vida em tudo; e, sobretudo necessário, porque sei que a leitura desta obra será de grande valia à edificação de quantos a possuírem. É indispensável saber como Deus, há mais de 80 anos, convocou um de seus servos para trabalhar na sua seara no Brasil.

Diversas vezes pedi a meu pai que me contasse sobre a época em que tudo começou, quando percorria ele a linha do trem que ia de Belém a Bragança, ou ainda quando, de canoa, remava por entre as ilhas do território amazônico, levando consigo uma mala cheia de Bíblias, Novos Testamentos e folhetos, e outra com objetos de uso pessoal, que era tudo o que possuía de bens terrenos.

No decorrer dos anos, muita coisa foi publicada sobre como Deus atuava e continua atuando neste gigantesco país, a partir de cartas missionárias que papai, através de seu amigo de infância Lewi Pethrus, enviara à Igreja Fila-

délfia de Estocolmo, nas quais ele fala a respeito do trabalho no território recém-evangelizado. A primeira delas foi publicada pelo seminário *Evangelii Härold* em 09/12/1915, e pelo jornal *O Amigo do Lar* em 27/02/1992.

Nesse ínterim - de 1915 a 1992 -, outros escritores também discorreram acerca do Movimento Pentecostal do Brasil. Entre esses servos de Deus, podemos citar A. P. Franklin que, partindo de Estocolmo em 03/02/1926, efetuou uma viagem de seis meses ao Brasil e à Argentina, o que lhe possibilitou a produção do livro *Entre Pentecostais e Santos Abandonados na América do Sul*, o qual dedica especialmente aos missionários destes países.

Podemos citar também Sven Lidman, no seminário "Nosso Lar", na primavera de 1931, onde relata, numa série de contos auto-biográficos intitulados *De Mãos Vazias* as aventuras de dois homens, Daniel Berg e Gunnar Vingren, que acreditavam em Jesus Cristo como seu Salvador pessoal, e anunciavam que o Espírito Santo atua hoje da mesma forma como atuou em Jerusalém no Dia de Pentecostes, quando levou os discípulos a experimentarem o batismo com fogo e em novas línguas.

Em seu livro *O Ateu de Vargön*, Brita Lidman também retrata aquele período. De igual modo o faz Emílio Conde, autor do livro *História das Assembléias de Deus no Brasil*, publicado no Brasil em 1960. No *Diário do Pioneiro*, publicado em 1968, Ivar Vingren deixa registrado à eternidade as memórias inestimáveis de seu pai Gunnar. Por fim, temos os artigos do diário sueco *Dagen*.

Em meu livro *Enviado por Deus*, editado pela CPAD, Brasil, faço um relato das histórias de papai até o ano de 1916, retratando a época na cidade de Belém, suas caminhadas a Bragança, e o trabalho entre as ilhas do território amazônico. Muitos destes fatos já foram, de uma forma ou de outra, publicados na Suécia. Mas o seu

conteúdo, como um todo, permanece inalterado em relação às edições precedentes. Neste livro, esforcei-me por ser fiel aos fatos em sua ordem cronológica, pesquisando toda sorte de informações sobre datas que pude encontrar.

Durante minhas viagens ao Brasil, eu próprio, para obter informações para este livro tive que, juntamente com o responsável pelo arquivo da Igreja de Belém, pastor Borges, seguir as pegadas de papai. Nos lugares onde estive e sobre os quais escrevo, encontrei pessoas que se recordavam e nos contavam sobre aquela época, mas levando em conta os anos passados desde que tudo aconteceu conclui-se, por uma simples questão de lógica, que a maior parte dos entrevistados eram demasiado jovens naquele tempo e o que contaram sabiam-no por intermédio de seus pais. No entanto, depois de haver feito um estudo destes relatos, me foi possível encontrar o ponto de ligação entre eles, de sorte que eu, em minha condição de filho, me senti privilegiado em ter podido conhecer mais sobre a obra de meu pai no Brasil, este maravilhoso país, tão distante geograficamente, mas tão próximo do coração!

A música "Nossa vida - um semear", de Gunvor Haag-Strand, era freqüentemente cantada por papai ao som de seu violão.

Quanto à última parte do livro, a reservei para registrar fatos que aconteceram depois de 1916. Menção especial às fontes de informação na realização deste livro e suas respectivas referências foram feitas na introdução do mesmo.

1

Daniel Högberg

Daniel nasceu em 19 de abril de 1884 na Suécia, numa pequena aldeia chamada Vargön. Filho de Gustav Verner e Fredrika Högberg, tinha uma família numerosa; além de Daniel, havia ainda mais seis filhos: Oskar, Hilda, Elisabet, Erik, Ester e Ida.

Sua família era batista e acalentava, sob a liderança do papai Verner o desejo de, juntamente com os demais irmãos da vila - que não eram muitos - construir uma igrejinha na região. Embora os recursos à disposição não fossem muito animadores, pouco a pouco a igreja foi sendo levantada, ficando sua manutenção por conta dos interessados.

Os batistas da região eram "almas de fogo" e a necessidade de um local para cultos nas proximidades de casa e do trabalho se fazia grande. Era com muito sacrifício que, depois de um dia inteiro de trabalho, faziam todo o percurso de ida e volta a pé até a cidade, Vanersborg, onde era situada a sede congregacional. Com efeito, o pequeno templo da congregação se transformou numa espécie de segundo lar, onde as pessoas se reuniam para

participar nas diversas atividades, que incluíam a escola dominical, os ensaios do coral e a mocidade, além dos cultos normais. Para as ocasiões mais solenes, todavia, a sede continuava a ser o ponto de encontro.

Daniel tinha por hábito preencher seu tempo livre dedicando-se à prática de percorrer as íngremes e pedregosas veredas que levavam ao ponto mais alto de Halleberg. A força que ora se exigia do seu físico era tão extraordinária quanto o era sua vontade de chegar ao topo o quanto antes. Os olhos fixos no alvo davam-lhe asas aos pés para subir.

Sempre que alcançava o cume, ocupava logo seu lugar predileto, o qual já lhe era cativo. A tranqüilidade e o silêncio do local transportavam-no às alturas, e este último - o silêncio - somente era quebrado pelo gorjeio dos pássaros, que para ele mais soava como um harmonioso Hino Nacional de seu pequenino império. "Que bom seria se eles afluíssem em um número ainda maior lá embaixo...", divagava Daniel. "Poupariam nossos ouvidos de ouvir tanta tolice se pusessem-se a cantar mais alto durante o dia...".

Do alto da montanha tinha-se uma encantadora vista panorâmica de todo o seu lugarejo.

Às vezes, quando ousava chegar mais perto da ribanceira, podia contemplar o vertiginoso despenhadeiro ao pé do qual também se estendia a vila Dalen.

Sua família morava em uma pequena casa pintada de vermelho, lá embaixo, do outro lado do caminho. Dava muito bem para vê-la do ângulo onde ele se encontrava.

À medida que a família ia crescendo, a casa ia aumentando para onde quer que se encontrasse espaço. Muitas foram as vezes em que sua mãe, para comprar uma simples porção de pregos por 25 centavos ou qualquer outra coisa do gênero, era obrigada a caminhar cinco quilôme-

tros a pé até Vanersborg e o mesmo trajeto de volta. Muitas vezes o dinheiro nem dava para tanto.

Enfrentavam as dificuldades de todas as formas e, assim, sobreviviam. Os dias, um a um, iam passando, mas o futuro sempre se lhes apresentava incerto e obscuro.

Voltando seu olhar novamente para baixo, enxergou a fábrica de papel Wargöns AB. Não era preciso muito para isto; bastava olhar para baixo, de onde vinha a fumaça em pleno domingo, visto que a diária de trabalho era dividida em três turnos. As altas chaminés se encarregavam de indicar o trajeto para a única fábrica de grande porte na região, na qual quase todos os moradores da vila trabalhavam.

Daniel não fazia exceção à regra, assim como seu pai, seus irmãos e seu amigo Pethrus.

Foi então que a fábrica começou a despedir os seus funcionários. Os mais jovens e com menos tempo de serviço eram os primeiros.

O principal produto da fábrica era o papel, que vendia para diversos jornais. Entre estes, se incluía o jornal "Dagen", do qual com um maço debaixo do braço mamãe, no início do século, contribuía para o sustento da família, percorrendo as ruas de Karlskrona a gritar: "Olha o Dagen! Só dois centavos!"

Olhando para baixo, pôde observar que as pessoas não eram maiores do que formiguinhas. O alto da montanha, aliás, proporcionava uma visão equânime das pessoas. Ninguém era maior do que ninguém; quer fosse este um pároco, quer fosse este um professor formado, quer fosse este um mendigo.

Talvez o pároco se distinguisse um pouco dos demais, sim. Sua rotina havia de certa forma se modificado, desde que, há algum tempo, já não era o único sacerdote na aldeia. Sua função era de ministro do Senhor na igreja

luterana local do governo. Na qualidade de presidente do Conselho Escolar, também fazia visitas esporádicas à escola com a finalidade de, por meio de chamada oral, testar o aprendizado dos alunos na disciplina de religião. Averiguava também, se estavam se mantendo dentro do conteúdo curricular estabelecido.

Certa vez, quando perguntava a Daniel por que ele se chamava um cristão, este lhe respondeu: "Sou cristão, porque pertenço à igreja cristã". Ao obter de todos os outros filhos de batistas a mesma resposta, o pároco explicou à classe que todos os que não eram batizados eram pagãos e encontravam-se automaticamente excluídos da comunidade.

À medida que permanecessem como sectários, não alcançariam o desenvolvimento normal próprio das outras crianças, não tendo sobre si a bênção de Deus, elemento essencial para um futuro seguro. O pároco não ia deixá-los participar das aulas preparativas à primeira comunhão. (A condição exigida para ser aceito como membro integrante, era se confirmar segundo os dogmas do Livro de Catecismo do ano de 1811 e cumprir, desta forma, a doutrina estabelecida.) A pressão a que seriam submetidos e o medo de serem condenados a jamais deixar a própria aldeia os faria hesitantes sobre se deveriam ou não se confirmar. Em meio a tantas contendas e mal-entendidos, ocorria ainda, vez por outra, de se deparar com um eventual amigo ou irmão na fé, embora se encontrassem estes em lugares diferentes que não o de sua convivência. Ali sim, o sentimento de solidão e desamparo era mais latente. A repercussão do cognome "pagão" provocava nas pessoas, especialmente nos jovens, forte reação de menosprezo e ironia. Mesmo os mais velhos, no intuito de preservarem sua boa imagem diante do pároco, vez ou outra, soltavam seus comentariozinhos maledicentes.

Os fracos e oprimidos muito tiveram de sofrer com a expectativa de se realizarem as previsões ameaçadoras do pároco. Daniel mantinha-se inabalável no que dizia respeito à sua fé e estava absolutamente convicto de que Jesus era o seu único Salvador pessoal; sobre esta verdade desejava edificar sua vida.

De mais a mais, aquela estória de primeira comunhão não tinha sido muito bem compreendida por Daniel, que a considerava pura ostentação. Sempre que se punha a ouvir as conversas entre os alunos do Catecismo, procurava encontrar nelas algum conteúdo espiritual, mas nada identificava a não ser a eufórica expectativa de um saboroso jantar que posteriormente haveria em suas casas, sem contar os relógios que alguns deles haveriam de receber como prêmio: o primeiríssimo de suas vidas. Os garotos haviam naturalmente recebido seu tradicional terno preto com calças compridas que, diga-se de passagem, era um ótimo recurso para impressionar as garotas; o uso de calças compridas era sinal de que finalmente se havia chegado à idade adulta.

Sim, a idade adulta que, para Daniel, fora antecipada pela necessidade de lutar pela sobrevivência, quando contava apenas com a idade de 11 anos. Nem sempre era fácil conciliar a escola com o trabalho e as lições de casa. Muitas vezes o cumprimento de uma das tarefas, implicava no descumprimento de outra. Com isto, as lições de casa eram sempre as que ficavam em prejuízo. E do professor não lhe vinha nenhum gesto de complacência, ao contrário; recebia apenas reprimendas ou palmatórias. Roupa e comida, entretanto, eram coisas indispensáveis à subsistência, e um terno preto bonito como aquele estaria dentro de suas posses, se fosse o caso. Porém, seu bom senso lhe dizia haver coisas mais importantes que um simples terno. E em que ocasiões lhe seria permitido usá-lo? Ninguém, no entanto, era de ferro, e ele decerto não seria exceção; o terno era deveras muito bonito.

Sentado no alto da montanha, Daniel se recordava de quando seu amigo Pethrus, certo dia, ao vê-lo chegar da floresta trazendo um saco nas costas, perguntou-lhe se eram pinhas para acender o fogo; este, por sua vez, respondeu-lhes que eram apenas pedras para a construção do novo templo. Estava aí algo com que Daniel também pretendia servir ao Senhor no futuro: sua força física.

Os dois amigos eram completamente diferentes um do outro, tanto exterior, quanto interiormente. Enquanto apascentavam seus rebanhos, tinham tempo de sobra para se dedicarem a meditações, durante as quais haviam ambos chegado à conclusão que o mais importante na vida era a salvação. Ao se encontrarem, descobriram os dois que, acima de qualquer coisa, tinham em mente servir a Deus, custasse o que custasse. Deus haveria de guiá-los.

O topo da montanha era um ótimo lugar para se falar com Deus. A noite anterior fora decisiva para Daniel; dirigira-se até à frente do púlpito a fim de entregar sua vida para Jesus, pedindo que orassem por ele e também com ele. Olhando na direção em que seus pais estavam sentados, pôde perceber o quanto seus rostos brilhavam de alegria. Toda congregação havia orado, e Jesus lhe havia perdoado os pecados. Daniel não imaginava qual o papel que os pais exercem sobre a vida espiritual dos filhos, especialmente quando estes, deixando a adolescência, mostram sinais de independência e predisposição a se influenciar por amigos da mesma idade. Eram muitos os exemplos de famílias, cujos filhos, apesar de haverem recebido a mesma educação, optavam por caminhos opostos. Uns, com maior necessidade espiritual, decidiam seguir a Cristo; outros, tornavam-se indiferentes. Esta era a maior prova de que a salvação era algo estritamente pessoal, não sendo recebida dos pais por herança. O que realmente conta é a fé e o compromisso de cada um com Cristo. Lewi Pethrus, em seu livro *A Pura Verdade*, con-

ta a respeito dos acontecimentos que marcaram a época quando os dois amigos se batizaram, e eu me reservo o direito de citar algumas passagens do exemplo de como o Senhor pode chamar pessoas de lugares distantes para serem seus mensageiros. Entre outras coisas, ele escreve:

"Um dia, quando estava a trabalhar na fábrica, fui surpreendido por um dos membros da igreja batista, o velho tio Havenstrom, que me disse:

- Ontem a noite, Daniel se entregou para Jesus na igreja. Logo, é hora de você também tomar esta decisão.

"Ainda hoje me lembro de quão profundo aquelas palavras tocaram em meu coração. Daniel e eu sempre havíamos estado juntos em nossos tempos de infância. Éramos muito diferentes um do outro, porém sempre nos demos muito bem e jamais nos separamos".

A 12 de fevereiro de 1899, aos 15 anos de idade, os dois amigos se batizaram na Igreja Batista de Vanersborg, pelo pastor Carl Eriksson. De pastores de ovelhas, eles em breve se transformariam em pastores de almas perdidas, resgatando-as, e levando-as até a Água Viva, que é Jesus.

Lewi Pethrus prossegue:

"Poucos dias após o meu batismo, no percurso entre minha casa e a fábrica, tive em minha companhia o pai de Daniel Högberg, o Sr. Verner Högberg que, comentando a respeito do passo que eu tinha dado, me disse:

- Deus te preservando e você sendo fiel a Ele, então devo crer que você há de se tornar um pregador!

"Caso o comentário partisse de algum pregador conhecido ou de um intelectual qualquer, pode-se calcular qual seria o efeito produzido na alma de um jovem contrito. Mas o fato é que aquele homem, do qual provinha a observação, não passava de um simples e comum trabalhador, que facilmente poderia ter-se equivocado

em seu julgamento do que viria a ser grande e belo. Porém, isso não fazia diferença para mim; aquelas palavras haviam produzido em mim um forte impacto. Aquele pensamento há muito jazia latente em meu ser qual um embrião no ventre materno, embora não tivesse sido capaz de trazê-lo à luz por minha própria iniciativa. Foi como se aquele sentimento que havia vindo ao meu encontro brotasse de repente e tomasse forma, transformando-se, a partir daquele instante, num projeto em vias de realização".

2

Pelo Mundo Afora

Em grande parte das famílias da vila havia um grande interesse pelas descrições da grande nação ocidental. Cartas vindas da América, de parentes imigrantes, passavam a imagem de um país exuberante e cheio de cores. Mesmo que o sucesso não fosse o esperado, restava ainda a esperança de que novos tempos estavam por vir. Por parte daqueles que lá estavam, havia a preocupação de não escrever relatando fracassos, para não causar apreensão nos familiares que ficaram. E, sempre que um desses imigrantes voltavam à vila, os opositores acabavam ficando com toda a razão, e cheios de um legítimo sentimento de maldade ante o vergonhoso regresso.

Que outras alternativas lhes restavam, afinal? Todas as outras portas estavam fechadas. O jardim e o lar de outrora não mais existiam. Tudo o que não pôde ser levado fora leiloado em praça pública antes da partida. E, na melhor das hipóteses, o dinheiro conseguido dava apenas para os primeiros dias no novo país.

Os que ficavam, enxergavam somente as coisas boas relatadas nas cartas, embora estivessem cientes de que a

realidade era bem outra. Mas sempre lhes restava a esperança de poder, a longo prazo, viver tempos melhores.

Jovem, vigoroso e impaciente, Daniel sentia dentro de si algo muito forte que o incomodava incessantemente. Sim, a viagem! Ele era um dos que pretendiam viajar. O que, afinal, o impedia de fazê-lo pura e simplesmente? Não se sentia ele debaixo da proteção divina? Restava-lhe, agora, apenas criar coragem, e contar a seus pais e irmãos, coisa que só lhe foi possível fazer depois de muita oração.

O tão ansiado dia havia chegado, trazendo consigo o instante em que Daniel não mais poderia esconder de seus pais e irmãos a verdade sobre a sua decisão de partir. Em sua infindável tentativa de encontrar a ocasião mais oportuna para fazê-lo, Daniel concluíra que não dava mais para continuar com rodeios; em nada haveriam de facilitar-lhe a difícil tarefa.

Estavam acabando de jantar na cozinha, que servia como local de encontro da família. A presença do crepitante fogo, no fogão a lenha, ao mesmo tempo que aquecia o ambiente, espalhava a todos uma gostosa sensação de paz e bem-estar.

No momento em que davam graças pelo alimento, Daniel sentiu haver chegado a hora de revelar seus propósitos. Sim, antes que, como de praxe, a primeira cadeira raspasse no chão, anunciando que a garotinha Ida não mais queria ficar sentada. Limpou a garganta e mirou bem nos rostos dos que se achavam à mesa. Passeou os olhos pelos arredores, fixando-os por fim no jarro de leite, tamanha a dificuldade que tinha para encará-los.

"Ufa" - desabafou - "Eu estou a fim de ir para a América".

Um silêncio absoluto tomou conta do recinto, calando até mesmo o previsto movimento da irmãzinha com a cadeira. Daniel viu-se numa situação delicadíssima; a

atmosfera era totalmente outra. Um ambiente pesado, como se houvesse falecido um ente querido. Mas agora não havia como voltar atrás. Já estava dito - obviamente nem tudo. Sentados, todos esperavam por maiores explicações. Durante muito tempo, Daniel se dedicara a estudar todas as melhores formas para dizê-lo, mas, naquele momento, foi como se tivesse sido apagado de sua memória tudo o que havia elaborado.

Cabia-lhe, portanto, dizer algo que, ao menos, lhes minimizasse a inquietação e o nervosismo. Foi quando, então, estando com as mãos sob a mesa, pediu auxílio ao Senhor: "Não sou mais nenhum garotinho. Logo terei 18 anos, e já guardei dinheiro o bastante para a viagem e a chegada. Sem contar o terno que comprei que é, no mínimo, tão bonito quanto os outros ternos para ocasiões especiais que já vi. Então, disponho de todo o dinheiro e roupas que preciso. Quanto à comida, está incluída no preço da passagem. Eu sou grande, forte e tenho saúde. Há muito venho trabalhando com disposição de ir para aqueles lados, de forma que não terei de passar nenhum apuro".

Não havia mais nada para falar.

"Não sei exatamente o que dizer, ou de que forma, uma vez que você tomou uma decisão tão séria", ponderou-lhe a mãe. "Só me parece tão difícil pensar na possibilidade de ficar sem ver você por tanto tempo, quem sabe... para sempre. Você significa tanto para todos nós. É sempre tão alegre e prestativo em tudo... Sei que os filhos não são propriedade dos pais, mas há algo que ninguém pode tirar de nós, nem mesmo os próprios filhos: nosso amor por eles. Você tem fé em Deus, e Ele há de ajudá-lo para que nada de mal lhe aconteça. Vamos orar um pelo outro para que o Senhor nos dê uma orientação segura".

Mamãe havia sido a porta-voz da família. Ela costumava ser tão prática e concisa em tudo, mas não havia como escapar ao fato de que havia em seus olhos um brilho diferente.

O pouco tempo que precedeu a viagem praticamente voou. E, ao deparar-se com o tão esperado dia, Daniel dirigiu-se à estação de trem de Vargön acompanhado de seus familiares.

No que o trem desaparecia por entre as montanhas, sua mãe, não mais podendo conter-se, chorou lágrimas por muitos anos contidas.

"Deus está conosco, e eu tenho quase 18 anos", gritou Daniel.

"Sim, Deus certamente está, mas você nem sequer completou 18 anos", foram as últimas palavras que Daniel ouviu de sua mãe, antes que o barulho do trem abafasse tudo o mais.

3

Rumo ao Ocidente

5 de março de 1902.

Daniel desembarcou do fumegante trem na estação de Gotemburgo, cidade em que jamais estivera.

A primavera estava prestes a eclodir. O inverno havia deixado vestígios de neve que cobriam as estreitas e escuras ruas; nada tinha a ver com a neve alva que caía na sua aldeia em Vargön. Aquela apresentava uma cor meio amarronzada, deixando entrever marcas de sapatos sobre as ruas calçadas de pedras, onde bondes corriam puxados por cavalos sempre a relinchar.

Daniel seguiu em direção ao porto, onde seu navio já efetuava o carregamento das bagagens. Sentiu no rosto a brisa suave e refrescante que vinha do mar, ao mesmo tempo que ouvia o alarido das gaivotas em busca de alimentos. À popa do navio, achava-se a inscrição: "M/S ROMEO". Aquela era a embarcação que o haveria de levar ao Novo Mundo. Ao passar no portaló, sentiu como se uma de suas pernas se negasse a obedecer-lhe o comando, insinuando a vontade de não deixar a terra natal, enquanto a outra, que já avançava, resoluta, deixava definitivamente para trás aqueles momentos de hesitação.

O barco, em si, já lhe havia superado as expectativas. Seu camarote, se bem que o dividisse com mais pessoas, dispunha de um armário, no qual poderia guardar os poucos pertences.

Sentando-se num dos beliches, pôs-se a meditar sobre sua decisão de deixar a Suécia. Anos antes de sua partida, ocasião em que outras pessoas também haviam emigrado, estas haviam deixado para trás uma Suécia carente, cheia de dificuldades de trabalho, quase desprovida de respeito aos direitos humanos. Agora que o homenzinho despertava para a vida, com ele também surgiam novos tempos de crises e conflitos trabalhistas no país.

Já na década de 1870, havia-se iniciado a formação de sindicatos, embora não tivessem estes produzido quaisquer resultados animadores. Agora, a extinta chama começava a ressurgir, e nada havia que a pudesse conter. Nos vários setores da nação, proliferava a criação de sindicatos, os quais se filiavam a uma corporação central, especialmente fundada para este fim. Todavia, os trabalhadores não eram consultados sobre se desejavam ou não se sindicalizar, sendo compulsoriamente arrolados à organização. Em princípio, eles teriam o direito de deixar a organização quando bem lhes aprouvesse, mas na prática, isto era impossível, pois seus colegas de trabalho, ao saberem de seu desligamento, o taxariam de traidor e egoísta. Em conseqüência disto, o manteriam afastado de seu convívio.

Que outras alternativas restavam à classe trabalhadora? Do lado dos patrões, foi fundada a Associação dos Patrões Suecos, que lhes facultava o direito de contratar e demitir trabalhadores indiscriminadamente. Alto foi o preço que alguns tiveram de pagar, logo no início do sindicalismo, por haverem aderido ao movimento. Os mais prejudicados eram os que exerciam atividades cujos salários incluíam a moradia. Se vinha ao conhecimento

do patrão sua vinculação ao sindicato, imediatamente passavam a ser alvo de toda sorte de represálias, incluindo demissões e despejos. E o resultado era mais uma numerosa família excluída do mercado de trabalho, cujos membros acima de 12 anos de idade eram fatalmente dispensados de seus empregos, além de serem sumariamente despejados de suas moradias, restando a todos apenas a companhia indesejável da fome e do desamparo.

O sindicato reivindicava direito de voto até mesmo para o trabalhador industrial e para a mulher pobre e quase desvalida; ventos favoráveis sopravam em seu benefício.

O convés estava superlotado de passageiros acenando, enquanto tripulantes faziam os preparativos finais para que o navio pudesse zarpar. Concluído o carregamento de bagagens e feita a inspeção final, a embarcação a vapor emitiu três agudos apitos, anunciando a partida. Daniel viu a última corda, que servia de amarra, ser puxada para bordo. Rompia-se, agora, o elo que o ligava à Suécia, qual ato de romper-se o cordão umbilical que une o filho ao ventre materno. Chegam ao fim seus tempos de angústia e ansiedade.

À consciência pesada pelo desgosto que, eventualmente, teria causado a seus pais, procurava aliviar dizendo a si mesmo: "Assim é a vida, quando se tem de decidir entre dois caminhos tão divergentes". Já havia ele se tornado adulto, como bem o demonstrava seu hábito de usar calças compridas. Se Deus assim o permitisse, daria a ele o privilégio de um dia poder voltar, e assim mostrar a todos o quanto poderiam sentir-se orgulhosos de sua pessoa.

O barco fez a manobra inicial, e ele teve a oportunidade de subir ao convés para lançar um último olhar, um adeus à sua querida Suécia. Dali para frente, era seu futuro que estaria em jogo.

Desceu até os compartimentos, onde estava situado o toalete, o único local privativo de um passageiro de terceira classe. E, ali, agradeceu a Deus por tudo.

Ao chegar à Inglaterra, teve de fazer baldeação, após o que foi-lhe possível a travessia do revolto mar do Norte, em direção à grande cidade portuária inglesa de Hull.

A viagem levou, na verdade, apenas dois dias, mas tudo era novidade. Nunca, em toda sua vida, estivera tão distante do lar paterno. A viagem mais longa que recordava haver feito houvera sido até Vänersborg. Os companheiros de camarote pareciam ser pessoas simpáticas, embora não apresentassem grandes afinidades com ele, razão por que preferiu ficar mais ou menos isolado. Além disso, pareciam estar se dando tão bem, que causavam a impressão de que, além de companheiros de viagem, sua amizade já vinha de longa data. Logo, Daniel julgou que sua presença poderia ser-lhes até inconveniente. Fora isto, tudo parecia correr tranqüilamente.

A comida oferecida a bordo, longe de ser as deliciosas almôndegas da mamãe, temperadas com amor e carinho, não chegou a lhe causar qualquer distúrbio digestivo, a despeito da oscilação do barco impelido pelas ondas e pelo vento. Com efeito, Deus o preservou deste mal que acomete as pessoas não habituadas a velejar - o enjôo.

A maior parte dos dias consumidos nesta viagem, Daniel passou-os no convés do barco, mergulhado em muitas reflexões. Já no dia 7 de março, podia-se vislumbrar no horizonte uma parte da costa da Inglaterra. Conforme ia diminuindo a distância, podia-se claramente perceber a silhueta da grande cidade portuária de Yorkshire, Hull, onde a tripulação se viu envolvida em dificultosa operação de drenagem devido ao baixo volume de águas, que colocaria a embarcação sob risco de encalhamento nas dunas. Imaginem só o esforço que a

pessoa às vezes precisa despender para garantir a própria sobrevivência como este, de lutar contra as forças da natureza. Descortinou-se, então, ante seus olhos, o amplo cais, de extensão quilométrica. Levando-se em conta sua fama como uma das mais importantes cidades comerciais da Inglaterra, é o maior porto da região Norte, o qual representa um grande foco de relações comerciais com a Suécia e demais países nórdicos, Estados Unidos e o próprio mundo.

O barco atracou, e Daniel galgou o portaló. Agora sim; encontrava-se em terra estranha! Era uma sensação tão solene, aquela de poder colocar os pés em solo estrangeiro...

Procederam-se a seguir as formalidades alfandegárias, cujos papéis se encontravam todos em devida ordem, como se exigia. Os augúrios do pastor luterano acabavam de cair por terra, não tendo jamais se cumprido em sua vida. Quando ele levou o atestado de transferência à expedição pastoral, o ministro ainda teve o desprendimento de desejar-lhe um "Boa sorte, então...".

Dirigiu-se às ruas calçadas de pedras, nas agitadas imediações do porto. E, a partir das instruções que recebera anteriormente, seguiu em direção à estação ferroviária vizinha, de onde o trem para Liverpool partiria em poucos minutos.

O ranger das rodas das carroças, ora puxadas por cavalos, ora por laboriosos e obstinados mendigos, parecia soar com maior nitidez quando se trafegava nos estreitos becos debruados de casas construídas com pedras seculares. Este som misturava-se aos gritos roucos das gaivotas, qual alarido de muitas tabernas.

Acima da multidão, podia-se ver aqui e acolá, um chapéu de cano alto, cujo dono, assim como tantos outros, para fazer notória a sua importância, munia-se de

uma brilhante e reluzente corrente de ouro que ia até o bolso esquerdo, onde era fixada por uma presilha.

Tais senhores atiravam, de quando em vez, moedinhas aos infortunados mendigos e criancinhas, esperando, com este gesto, observar com prazer a loucura com a qual se acotovelavam na hora de apanhar a dádiva.

Nesta corrida, eram sempre os mais fortes os que venciam, ou então os mais espertos, que batiam em retirada fazendo esvoaçar seus molambos, a fim de salvar seu vintém e trocá-lo por um pedaço de pão.

Dentro da estação ferroviária, descansava a resfolegante locomotiva que haveria de carregar os vagões de ponta a ponta, de Leste a Oeste, Inglaterra adentro. A fumaça da locomotiva tinha cheirinho de viagem e o prenúncio de novos tempos que, por sua vez, agora tinham por nome "Liverpool". Dali sim, partiria o navio que haveria de conduzi-lo à terra do futuro.

O congestionamento dentro dos vagões era intenso. Daniel, assim como muitos outros, fora obrigado a ficar de pé, já que boa parte dos assentos estava ocupada, e a prioridade era guardar lugar para famílias com crianças. A paisagem em si não diferia tanto da de sua terra natal, exceto pelas muralhas de pedra e todos aqueles carneiros que tinha oportunidade de ver.

Durante o percurso final, foi-lhe possível arranjar um lugar para sentar-se um pouco, embora tivesse de lutar muito contra o sono a fim de preservar a bagagem.

Cansado e com fome, chegou à grande cidade, onde procurou o hotel no qual havia reservado quarto, e cujo custo estava incluído no preço da passagem. Lá se instalando, pôde finalmente saciar a fome e a sede. Depois de desfeita a bagagem, caiu exausto na cama.

A manhã estava ensolarada e sem nuvens, mas uma espécie de mormaço pairava sobre a cidade. Fumaça es-

cura esvaía das altas chaminés, que parecia sair de todos os cantos. Uma cidade grande, Liverpool!

Em suas perambulações pelas ruas e becos, foi como se a História viesse ao seu encontro.

Os inúmeros edifícios práticos e de rica arquitetura serviam para testificar da prosperidade e sucesso dos comerciantes ricos, da mesma forma com que os incontáveis cubículos, nas suas fachadas, claramente descreviam as precárias condições de seu interior.

A cidade, cuja idade era a mesma de Estocolmo, havia, em conseqüência de já ter sido uma pequena região pesqueira, se transformado numa cidade portuária de proporções cosmopolitas. Sua localização geográfica, próxima do mar Irlandês e dos rios Leeds e Manchester, favorecia a criação de um porto de comércio exterior comum, onde os cais se estendiam por mais de 60 quilômetros, e algo em torno de 100 represas mantinham a água num nível ideal, entre o mar e o rio. Um orgulho do império, construído por escravos que vieram de navio de colônias africanas durante o século XVII, Liverpool tornou-se uma potência no ramo da comercialização de escravos. Só entre os anos de 1783 e 1793, cerca de 300.000 escravos foram enviados de navio através do Atlântico, metade dos quais via Liverpool, com destino à América e às colônias espanholas. Este negócio foi mais do que lucrativo e, subsidiado pelos comerciantes de Liverpool, constituiu-se na pedra angular do enriquecimento de toda uma nação.

Mas os escravos não haviam batido no peito orgulhando-se do trabalho findo. A honra e a fama foram dadas àqueles que, de chicote na mão, transbordavam de ouro.

Os dias que Daniel tinha à sua disposição em Liverpool estavam chegando ao fim. O grande calendário pendurado na parede do hotel registrava o dia 11 de março de 1902.

O esperado dia para a longa viagem havia chegado. Depois de haver dobrado seus joelhos ao lado da cama e agradecido a Deus por tudo, orando para que as asas protetoras dos seus anjos estivessem sobre ele e todos os de sua casa, partiu em direção ao local onde esperava o barco que o haveria de levar através do imenso oceano, rumo à terra do futuro. Daniel se sentia gratificado em já ter tido a oportunidade de conhecer tantas coisas grandiosas, que nunca imaginara existir, ao mesmo tempo em que se sentia pesaroso ao constatar o rumo que as coisas haviam tomado naquele país.

Era simplesmente inadmissível aos que se dizem servos de Deus portarem-se de tal maneira. Tornaram-se tão grandes ante os olhos do mundo, que se haviam outorgado o direito de ocuparem lugares de honra na Igreja em retribuição à própria generosidade depositada no ofertório de ouro e prata. Tais donativos tinham a finalidade única de enfeitar as vestes das imagens e aumentar a barriga do pároco.

Abria-se caminho para a instauração da aliança profana entre a Igreja e a burguesia, certamente não fundamentada nas leis do amor nem apresentada diante da comunidade para prévia aprovação. Tal união havia levado a um casamento de conveniência onde o noivo, os homens poderosos, prometia grandes quantidades de ouro e prata, e a noiva, a Igreja, prometia protegê-lo da tão ingrata ralé, com suas reclamações.

Lá, bem no fundo da igreja, ou na galeria desta, os humildes sentavam-se para encontrar conforto e consolo nas necessidades, que jaziam penhoradas pelos poderosos. Não havia consolo nem conforto, porém apenas as mais duras exortações e reprimendas.

O deus Mamon parecia, ao final da missa, encerrar a cerimônia fazendo seus rosados e rechonchudos querubins assoprarem suas arqueadas cornetas de ouro, em majestosa fanfarra triunfal. Os poderosos dependiam do apoio

da Igreja para garantir suas aspirações à soberania. Conseguido isto, os párocos se encarregariam de consolidar as posições destes através do púlpito. Só assim seria ofuscado o orgulho dos rebeldes e os rumores sobre arbitrariedades e regalias dos detentores do poder.

Daniel não teve dificuldades em localizar a embarcação. Esta não era muito grande, mas podia-se dizer que era bem maior do que as demais que se achavam atracadas no cais. O som de vozes que se misturavam no ar, mais a quantidade de pessoas que se apertavam em direção ao portaló, possibilitavam o reconhecimento do navio prestes a zarpar.

Tudo parecia irremediavelmente pobre, tanto o barco quanto as pessoas em volta deste.

Ele já havia lido a respeito de como era antigamente, quando os primeiros navios de imigrantes atravessaram o Atlântico. Algumas embarcações demoravam cerca de cinco semanas, dependendo do tempo e das condições meteorológicas. O movimento de pessoas e as necessidades reviviam tudo aquilo. As companhias de navegação estavam cientes da classe de passageiros que iria predominar, caso mantivessem os preços das passagens compatíveis. Um número máximo de passageiros seria automaticamente transportado a preços mínimos, com alimentação. O restante não lhes era motivo de preocupação. Se algum passageiro se punha a reclamar, era-lhe oferecido de volta o que havia pago.

A fila para se chegar a bordo era longa, mas a vez de Daniel havia chegado. Ele assinou a lista de passageiros e, já a bordo, um oficial lhe indicava o caminho. Descendo pela escada de corda, parou perplexo diante do que se apresentava a seus olhos. Sob a fraca iluminação de algumas lâmpadas incandescentes sujas de poeira penduradas no teto, pôde ver os "milhares" de beliches amontoados em vários andares. À frente destes, haviam instalado uma divisão de cortinas que eram puxadas ao deitar-se. O

chão estava coberto com algo que lembrava serragem, tal qual num possível transporte de animais.

Os passageiros, um a um, iam sendo orientados sobre o espaço que iriam tomar durante a viagem.

Fervia de gente por todos os lados.

Daniel dispunha de um pequeno armário ao leito, onde tinha guardados os seus poucos pertences. A viagem tinha tudo para correr às mil maravilhas. Ele estava sozinho; era jovem e, além de tudo, forte. A viagem não deveria ser fácil para aqueles que possuíam famílias com filhos pequenos; e, igualmente difícil seria para os idosos. A viagem prometia levar menos tempo do que se estivessem velejando. Aquela embarcação a vapor iria transportá-los para o outro lado do Atlântico em exatas duas semanas. Dia 25 de março, portanto, chegariam lá.

Na parte de cima do convés, era como ter um encontro marcado com a saúde e o bem-estar. O sol, acompanhado do ar puro e saudável, proporcionava a Daniel profundas e gostosas tomadas de ar. Liverpool era agora contemplada ao longe e, com a mesma velocidade que a aumentava a distância, a cidade lhe parecia cada vez menos atrativa e interessante aos seus olhos.

Quantas coisas novas já havia tido a oportunidade de conhecer em tão pouco tempo longe da Suécia! Certamente, tempos nada animadores estariam assolando a sua terra natal. Mas na Inglaterra, onde tudo parecia tão grande, e o número de pessoas, excepcional, a realidade não se apresentava nem um pouco menos conturbada. Na Suécia, pelo menos, ele ainda se valia de sua casa com o aconchegante fogo de lenha na cozinha, além, é claro, de poderem conversar entre si; com poucas palavras, faziam-se entender. O idioma inglês provavelmente não iria ser tão fácil de aprender.

Um barulho forte, típico de tampas e panelas batendo, interrompeu Daniel em suas reflexões, anunciando que

era hora de comer. Vinha do outro lado do convés, e as pessoas já começavam a se reunir. Os passageiros foram orientados a se colocarem em fila para que lhes fossem distribuídos pratos de alumínio, canecas e colheres, os quais cada um deveria conservar durante todo o percurso da viagem, responsabilizando-se inclusive pela lavagem destes utensílios. Já de posse desses objetos, o negócio era chegar o mais rápido possível à proa a fim de se garantir os melhores lugares noutra já sinuosa fila, à frente de duas panelas gêmeas, das quais saía um vapor que insinuava estar a comida quente.

Chegando a vez de Daniel, colocaram em seu prato um líquido amarronzado, onde pedaços de alguma coisa flutuavam por todos os lados. E, com água para beber na caneca, procurou um lugar para se sentar e comer. A quentura do alimento até que lhe caía bem no estômago.

Uma vez terminada a refeição, era hora de se colocar a posto em mais outra fila, onde cada qual se encarregava de lavar a própria louça na única torneira existente. A vasilha era guardada depois embaixo do travesseiro.

Os dias iam passando, e a viagem, por seu turno, caminhava rumo ao fim. Daniel agradeceu a Deus pela viagem, a despeito de tudo, haver corrido tão bem.

Certamente, havia ele sentido falta do gostoso leite gelado de sua casa mas, tendo em vista a extensão da viagem, teria sido impossível carregar consigo mercadorias frescas.

Muitas lições haviam sido aprendidas, como por exemplo: quanto mais difícil era a comida descer estômago abaixo, tanto mais fácil era tê-la de volta, estômago acima.

Sob a luz fraca e trêmula das lâmpadas incandescentes, Daniel escrevia cartas aos seus. Elas deveriam estar prontas para serem postas no correio, tão logo o barco atracasse em Boston. Isso é o que ele havia prometido aos seus familiares na Suécia.

4

Boston

Daniel deteve-se junto à escada de corda, segurando firme a bagagem. Agora, a realização do seu objetivo estava tão próxima quanto jamais estivera: restava-lhe apenas a iniciativa de deixar o barco e pisar em terra o quanto antes.

A costa já apresentava características de terra dos sonhos, onde tudo tinha a aparência tão grandiosa e imponente. Voltou os olhos na direção do sol. Este passava-lhe a impressão de ser muito maior do que aquele de sua aldeia em Vargön e refletia nas ondas qual uma promessa e uma saudação de boas-vindas ao novo continente.

A fila atrás dele ora já se achava por demais extensa; valera mesmo a pena ter se postado ali com tanta antecedência.

Encontravam-se ali muitas famílias com crianças pequenas. Em que condições sobreviveriam no novo país? Certamente se jovens, robustos e saudáveis como ele o era, mais dia, menos dia, tudo se ajeitaria de alguma forma. Arcar com a responsabilidade de toda uma família e, além disto, ainda não poder contar, à chegada, com a

recepção calorosa de amigos, era um empreendimento por demais ousado. Por outro lado, apesar dos gastos extras com a viagem (a bagagem de muitos constituía-se apenas de roupas velhas e rotas e embrulhos em geral), tais pessoas demonstravam serem pessoas no mínimo muito arrojadas, ao apostarem numa viagem de tal porte. Deixar para trás as coisas velhas e emigrar, aventurar-se a se estabelecer, tomar uma resolução e dela tratar sigilosamente, revelava grande determinação, requisito, aliás, imprescindível para os que buscavam a concretização dos seus ideais. Oxalá tudo lhes corresse bem!

Destinos diferentes estavam à espera de cada viajante.

O calendário marcava 25 de março de 1902 quando o barco atracou no porto de Boston.

Antes mesmo de pisar em terra, Daniel já observava as pessoas e as carruagens, um ou outro carro que passava. Tudo e todos pareciam mover-se com maior ligeireza que no Velho Mundo.

Após o desembarque, parecia não haver espaço que estivesse descongestionado. Todos davam a impressão de estarem sempre com seus minutos contados. Não havia a menor condição de ficar estacionado em algum lugar, com o olhar distante, a meditar sobre a longa jornada que chegara ao fim.

A princípio, seria necessário dirigir-se a alguma casa de câmbio, onde pudesse trocar por dólar as poucas cédulas suecas e inglesas que tinha em mãos. E quão belas eram as novas cédulas! "Em Deus nós confiamos", era a inscrição que se lia. Imaginem só, ter algo desta natureza inscrito numa cédula! Calculem se o governo sueco também o permitisse! Ele havia acabado de chegar a uma terra onde as pessoas tinham ampla liberdade de declarar a sua fé em Deus; um país, em cuja constituição estava prescrito que foram os eleitores que outorgaram a autoridade ao Estado para decidirem em seu nome.

Só agora, então, encontrava-se em condições para enviar as cartas à sua família.

No entanto, não havia ainda sido alcançado seu objetivo final. Precisava encaminhar-se à ferrovia que o conduziria até Providence, capital do Estado de Rhode Island onde, informado por um amigo, tomara conhecimento da possibilidade de se conseguir emprego em alguma fazenda na zona rural. O costume era procurar pessoas que não fossem ociosas, ao contrário, procurava-se pessoas que, de fato, fizessem jus aos seus salários. Ociosidade era algo que jamais pertencera à personalidade de Daniel. Tinha tudo para ser bem-sucedido e, no que se referia ao ordenado, pessoalmente não tinha ele grandes necessidades a suprir, a não ser as de seus gastos com alimentação e vestuário e de enviar dinheiro a seus pais a fim de saldar a dívida com a venda onde comprara os alimentos a crédito. Não foi preciso gastar muito tempo à procura de emprego. Foi logo contratado por uma fazenda de grande porte para preencher a função de tomar conta de cavalos. Ser moço de cavalariça, implicaria na obrigação de puxar pesadas carroças, quando não fosse obrigado a puxá-las sozinho, mediante uma eventual recusa dos cavalos, nas regiões íngremes e lamacentas. Em tais situações, não tinha ele outro recurso senão o de colocar a carroça sobre os ombros e arrastá-la da melhor maneira que pudesse. Às vezes, quando o transporte era de pedras, o trabalho se tornava tão pesado que elas pareciam inamovíveis, com o agravante que não podia contar com a ajuda de ninguém. Freqüentemente, olhava à sua volta e não percebia nenhuma disponibilidade por parte dos outros trabalhadores que se encontravam cada qual envolvidos em suas próprias atividades. Mesmo porque, não tinham estes quaisquer obrigações, senão as de executar suas próprias tarefas. A função de moço de cavalariça era sua, e de ninguém mais. Ao chegar ali, teria ele preferido executar trabalho de jardinagem. Amava as

flores e teria grande prazer em cuidar delas, acompanhando-lhes o crescimento, tal era o desvelo com o qual poderia tratá-las. Mas o chefe teria julgado que a suave tarefa de cuidar de flores não cairia bem a um rapagão robusto e encorpado como ele, achando por bem confiar a tarefa a mulheres, até porque sua mão-de-obra seria conseguida a preços mais reduzidos. Não queria admitir para si mesmo o fato de que não tinha mais forças para continuar. Não obstante tivesse um físico privilegiado, não queria isso dizer que estivesse na plenitude de sua força física; seu físico achava-se ainda em processo de desenvolvimento. Aquela conversa de "manda o sueco fazer, que ele é grande e forte" nem sempre correspondia à realidade.

Durava já algum tempo sua temporada neste emprego. A estas alturas, seu corpo já não tinha mais estrutura para continuar. Chegava o momento de sair a procura de outro serviço. Considerava-se já com os pés apoiados em solo mais firme, tendo já certo domínio do novo idioma e conseguindo até fazer-se entender razoavelmente.

Quando se dirigiu ao chefe para comunicar sua demissão, experimentou uma sensação de alívio, embora aquilo futuramente pudesse vir a representar uma certa instabilidade para sua vida. Pediu a direção de Deus, que em outras épocas lhe fora tão abundante.

Daniel adorava a tranqüilidade da natureza, pois era quando podia estar a sós, na presença de Deus, além da vantagem de poder isolar-se da barulheira causada pelos outros empregados, com suas gargalhadas grotescas que, ora jactanciosamente, ora com indícios de auto-confiança, pareciam querer chamar a atenção sobre a sua própria excelência. De certa forma, Daniel os compreendia. Tratava-se de uma simples tentativa de promover-se a si mesmo, já que ninguém se dignava a fazê-lo. Mas isto era uma questão de índole do indivíduo. Alguns entendiam que o

querer fazer-se ouvir seria um mal necessário, ao mesmo tempo em que os seus cotovelos serviam-lhes para abrir caminho na luta pela sobrevivência. Talvez fosse desconhecida a Daniel a sensação de assumir um estilo de vida que não fosse compatível com a sua forma de sentir e viver. Não havia como Daniel pudesse proceder de modo contrário aos seus princípios. Se tal acontecesse, que tipo de pessoa estaria ele correndo o risco de ser?

Daniel, em meio às suas peregrinações, agora acabava de chegar à província da Pensilvânia - o reduto dos quacres, às margens do rio Delaware, centro de petróleo e manipulação de ferro e aço.

Daniel podia sentir como se a própria mão de Deus o guiasse àquela província. Ali, certamente teria condições de encontrar um emprego onde os pré-requisitos para ser bem-sucedido não implicassem, única e exclusivamente, em força física.

Seu desejo maior era fabricar algo. Algo que pudesse ser produzido em diferentes escalas de qualidade; onde seus sentimentos de desvelo e capricho alcançassem alta expressividade e a satisfação e o orgulho pelo resultado obtido pudessem fazê-lo sentir a convicção de que, com honestidade e sempre querendo caprichar, dera o melhor de si e, com isto também contribuiria para o enriquecimento da própria auto-estima.

Procurou emprego como aprendiz de fundição e, ao conseguir uma vaga, foi acometido de enorme alegria. Agora sim, teria oportunidade de melhor realizar seus propósitos! Lutava conscientemente e sentia que estava crescendo interiormente a cada dia.

Ao final de alguns anos, ele recebia em mãos a prova concreta de sua habilitação profissional - um diploma, que o legitimava como fundidor especializado.

À medida que seu salário ia sendo consideravelmen-te reajustado, Daniel sentia-se mais bem situado e estabilizado.

Decorridos cinco anos de sucesso no exercício da função, a qual cumprira com satisfação e afinco, nada mais justo que cumprisse a exigência de filiação ao sindicato. Não tendo qualquer interesse de se envolver em questões políticas, que automaticamente lhe cercearíam a liberdade, Daniel viu-se compungido a pedir demissão, a despeito dos protestos do patrão e da sua própria vontade. Provavelmente também estivesse Deus por trás daquilo.

A idéia de rever os pais enquanto ainda estivessem vivos, bem como a seus irmãos, amigos e o vilarejo onde havia se criado, era cada vez mais latente.

Neste ínterim, arranjou um serviço temporário num armazém de frutas.

Daniel sentia-se agora muito mais seguro de si. Afinal, tinha em mãos dois ótimos trunfos: um certificado e um diploma que, apesar de serem ambos provenientes do mesmo lugar, testemunhavam acerca da sua grande determinação e do contentamento do patrão quanto ao seu trabalho e lealdade durante os cinco anos que estivera empregado. Contava também, a seu favor, as inúmeras vezes em que seu salário fora reajustado, como recompensa por sua notória diligência. Podia-se dizer que ambas as partes se davam por satisfeitas uma com a outra, em razão do dever cumprido.

O vendedor de frutas tinha um grande depósito que acabou por se tornar o local de trabalho de Daniel. As caixas não eram lá tão pesadas, mas pediam um rapaz que tivesse força suficiente para carregá-las.

Ali, não seria de sua competência fazer a moldagem dos produtos, esta era função do mestre. Sentia pelo alimento algo como uma veneração, e via-se na obrigação de manejá-los com todo o zelo do mundo. Aquilo que tinha sob os seus cuidados era, nada mais nada menos que um presente de Deus à humanidade.

O tempo havia voado. Quando Daniel se despedia do vendedor de frutas, recebeu deste uma banana e uma bolacha de especiaria típica americana, como símbolo dos seus votos de prosperidade. O vendedor chegou mesmo a desejar que a viagem fosse por curto prazo e logo tivesse a Daniel de volta, se Deus assim o permitisse.

5

A Chegada ao Lar

A embarcação fez soar três apitos para a partida. Desataram-se as âncoras, e o barco começou a se distanciar. Seu último vínculo com a América estava rompido.

Ali, Daniel passara seis longos anos de sua vida. A propósito, teriam sido eles realmente longos? Certamente haviam sido anos muito bem aplicados e construtivos. Durante todo o tempo, havia permanecido em atividade e, graças a Deus, gozando sempre de boa saúde. Com persistência havia lutado, sem qualquer sentimento de auto-piedade, jamais se estagnando ou deixando que a inveja o assolasse.

Muito havia orado a Deus, e dEle recebido direção, embora também reconhecesse a necessidade de uma iniciativa própria, a fim de que o Senhor o poupasse de atribuir suas falhas às circunstâncias e à influência de terceiros.

Igualmente importante seria tentar chegar a uma definição de qual seria o seu objetivo de vida e estabelecer, para o futuro, aquelas metas que dariam satisfação e sentido à sua existência. Para isso, era essencial ser dota-

do de um espírito reto. "Boas recordações depois da morte iam empalidecer, mais cedo ou mais tarde". O mais importante era a consciência do seu dever para com o próximo. Assim, quando no Juízo Final, tivermos de prestar contas perante o Livro da Vida, cujas páginas são esquadrinhadas à luz da verdade e da justiça, far-se-á a prova real do que teria sido uma vida verdadeiramente embasada nas leis do amor e da honestidade.

A temporada na América propiciara-lhe certa independência que o ensinara a desfrutar de toda liberdade sem, com isso, despojar-se de sua responsabilidade.

Voltou seu rosto ao mar, e pensou que, na extremidade oposta, estaria o seu país de origem, a Suécia. Sentiu um bem-estar. Ele não estava retornando na condição de homem derrotado, ou sob pressão de ter que se justificar por um possível fracasso, situação esta que causaria desgosto aos familiares e regozijo aos seus desafetos.

Sem muita demora, havia conseguido enviar dinheiro para que seus pais pudessem quitar suas dívidas junto à venda. Passado este período, ainda lhe fora possível continuar contribuindo financeiramente com seus pais até com certa freqüência. Agora, restava-lhe algum dinheiro no bolso, a fim de que não precisasse atribuir culpa alguma a alguém. Roupas novas, tinha ele, e sua bagagem era toda confeccionada em couro. Os presentes para os seus ocupavam, nela, grande espaço. Fizera um estudo meticuloso de qual presente caberia a cada membro de sua família.

O barco, em si, em nada se assemelhava àquele que o trouxera. A sua volta, tudo muito asseado, sem contar que ele, desta vez, teria para si um verdadeiro camarote - nada de "repartições de pano". No percurso da viagem de trem até Vargön, haveria de contemplar uma Suécia em plena estação de verão. Certamente não haveria lugar no mundo que se comparasse a tamanha beleza. E quão

delicioso era aquele vento que, mesclado ao cheiro da terra quente, das plantações e das flores campestres, era assoprado contra o céu, como num verdadeiro cântico de ação de graças ao seu Criador!

O trem freou ruidosamente para dentro da estação. Daniel segurou firme a bagagem de mão, e iniciou a caminhada rumo ao lar paterno. Tudo tinha um aspecto tão idílico, e as casas pareciam tão pequenas! Fixou os olhos na moradia do pastor luterano. Lá estava o suntuoso edifício, com todo o seu esplendor. Representando ele o símbolo do poder local, que tomava conta tanto das questões espirituais como das do mundo, todos os moradores da vila faziam-lhe reverências. Daniel não mais sentiu-se estar entre aqueles que, sem refletir, aceitavam a linguagem do poder. Ele sabia da forte posição que tinha a igreja do Estado. E o pastor, como seu funcionário, tinha, como na Inglaterra e em todos os países onde a Igreja e os homens poderosos andavam de mãos dadas, de transmitir suas ordenações para o pobre povo. O pastor de Vargön também estava, especialmente na época da "febre das Américas", ciente do fato de que, no interesse da indústria local, deveria tentar impedir que a vila conservasse os poucos braços que possuía. Os que mudavam eram os mais fortes e de maior iniciativa. E não se achavam mais à disposição da usina que dominava a vila. Os que não eram necessários, ficavam desempregados. Eram uma espécie de reserva, a ser usada quando ela precisasse substituir um ou outro trabalhador.

Daniel sentia-se pesaroso diante do pensamento daqueles que haviam sido explorados noutros tempos, mas ao mesmo tempo alegrou-se pela liberdade e independência a ele concedidas pelo Senhor. Ele era uma pessoa livre! Vez ou outra, cruzava com pessoas durante o seu trajeto. Sentia-se totalmente exposto aos seus olhares curiosos. Não passava ele de um estranho que surgira

com o trem, com duas grandes malas de viagem, vestindo roupas de corte estrangeiro. Seria possível que Daniel Högberg estivesse de volta? Lá estava ele, à frente da porteira de casa, colocando as malas no caminho. A intensidade do momento era tão grande, que ele foi obrigado, por alguns instantes, a ficar estático a fim de recobrar o controle emocional. Estava agora galgando os últimos degraus, nas imediações da varanda, que o conduziriam à porta da casa. Dentro de poucos instantes, porta adentro, poderia avistar-se com os seus. Todavia, sua alegria se achava algo perturbada por um certo receio: o da mudança que porventura fosse encontrar ao final de seis longos anos, tempo este suficiente para causar as mais profundas alterações nas pessoas, quer sejam elas jovens, quer sejam idosas. E os seus pais agora estavam nesta faixa de idade avançada. Surge na janela a figura grisalha de uma mulher. "Daniel!" - ouviu alguém dizer no interior da casa. Abre-se a porta externa e, algo cambaleante, caminha em sua direção um casal em cuja aparência podia-se vislumbrar as marcas do tempo. Nos rostos enrugados, olhares marejados de lágrimas e emoção ao darem as boas-vindas ao filho que corria ao seu encontro, pronto para estreitá-lo nos seus braços. O tempo não os havia maltratado tanto; nem a seus pais, nem a seus irmãos. Sua irmãzinha, que quando partira não passava de uma criancinha, havia se transformado numa verdadeira mocinha, ou que pelo menos tudo fazia para assim o demonstrar. Os demais irmãos também haviam crescido e, por assim dizer, adquirido personalidades próprias. Eles não cabiam em si de tanto entusiasmo e satisfação pelos presentes recebidos e davam a impressão de serem aqueles presentes as coisas mais preciosas que jamais possuíram em suas vidas. Daniel sorriu. Sentia-se bem, e espreguiçou-se ligeiramente. Agradeceu a Deus por toda felicidade e êxito concedidos. Os pais perscrutavam-lhe com orgulho, ao mesmo tempo que os irmãos lançavam-lhe

olhares de admiração. Os corações estavam inundados de ternura e calor. Em situações normais, Daniel era uma pessoa taciturna, de poucas palavras. Agora, porém, relatava com todo entusiasmo os episódios de sua vivência no grande país, e sentia-se gratificado em não ter regressado à terra natal na condição de filho pródigo e, sobretudo, em não haver sido causador de possíveis desgostos nos seus familiares. Pelo contrário, fora responsável por grande parte de suas alegrias.

Subiu a largos passos encosta acima, rumo à casa de seu melhor amigo de infância. Daniel ouvira que Pethrus, há tempos deixara o lar paterno e vivia constantemente em viagens, mas ele teria o mesmo prazer em visitar a casa dele, onde sempre fora bem-vindo, e assim poderia saber das últimas notícias de seu grande amigo.

À mesa do café foi que tomou conhecimento de que provavelmente ainda demorasse algum tempo antes que Pethrus viesse lhes fazer uma visita. Ele atuava agora como pastor na cidade Lidkoping e anteriormente já estivera na Noruega, onde era iniciada a expansão de um novo movimento espiritual. Um movimento que se caracterizava por prestar grande importância à graça e ao batismo no Espírito Santo. Aquilo havia se tornado tão real para Pethrus, ao ponto de fazê-lo acreditar ser sua missão de vida levar aquela mensagem avante.

Daniel, ao ouvir tão auspiciosa notícia, tomou a decisão de ir à procura de seu bom amigo. Quando chegou em Lidkoping era bastante tarde, e o culto já havia começado. Do lado de fora do templo, já se ouvia um suave murmúrio. No momento em que a porta se abriu, o som dos louvores era tão grandioso, que parecia ecoar nas alturas. No púlpito, de braços erguidos, como que mostrando o caminho, estava seu amigo, Pethrus.

O templo estava repleto. Daniel procurou um lugar vazio e encontrou-o bem atrás, onde dobrou os joelhos e

louvou a Deus com ações de graças, juntamente com seus irmãos.

Terminados o culto e o período de comunhão, quando as últimas pessoas já deixavam o templo, Daniel dirigiu-se ao púlpito onde, com muita alegria, pôde abraçar seu amigo de infância. Lembranças dos tempos de juventude vieram à tona.

Daniel havia lido recentemente na Bíblia acerca do batismo no Espírito Santo; este foi o momento em que pôde compartilhar as experiências de seu amigo, ocasião em que puderam orar juntos. Daniel sentia em seu amigo um modelo de fé a ser seguido. Seu reencontro, no entanto, não durou muito, pois não tinham tempo a perder; tinham ambos em mente servir a Deus onde quer que Ele os levasse.

Pethrus admitia que o seu lugar fosse ali, na Suécia, ao passo que Daniel sentia que seu lugar seria em algum canto qualquer do mundo. Desejaram a bênção de Deus um para o outro, e Daniel partiu de volta para o seu destino. Seu desejo era desfrutar ao máximo o tempo que lhe restava na Suécia, em companhia de sua família. A despedida, desta vez, apresentava um quê de diferente. Seus pais haviam agora se certificado da capacidade de seu filho em cuidar de si mesmo, sob a proteção de Deus. Agora, tinha ele acima de tudo, um objetivo definido na vida; eles podiam claramente enxergar tal determinação nos ternos olhos de Daniel, e não demonstravam a menor intenção de ser uma pedra de tropeço no seu caminho. O máximo que poderiam fazer era dar aos seus projetos toda bênção e apoio possíveis. Certamente nem sempre o caminho mais fácil aos nossos olhos seria o melhor. Amar pressupunha dar, e não apenas receber. Particularmente, não teriam eles oportunidade no mundo de outro reencontro. Restava sempre algum resquício de esperança, por mais tênue que aquela chama cintilasse. Assim

era o curso da vida. Antes da partida, oraram uns pelos outros, e Daniel falava com convicção acerca da vida eterna - o paraíso eterno, onde todos haveriam de se encontrar, para jamais então se separarem. Durante a travessia, Daniel debatia-se em oração. Uma verdadeira luta que resultou, por fim, em vitória do espírito sobre a carne. Todas as cadeias foram quebradas! Havia alcançado libertação. Passada aquela batalha espiritual, que parecia também querer atingir seu corpo físico, suas limitações e dúvidas caíram por terra. Uma nova vida estava à sua espera. Agora, tinha ele completa ciência de onde pudesse encontrar a verdade e a ela caberia a missão de conduzi-lo pelos becos e ruas onde Deus queria que ele estivesse, para anunciá-la a todos quantos estivessem dispostos a ouvi-la.

Só o Senhor é grande e digno de ser exaltado!

Seu próprio sobrenome, Daniel o mudara de Högberg para Berg.

(*Hög* significa "alto" em sueco.)

6

O Encontro com Gunnar Vingren

Agora, Daniel estava de volta à grande cidade exportadora de carne de porco, Chicago, e ao comércio do vendedor de frutas, que o recebeu de braços abertos. Ele tinha esperanças de que Daniel desta vez prosseguisse com ele, mas Daniel argumentava que caberia a Deus conduzir o seu futuro.

Durante o período de um ano que ele passou ali, a Igreja Batista Sueca, que se tornara para ele lar espiritual, realizou uma conferência no mês de novembro de 1909. Pessoas de todas as bandas ali se reuniram. Desde então, já haviam passado alguns meses. Daniel guardava a especial lembrança de um rapaz sueco com quem conversara, que também morava nos Estados Unidos há alguns anos. Após haver se formado pelo Seminário Batista Sueco, atuava como bem-sucedido pastor na capital do estado vizinho, Indiana, na cidade de South Bend. Ele havia se revelado um ardente aspirante ao batismo com o Espírito Santo, e decidiu participar da conferência. Depois de inúmeras vigílias em oração, tornou-se também participante do Espírito do Pentecostes.

Seus antigos planos, de atuar como missionário em Siam, tiveram de ser renunciados. Seu chamado missionário, no entanto, permanecia intacto. Caberia a Deus decidir o lugar para onde ele deveria ir.

Gunnar Vingren era o seu nome. Fisicamente, ele e Daniel eram totalmente diferentes, pode-se dizer contrastantes, mas eram ambos jovens. Gunnar, na época, acabara de completar 30 anos, e Daniel tinha 25. Durante as conversas sobre coisas espirituais, constatou-se que suas idéias coincidiam no principal, e ambos estavam cheios do Espírito.

Certa manhã, como de costume, Daniel estava a caminho da quitanda para trabalhar, quando ouviu dentro de si uma voz insistente a chamá-lo para ser instrumento seu em um campo missionário, e ir à procura de seu amigo no estado vizinho, com quem tivera tão edificante conversa.

Daniel contou a seu patrão e agora amigo os seus planos e as decisões que havia tomado, e agradeceu ao homem o tempo que passara ali. O patrão achava que Daniel deveria segurar sua vaga e servir ao Senhor durante o tempo livre em Chicago. Havia, de qualquer forma, uma necessidade a ser suprida a curto prazo. "Por que, então, procurar outros lugares?" Daniel explicou que levaria tudo até as últimas conseqüências, e que estava totalmente desimpedido para ficar à disposição do Senhor.

Esgotados os argumentos do patrão, este, decepcionado, entregou-lhe 25 dólares, uma banana e uma bolacha, como forma de dizer que jamais lhe faltasse o alimento, desejando-lhe tudo de melhor em sua jornada pela vida.

Daniel percorreu 100 quilômetros a caminho de South Bend para, juntamente com Gunnar, adorar a Jesus e pedir sua direção no tocante ao caminho que haveriam de seguir dali para a frente.

A alegria pelo reencontro foi grande. Daniel acompanhava o amigo aos cultos cheio de satisfação em poder testemunhar a todos sua maravilhosa conversão, e que a salvação poderia ser procurada por todos. Ele sentia como se Deus o chamasse a prosseguir testemunhando como missionário em terras estranhas. Ambos buscavam dia e noite a direção de Deus, para que Ele revelasse sua vontade em suas vidas.

O Senhor, então, ordenou que fizessem uma visita a um irmão da congregação, batizado no Espírito Santo, chamado Adolf Ulldin, proprietário da casa onde Gunnar se hospedava.

Pouco tempo antes, um pequeno e perseverante grupo de oração havia se reunido em sua casa. Deus, ali, revelara a esse homem que Gunnar tinha um chamado missionário para o Brasil. Agora, algumas pessoas buscavam uma revelação do Senhor. Que Ele lhes mostrasse o caminho e traçasse-lhes o futuro. Ali - na cozinha - o Espírito do Senhor veio de forma poderosa sobre Adolf Ulldin, usando-o para intermediar a mensagem sobre o chamado missionário de Daniel, também para o Brasil. Claro como a luz, ele via a palavra "Pará", que entendeu ser o nome de alguma cidade. Nenhum dos presentes escutara tal nome, sequer imaginavam sua possível localização.

Daniel e Gunnar foram à biblioteca da cidade, onde, pela primeira vez, puderam ver a palavra "Pará", por escrito. Acharam-na em um país estrangeiro, logo ao sul da linha do Equador, na fronteira da selva quente e úmida.

Seria realmente possível servir ao Senhor em lugar tão longínquo, onde tudo era absolutamente estranho - o clima tropical, o idioma, a cultura e as pessoas? De que maneira manteriam contato com tais pessoas? Suportariam aquele clima, ao qual não estavam habituados, com o risco de febres e outras doenças?

Certamente havia pessoas mais preparadas para tal missão, conhecedoras do idioma e, de alguma forma, familiarizadas às condições do país. Isto sem contar o alto custo da viagem, para não falar em moradia e alimentação. De onde, afinal, tirariam dinheiro? Daniel tinha guardados aqueles 25 dólares extras. Seu último salário semanal, recebido na quitanda, fora consumido em comida e no aluguel do quarto onde agora morava. Gunnar tinha 90 dólares.

Sentiam-se ambos incapazes de executar tão grandiosa tarefa, e pediram a Deus que Ele lhes concedesse mais um sinal. Não que desacreditassem, mas antes porque duvidavam de si mesmos e de sua própria capacidade.

Cada dia, no entanto, crescia a convicção de que aquilo era de fato plano de Deus.

Certo dia, estando no meio de uma de suas longas caminhadas, as quais aproveitava para meditar, Gunnar ouviu alto e claro a voz de Deus a falar-lhe de sua vontade. Se havia alguma dúvida, estava agora por terra. E ambos louvaram a Deus. Agora, não se sentiriam mais desmoralizados na presença dos irmãos que vinham bombardear-lhes com suas preocupações, receios e conselhos contra tamanha aventura. O argumento era que, se eles queriam ser mensageiros de Deus, que o fossem ali mesmo, pois havia necessidades a suprir em lugares menos distantes, tanto em South Bend como em Chicago. Poderiam ter um trabalho secular paralelo. Já dominavam o inglês muito bem, e o clima se parecia com o sueco. Erradicando-se ali, poderiam muito bem constituir família quando quisessem e viver, assim, como gente comum.

As oposições eram muitas. A própria congregação, desde o princípio, julgava o empreendimento condenado ao fracasso, e não estavam dispostos a arcar com o sustento. Quando interrogaram os membros sobre a possibilidade de conseguir ajuda financeira para a compra de

Bíblias e Novos Testamentos em português, a resposta não foi das melhores.

Fizeram uma visita a um tal pastor Durham, proprietário de um jornal, em Chicago. Também este não se considerava em condições de fornecer qualquer apoio, embora nada tivesse contra sua separação para o trabalho de Deus. Tinha certeza de que logo estariam de volta à América.

Prepararam-se como puderam para a viagem. Pesquisaram na biblioteca tudo o que havia sobre o Brasil, e informaram-se em diferentes companhias de viagem. A passagem de Nova York até o Pará custava 90 dólares, na terceira classe, exatamente a quantia que eles dispunham. A viagem até Nova York também custaria um bom dinheiro - uma viagem de alguns milhares de quilômetros.

Durante uma vigília, Deus ordenou a Gunnar que doasse seus 90 dólares ao jornal do pastor Durham, que difundia a mensagem do avivamento pentecostal. Pareceu-lhes estranho, mas convenceram-se de que era a vontade de Deus. Gunnar entregou o dinheiro ao pastor Durham. Os missionários ficaram de mãos vazias, mas Deus revelara que nada lhes iria faltar. No mesmo dia receberam a confirmação de que seu navio partiria de Nova York no dia 5 de novembro. Era o ano 1910.

A longa viagem começou. A primeira etapa a ser cumprida era Chicago. O dinheiro, ofertado por um irmão, já não era mais suficiente. O pastor B. M. Johnson, que dirigia uma congregação da cidade, havia prometido celebrar um culto de despedida para eles, caso passassem por lá. A oferta arrecadada, no entanto, estava destinada a outro fim. Porém, quem sentisse de contribuir com a viagem, poderia colocar o dinheiro em seus bolsos, enquanto estivessem de pé, na saída, ao término do culto. No caminho de volta à sua casa provisória, foram acometidos por um sentimento de gratidão. Ao contarem a

oferta, constataram haver dinheiro mais que suficiente para chegar a Nova York, e ainda sobraria uma boa quantia. A viagem teve prosseguimento. Durante uma baldeação na grande metrópole, decidiram visitar a cidade. Teriam tempo suficiente para contemplar os arredores, até que a viagem continuasse. A bagagem, que consistia em uma pequena mala para cada um, não pesava quase nada. Seus bens materiais eram fáceis de carregar.

Ao encontro deles, vinha um homem que se distinguia na multidão. Andava vagarosamente, como se estivesse entretido em seus próprios pensamentos. Gunnar parecia reconhecer o tal homem como sendo o comerciante crente com quem havia se encontrado certa ocasião.

Ao chegarem perto um do outro, o reconhecimento foi recíproco. O homem contou-lhes que tivera um sonho na noite anterior, no qual a insistente voz de Deus mandava-lhe enviar 90 dólares a Gunnar. Ele estava justamente a caminho do correio para remeter o dinheiro. Retirando as cédulas do bolso, entregou-as a Gunnar, com o comentário de ter poupado os selos. Se o dinheiro houvesse sido enviado para o antigo endereço, ele não o teria recebido, pois não havia indicação para onde fazer seguir a carta. Nem mesmo eles sabiam como fariam quando chegassem a Nova York.

Enquanto Daniel louvava e agradecia a Deus por tão grandiosa maravilha, Gunnar contava ao comerciante como ele, por sua vez, sentira-se movido a entregar exatos 90 dólares a um jornal pentecostal de Chicago.

Estavam estupefatos pela maneira como o Senhor os conduzira, reconhecendo a importância de dar ouvidos à sua voz. Despediram-se, cheios da presença de Deus e agradecidos de poderem ser instrumentos fiéis nas suas mãos.

A grande cidade de Nova York quase lhes fez perder o fôlego, tamanha a imponência dos edifícios e monumen-

tos e o ritmo de seu desenvolvimento. Era a maior cidade que haviam visto. Alugaram um quarto barato.

Graças à generosa oferta recebida em Chicago, eles agora poderiam comprar uma mala de viagem cada um, para as roupas que haviam adquirido, próprias para o clima tropical. Os 90 dólares, reservaram para as passagens.

Circularam pelo porto, à procura de algum navio com partida marcada para 5 de novembro, com destino ao Pará. Não constava nas listas de saída nenhum navio para o dia 5. Navios com saída para outras datas já estavam lotados.

Continuaram a busca e descobriram um navio, de nome Clement, que durante algum tempo estivera nos estaleiros para conserto prolongado, estaria pronto para navegar no dia 5 de novembro. Havia vaga nele, pois, como não se sabia quando ficaria pronto o conserto, a companhia só havia feito reservas com data indeterminada. Preço da passagem: 90 dólares.

7

Rumo ao Sul

Parados à borda do navio, ambos contemplavam a costa da América a desaparecer na névoa. Agora sim, estavam a caminho do alvo que Deus lhes havia designado. Refletiam sobre como os caminhos de Deus podem surpreender às vezes.

Ficaram sabendo, por meio de um tripulante, que as malas com as roupas leves, tão apropriadas ao clima tropical, não seguiria com o navio por causa de uma greve de estivadores.

Eles chegariam ao Brasil praticamente de mãos vazias. A bagagem de mão, de qualquer modo, estava com eles, bem como algumas poucas notas de pequeno valor e moedas avulsas. Mas, acima de tudo, tinham a promessa do Senhor de que nada lhes faltaria. Bendisseram o nome do Senhor por isso.

Como bem era de se esperar, a terceira classe estava situada abaixo do convés, tão abaixo que nem sequer dispunha de ventiladores para o mar. A ventilação era péssima. O grande salão era totalmente dividido por cortinas, de forma que a companhia fizera a proeza de lá

rearranjar 25 "camarotes", cada qual com quatro beliches, que eram iluminados por uma única lamparina. No chão, por cima das tábuas rústicas, haviam espalhado serragem, já que, considerando-se o nível daqueles passageiros não se esperava tanto asseio. Especialmente, quando o mar se agitasse um pouco.

Eles eram os únicos passageiros brancos à bordo, o que, embora fosse uma sensação nova, não deixava de ser uma preparação para a nova vida que estava à sua espera.

Na hora das refeições, repetiam-se os mesmos acontecimentos de quando Daniel viajara para a América pela primeira vez. A concha de sopa e a fila para a distribuição dos pratos de alumínio serviram para reanimar suas antigas lembranças.

Naquela classe, não havia nem cadeiras, nem mesas; tinham de se sentar num tonel ou em qualquer lugar no convés que pudesse servir de assento. Em cima, o ar era puro; era onde se encontrava a torneira, na qual podiam depois enxaguar a caneca, o prato e a colher, antes de guardá-los debaixo do travesseiro para o próximo uso.

Havia murmúrios e barulho embaixo. Porém, os nossos amigos estavam cheios do Espírito, e sentiam, desde o primeiro instante, a necessidade de aproveitar cada momento para testemunhar a seus companheiros de viagem da jubilosa mensagem do Evangelho.

Davam preferência para aqueles que, de alguma forma, procuravam se isolar da ruidosa multidão para algum lugar afastado, o qual pudesse representar um convite à reflexão e ao sossego.

Não era sempre que a conversa e a mensagem caíam em boa terra, mas eles ao menos puderam presenciar um coração que havia sido tocado, o de um dos passageiros. Eles se aproximaram de um homem que estava à borda do navio, passeando o olhar pelo mar e, vez ou outra,

pelas estrelas, na esperança de ali encontrar consolo e resposta para todos os seus porquês. Ele havia nitidamente sentido a necessidade de, ao menos por um instante, deixar a solidão com os outros que estavam embaixo. Era ele um daqueles pobres miseráveis que haviam tomado a resolução de empreender uma longa viagem. Certamente retornando da América após haver buscado ali a felicidade, sem sucesso. Estava agora viajando para o encontro de sua ansiosa família no Brasil, onde o brilho de esperança em seus olhos, então, desvaneceria ante a informação de que sua última tentativa de oferecer-lhes uma vida razoável dera em nada.

Após cautelosa aproximação, puderam ouvi-lo contar sua comovente história, que falava da cruel solidão na luta pela sobrevivência. Sentia-se imensamente insignificante em meio a outras pessoas, como se sua pessoa, na ânsia de relacionar-se, constituísse alguma espécie de obstáculo. Na maior parte das vezes, era rejeitado por qualquer que parasse para ouvi-lo, em virtude da sua incapacidade de colocar as palavras certas. Tudo que ensaiava dizer, era levado com o vento no exato momento em que tinha oportunidade de fazê-lo. Era como se todas as torneiras do mundo se abrissem dentro dele, e tudo o que ele sentia transbordasse para fora. Palavras saíam de sua boca entre lágrimas, tudo parecia querer jorrar para fora, quando enxergava a oportunidade de falar com alguém. Talvez se sentisse consolado ante a simples consciência de não estar sozinho.

Quando queria conversar com algum chefe no serviço, na melhor das hipóteses, recebia deste algumas palmadinhas no ombro antes que sequer tivesse tempo de dizer alguma coisa. Sua personalidade não era lá do tipo que talvez alguém desejasse ter, e quando se reuniam mais pessoas, ficavam todas olhando furtivamente umas para as outras. Ninguém ousava aprovar qualquer de suas idéias, por mais que concordassem com elas.

Em compensação, agora, à sós com eles, uma pessoa por vez, ele estava tendo a chance de ouvir palavras amáveis e positivas sobre compreensão, e principalmente, que as suas idéias, em muitos pontos de vista, estavam de acordo com as deles próprias. Desejava pura e simplesmente que alguém de fato quisesse dar ouvidos a ele. Seria possível não haver absolutamente nada dentro dele, ou nada que viesse a dizer que alguém julgasse importante ouvir? Ele queria sentir que estava sendo um alguém para alguém ou para alguns.

Após ouvirem esta experiência de vida, os dois amigos começaram a contar das suas próprias experiências. A maneira pela qual haviam particularmente entregue tudo nas mãos de Deus, como haviam sido chamados pelo Senhor e como Ele havia tomado conta de todos os seus planos de viagem e que, muito provavelmente, era por sua causa que haviam conseguido vaga naquele navio. Do contrário, não teriam se encontrado! Também falavam sobre como haviam recebido a Jesus como seu Salvador pessoal; como, por meio das orações, haviam se sentido seguros da sua presença, quão importante eram todos a seus olhos, sem exceção. O quanto Ele estava interessado em ajudá-los, bastando que cressem nEle e em sua Palavra.

Os olhos do homem foram tomados por um brilho diferente. Quem diria, existir alguém que se importava com ele, alguém que tinha consciência que ele existia e que, acima de tudo, estava pronto para ser seu amigo, na frente dos outros. Alguém a quem ele pudesse se chegar com todas as suas preocupações, certo de que seria ajudado.

Para não falar da simplicidade: bastava unir as mãos e orar, depositando toda a confiança em sua Palavra. Sua vida agora havia se enchido de todo o sentido que sempre buscara na vida e, ao orarem juntos, viu com clareza. Ele

havia acabado de adquirir para si um Salvador pessoal e um amigo para todas as horas, que jamais haveria de decepcioná-lo. Um amigo que o considerava importante, e que seria o seu guia dali para frente. Este amigo - o seu Amigo - era agora para ele o Caminho, a Verdade e a Vida.

Daniel e Gunnar, juntamente com seu mais novo amigo e irmão na fé, tiveram deliciosos momentos de oração em conjunto no decorrer dos dias que precederam a chegada ao Pará.

Corresponderam-se ainda por longo período e, mais tarde, tiveram o prazer de saber que o homem prosseguia firme na fé e iria se batizar.

8

Pará

Já a 300 quilômetros da praia, fora da costa brasileira, a água azul do oceano Atlântico começa a adquirir um pálido matiz amarelado que se torna cada vez mais intenso à medida que a terra se aproxima. A cor é derivada da lama que o gigantesco Amazonas carrega consigo, em sua jornada através da selva.

Ao atingirem a foz do mais volumoso rio do mundo que, em extensão, perde somente para os rios Nilo e Mississipi, ouviram dizer que havia muita coisa grandiosa naquela terra virgem de imponente natureza e abundância de recursos minerais, da qual estavam tão próximos. Os soldados de Cristo agora navegavam rumo ao Estado do Pará. O rio tinha ali milhas e milhas de largura. Seu trecho mais largo estendia-se até quase 80 quilômetros. A bombordo, terra firme. A estibordo, avistavam a ilha de Marajó, cuja área é equivalente a 1/10 de toda Suécia.

Em poucos instantes, haveriam de encontrar aquelas pessoas em função das quais o Senhor os havia enviado.

O navio atracou fora do ancoradouro porque não havia lugar no cais.

O Pará tinha um porto de exportação especialmente para os grandes recursos naturais da região amazônica, como a borracha, as madeiras de lei e o cacau. Navios dos mais variados tamanhos pareciam empurrar-se entre si. De canoas, feitas na sua maioria de troncos de árvores, podiam-se ver nativos de tez morena, gesticulando e vigorosamente remando na direção das embarcações vindas do estrangeiro.

Na sua maioria, aparentavam ser pessoas jovens, embora muitos ainda não passassem de crianças. Acenavam para a tripulação e para os passageiros, numa verdadeira disputa para atrair para si toda a atenção possível, apontando e comunicando-se com os olhos com pessoas selecionadas de dentro do navio. Seus belos dentes brancos iluminavam os rostos morenos, sorridentes. Discutiam entre si quando alguém ameaçava entrar em algum território que não fosse o seu. Do alto do navio, podiam distinguir as palavras "mister" e "dólar". Entendia-se, com isso, que queriam que jogassem coisas para comer ou para vender.

Daniel e Gunnar, pessoalmente, estavam com fome, e nada tinham que pudesse ser vendido. Os poucos dólares de que dispunham só seria suficiente para comprar um pouco de comida e passar a noite em algum hotel barato.

Visto que o navio havia atracado fora do ancoradouro, os passageiros tiveram de ser transportados em pequenos botes para chegarem a terra. Atravessaram o pequeno trecho a remo e, ao chegarem no início de uma escada de pedra, a qual teriam de subir, puderam sentir o solo do Brasil bem debaixo dos seus pés. Lá no topo, ficava o Pará e o Brasil.

Lá estavam eles. Era a tarde do dia 19 de novembro de 1910. Os quentes ventos tropicais "de mar aberto" até provocavam certa sensação de frescor, à medida que penetravam suas roupas de inverno americanas.

Haviam chegado aonde Deus os havia enviado.

À sua volta aglomeravam-se pessoas morenas de todas as idades, falantes e sorridentes, oferecendo-se para carregar as bagagens. Pela primeira vez, os dois amigos puderam contemplá-los verdadeiramente de perto. Assim eram as pessoas para as quais o Senhor lhes mandara testemunhar. E não pareciam pessoas nem um pouco perigosas. Tampouco haviam avistado algum indígena munido de flechas ou lanças, segundo eles próprios haviam sido advertidos. Só o que queriam era ganhar para si alguns vinténs.

Os dois amigos seguraram firme nas malas e, algo hesitante, conduziram-se exaustos em meio a multidão. Pararam por um instante, a fim de sentir um pouco os arredores. Todos os demais passageiros pareciam ter alguém à sua espera e um destino certo. Eles, porém, não conheciam absolutamente ninguém, nem sequer algum endereço onde pudessem passar a noite. Não obstante, guardavam consigo a promessa que Deus havia feito de guiá-los, e nela se alicerçavam.

Começaram então a seguir sem destino o trajeto da rua. Para onde quer que olhassem, eram surpreendidos por novas impressões.

Estavam ambos famintos. A comida a bordo havia sido péssima, e o tempo que permanecera no estômago era por demais curto para ter proporcionado ao organismo qualquer sustento.

Não precisaram procurar por muito tempo. Ali, todas as lojas e restaurantes eram abertos para a rua, bastando entrarem direto onde pudessem enxergar pessoas comendo, e aparentasse ser um lugar realmente barato. No momento em que foram fazer o pedido, apontaram para o prato da mesa vizinha, e logo receberam um prato com arroz e feijão preto, cujo tempero, apesar de forte, não impediu que comessem com bastante apetite. O café pre-

to, quente e melado, fez com que transpirassem menos. Havia tempos não se sentiam tão satisfeitos quanto agora.

Saindo do restaurante, prosseguiram a sua caminhada rua acima. Ao chegarem ao cume, então pararam. Mal podiam crer no que seus olhos viam. Na frente deles, havia um imenso parque com um enorme monumento em mármore que se constituía num gritante contraste com as construções pobres e a miserável população que acabavam de presenciar. Os assentos e pavilhões eram imponentes e ricamente ornamentados com o mesmo material caro, como verdadeiros monumentos-miniatura. No centro, havia uma estátua muito alta. "Praça da República" - era o que se lia na legenda. Sentaram-se em um banco à sombra de uma frondosa árvore e, de mãos dadas, oraram ao Senhor pelos próximos passos a serem dados.

Durante tão curto período de tempo, já haviam tido a oportunidade de ver muita miséria, como jamais haviam imaginado existir. As pessoas estavam como que abandonadas e, como se não bastasse tanta pobreza, havia ainda a malária. A febre amarela e a lepra também haviam deixado suas marcas. Podiam ver passando por eles mendigos e maltrapilhos, gradativamente consumidos por chagas em todos os estágios: sem nariz, orelhas, dedos nos pés, pernas e braços; e com feridas espalhadas por todo o corpo mutilado. A lepra assolava o Estado do Pará. Exceto por aqueles casos, que já existiam no Estado desde o princípio, muitos deles eram oriundos do interior, até mesmo de cidades vizinhas, onde se espalhara o boato de que no Pará havia sido descoberta uma erva que curava a enfermidade.

Quão diferente, em todos os sentidos, era da Suécia! Lá, os invernos gelados contribuíam para que tanto o ar quanto a terra fossem purificados. Posteriormente, podiam usufruir da primavera, quando tudo era como que

nascido de novo. Aqui, o clima era praticamente o mesmo durante todo o ano. Não era de se admirar que se acumulassem tantos males e pestes.

O parque deveria se constituir o centro da cidade. Dele, partiam pequenas ruas em todos os sentidos.

"Daniel, para onde vamos?", perguntou Gunnar.

"Vamos subir uma rua qualquer da cidade", respondeu Daniel.

Iniciaram a escalada de uma rua calçada com pedras, com a placa: "Rua 15 de agosto", que certamente os levaria para algum lugar.

Necessitavam de um local onde pudessem passar a noite, e começaram a percorrer as ruas à procura de alguma pensão que fosse barata.

De súbito, depararam-se com uma família que falava inglês, e que haviam conhecido no navio. Pareciam determinados, e aparentavam saber claramente o seu destino. Os dois amigos foram conversar com eles, e expuseram-lhes sua situação. Eles os acompanharam até um hotel de segunda à rua João Alfredo, nas proximidades, onde puderam encontrar um quarto para passar aquela noite, pelo menos, pois o dinheiro estava no fim. Os poucos trocados que ainda restavam acabariam com mais uma ou duas viagens de bonde. Mesmo assim, o Senhor prometera providenciar que nada lhes faltasse. Quão aconchegante era, depois de tão exaustiva viagem, poder ter para si um quarto com roupas de cama limpas, e ainda poder escancarar as janelas, das quais vez por outra vinha uma refrescante rajada de ar. Quanto se deleitaram em refrescar-se, e ver-se livres daquele suor com um bom banho. Sentiram-se como que novos em folha. Não havia muito a ser feito com os ternos molhados de suor; simplesmente os penduraram no quarto para que secassem para o dia seguinte.

Dobraram os joelhos ao lado de suas camas, e deram graças ao Pai por havê-los guardado durante a viagem, e por haverem chegado sãos e salvos ao novo país; por haverem podido saciar sua fome e por terem camas esperando, onde haveriam de pôr o sono em dia, e bendisseram o seu nome pela sua promessa em mostrar-lhes o caminho a ser seguido, durante todo o tempo.

Daniel, após haver constatado que dava muito bem para esticar os pés por entre as tábuas da cama, adormeceu qual uma criança segura que entrega tudo nas mãos do pai.

Na manhã seguinte, ao descerem até o refeitório do hotel para o café da manhã, encontraram seus amigos do navio, os que falavam inglês, acenando para que se aproximassem. Aceitaram o convite com alegria, satisfeitos de poderem fazer-se entender a alguém. Sentaram-se aliviados à mesa deles, onde o café e o leite quente já estavam servidos. Em uma cesta havia pão cortado em fatias. Em uma travessa, havia queijo fresco e, em outra, uma goiabada. Nenhum pote de açúcar estava à vista. Ficaram sabendo que o café era, de costume, adoçado previamente. Não se podia dizer, contudo, que haviam economizado no açúcar, pois aquele café forte e rigorosamente torrado teria exigido uma grande quantidade de adoçante. Com bastante leite, então, era realmente delicioso.

Ao lado de uma xícara, numa mesa vizinha, podiam ver um jornal, evidentemente esquecido por alguém. Era uma publicação de um pastor metodista chamado Justus Nelson, com quem Gunnar já havia se encontrado nos Estados Unidos certa ocasião. Parecia ser da vontade de Deus que ambos o procurassem no endereço indicado.

Eles já haviam se informado, com algumas pessoas que falavam inglês, se havia protestantes na cidade, mas as respostas eram sempre pouco satisfatórias.

Agora, eles acabavam de obter preto no branco, não só a resposta para a sua pergunta, como também o endereço. O fato de a pessoa que atuava ali ser conhecida de Gunnar, haveria de facilitar-lhes os contatos, e era, ainda, mais uma prova de que a mão do Senhor estava estendida sobre eles. Não o resultado de condições felizes em conjunto, como diria um não-crente.

Encaminharam-se, juntamente com seus amigos até a recepção a fim de se informarem sobre o referido endereço. A princípio, ninguém sabia exatamente onde se localizava a rua, mas os dois recém-chegados tiveram a oportunidade de testemunhar um exemplo típico da amigável prestatividade brasileira. Outras pessoas à volta também se prontificaram a ajudar, e logo o ambiente se encheu de todos os tipos de sugestões e palpites. Conferiam, homem com homem, e em conjunto, com os dedos indicadores apontando para todas as direções.

"Em algum lugar certamente deve ficar", disse alguém para encorajar. Finalmente, alguém recordou-se de que a referida rua ficava do outro lado da cidade. O percurso para lá não era fácil de descrever, mas havia um bonde elétrico com ponto logo à saída do hotel que poderia levá-los até próximo do local. O homem que conhecia aquela região, para o seu alívio, também falava um pouco de inglês e prometeu fazer-lhes companhia até determinado ponto, para assegurar-se de que estavam realmente no caminho certo.

O bonde seguia vagarosamente pelas ruas, emitindo, vez ou outra, sinais de advertência, quando alguém entrava no caminho.

A viagem seria longa, razão pela qual puderam viajar em paz, e tranqüilamente contemplar o movimento das ruas por onde passavam.

Já tinham ouvido dizer que o mundo era pequeno, mas este lugar era bem diferente do continente de onde vi-

nham. Seria por causa do calor? O ritmo da cidade era bem mais moderado. As pessoas tinham mais tempo para si; pareciam ser mais abertas e livres. Usavam roupas de cores vivas, e falavam umas com as outras com entusiasmo, de forma sorridente e expressiva. Estavam viajando há algum tempo, quando começaram a se perguntar que fim teria levado o seu guia, já que não o haviam localizado no bonde. Subitamente, puderam vê-lo acenando em uma das paradas. Ficou claro que eles, em meio a tanto tumulto na hora do embarque, acabaram subindo em vagões diferentes. Agradeceram ao Senhor por não haverem se perdido.

Chegando ao seu destino, foram calorosamente recebidos pelo pastor metodista que ficou surpreso ao rever Gunnar naquela latitude.

Enquanto tomavam o tradicional cafezinho, Gunnar relatou-lhe toda a história sobre o seu chamado e intenção de manter contato com outros crentes na cidade. Justus Nelson contou-lhes então que, além deles próprios, os metodistas, havia ainda congregações de outras denominações por toda cidade. Presbiterianos, anglicanos e até mesmo batistas.

Sugeriu que, mais tarde, visto serem eles batistas, se dirigissem à Igreja Batista local e procurassem o seu líder, e prometeu acompanhá-los e mostrar-lhes o caminho. Em uma cidade de 200.000 habitantes seria fácil de se errar o caminho. Sem falar o idioma, que dificultaria ainda mais o acesso a qualquer lugar.

Justus tinha o endereço - rua João Balby - e sabia onde ficava. No entanto, fez questão de antes servir-lhes alguma coisa para comer. Daniel e Gunnar aceitaram o convite, agradecidos; afinal, não tinham certeza de quando teriam a chance de comer novamente.

Ele conhecia bem o local, e em poucos instantes estariam lá. Em frente à casa, bateu palmas para chamar a

atenção dos moradores. Logo surgiu um homem no primeiro degrau da escada. Ficaram se perguntando como fariam com a questão do idioma, depois que o pastor lhes prestasse as primeiras assistências. Mas o homem se revelou um jovem evangelista que podia se comunicar em inglês até que razoavelmente bem. Não teria sido preciso se preocupar. O Senhor sabia que eles não falavam português.

O homem se apresentou como Raimundo Nobre, e disse que estava temporariamente atuando como pastor da congregação.

Mais uma vez, os amigos testemunharam a respeito do seu chamado e a forma maravilhosa como Deus os havia conduzido até ali. Raimundo contou que a congregação, durante um bom tempo, orava para que Deus solucionasse seus problemas de ministério e liderança. Estavam sem pastor, e quem sabe a chegada deles não seria a resposta às suas orações.

Algum tempo atrás, um missionário de linhagem sueca fora enviado da América para trabalhar com eles, e havia sido uma grande bênção nas suas vidas. No entanto, a sua esposa não teria dado a mesma importância para o fato de a influência do Espírito Santo ser realmente a pedra fundamental na vida com Cristo. Ele amava sua esposa, mas a sua posição se tornou impossível. Não se podia servir a dois senhores. Sua franqueza e alegria foram fortemente influenciadas, e a congregação terminaria por sofrer com tudo isso.

Daniel e Gunnar falaram sobre a sua situação econômica, e foram então convidados pelo irmão na fé a morar no porão de sua casa, pelo valor correspondente a um dólar por noite cada um. Poderiam pagar quando pudessem; e, adaptando-se à comida simples que lhes podia oferecer, não passariam fome. Agradeceram a Deus por Ele continuar suprindo as suas necessidades; nada lhes

havia faltado. No hotel, esta pensão custaria exatamente o dobro, estando incluído apenas o café da manhã e o pagamento deveria ser à vista.

O porão tinha falta de ventilação e energia elétrica. Raimundo colocou ali a cama que ambos teriam de dividir. Aquele lugar seria a sua residência durante algum tempo.

O cheiro de mofo era intenso. Durante o dia, a porta tinha de permanecer aberta a fim de minimizar o calor e a umidade. Da mesma forma fazia-se durante a noite, mas somente após haverem apagado as lamparinas para evitarem atrair os mosquitos de todas as espécies. As lagartixas que corriam nas paredes em todos os sentidos eram desagradáveis, porém inofensivas.

O que eles realmente mais temiam era o mosquito da malária. A primeira noite para eles foi a mais difícil, mas logo foram se adaptando ao local. Terem encontrado um ponto fixo no espaço, onde pudessem morar dali para frente, e o alimento de que necessitavam, também inspirava neles certo sentimento de confiança. Dava muito bem para louvar Jesus, mesmo sem lamparina. Ele era a própria luz em pessoa!

Eles não falavam o idioma, mas durante os cultos podiam ensaiar um dueto. Conheciam alguns hinos simples mas ungidos, em inglês, e os cantavam, sempre que o Senhor o permitia. E o Espírito fazia-se presente; era no Espírito que eles cantavam.

Daniel acompanhava no violão. A linguagem do Espírito também era compreensível aos brasileiros, e logo se ouviam os gritos de aleluia; os ouvintes cantarolavam juntamente com os jovens missionários.

As demais igrejas protestantes na cidade ouviam comentários sobre os dois missionários do Senhor vindos da América, e os convidavam para cantar e tocar em seus

cultos, o que eles faziam com grande satisfação. O Espírito se fazia sempre presente. Os cultos eram muito abençoados.

Passado algum tempo morando ali, Raimundo recebeu a visita de seu primo, Adriano Nobre. Os dois desceram até o porão para cumprimentar os recém-chegados. Adriano falava inglês, e eles ficaram muito contentes em poderem conversar.

O jovem pertencia à Igreja Presbiteriana, e se revelou profundamente tocado pelo ministério dos dois, e prometeu auxiliá-los na área de interpretação ou no que fosse preciso, caso necessitassem de ajuda de alguma espécie.

De pé, convidou-os a fazer uma visita à sua família, em uma ilha fora do Pará - a grande ilha de Marajó, pela qual eles haviam passado quando chegaram ao Brasil.

Os amigos agradeceram o convite, que pareceu vir em momento muito oportuno. Agora era o momento de a semente crescer, e eles assim terem a oportunidade de se afastar um pouco para poder reavaliar todas as novas impressões e valores com que haviam se deparado em tão curto espaço de tempo. As dificuldades com o idioma haviam de certa forma lhes podado um pouco. Gunnar havia sido convidado pelo pastor metodista Justus Nelson para ter aulas de português a 5 mil réis cada aula, ou grátis. Após haver com gratidão optado pela última alternativa, que melhor se "encaixava" nas suas condições financeiras, encontraram-se algumas vezes para "passar" as primeiras noções. Enquanto isso, Daniel fazia o que podia com as Bíblias em português e inglês abertas uma ao lado da outra. Porém, as primeiras palavras vacilantes aprendidas, ainda não eram em si grande ajuda, de modo que seria muito útil uma oportunidade para uma conversa mais descontraída.

Lá estavam eles no rio novamente. Eram meados de abril. O calor sufocante logo era amenizado pelos ventos

do "mar aberto". Aquilo lhes fazia bem. O barco navegava em boa velocidade contra a correnteza, mas ainda poderia levar cerca de três dias antes que chegassem ao seu destino, dependendo do tipo de vento que pegassem. Chegando à ilha de Marajó, a viagem teria continuidade, subindo um rio de nome indígena Tajapuru, à margem da aldeia de Ipixuna, onde a família de Adriano morava. Quanto mais se aproximavam da foz do rio Amazonas, tanto maior era o frescor dos ventos. No convés, a sensação podia realmente ser das mais agradáveis. Embaixo, era abafado, quente e úmido e o cheiro de bolor misturava-se a odores desagradáveis de todas as espécies, vindos dos compartimentos repletos e barulhentos. O hábito que Adriano tinha de fazer aquelas viagens foi para eles de grande valia, e o cuidado que tinha em tornar a travessia o mais agradável possível a seus convidados não tinha limites. Nem água, nem comida faltou-lhes durante a viagem.

Ao chegarem à ilha de Marajó, e a uma parte do Tujapuru, o barco se debateu exaustiva mas perseverantemente contra a correnteza. A água ali era muito mais clara que no rio Amazonas, e estavam ansiosos por um banho.

A aldeia de Adriano ficava, assim como as demais aldeias, à margem do rio. Uma vez que não havia estradas, o rio Tajapuru constitui-se no único elo de ligação com os arredores. Os moradores costumavam construir atalhos através da densa selva com o auxílio de facões, porém as picadas que não fossem utilizadas com freqüência eram logo cobertas pela vegetação, e precisavam ser reabertas de quando em quando.

As palafitas ao longo da beira do rio eram edificadas sobre altos pilares de madeira para que, quando a maré elevasse o nível das águas, as casas não sofressem quaisquer danos. Em frente dos casebres, havia pontes ligadas

a escadas que desciam até a água, onde a canoa era firmemente amarrada. A canoa, fabricada de um pedaço de tronco de árvore oco, geralmente leva cerca de uma semana para ser extraída. Em seguida, dá-se início ao demorado processo de secagem, quando então, faz-se uso de formas fabricadas à mão, a fim de que o tronco não venha se torcer. Esta pequena embarcação requer grande habilidade e paciência de mão-de-obra, e constitui-se no seu único meio de comunicação e de pesca.

Quando os índios estão pescando, é comum atirarem flechas venenosas nos peixes. A narcótica anestesia do timbó faz com que boiem. Outra tática é a de martelar o peixe, ou senão, assustá-lo para o local desejado fazendo barulho, para em seguida capturá-lo. O alarido e a tumultuosa marulhada também ajudam a manter longe as piranhas e as cobras sucuri.

Partindo do cais, subiram a escada de madeira e acompanharam Adriano pelos atalhos por cima do rio. Agora, eles se encontravam no meio da selva, e estavam envolvidos por sua encantadora natureza virgem. Diversos ruídos estranhos, emitidos por toda espécie de animais, insetos e aves, desde resmungos abafados, cantigas a rumores da vegetação, misturavam-se ao gorjeio límpido dos pássaros. O colibri, parado no ar, a sugar o néctar das flores. E, no pântano, profundos rastos semelhantes a valas, deixados pela sucuri à procura de novas presas. A sucuri não possui veneno nas presas. Suas maiores vítimas são entrelaçadas por ela que, enroscando sua cauda em uma árvore qualquer, puxa-a, até estrangulá-la num abraço mortal. Suas vítimas menores são paralisadas pelo hipnotismo de seus olhos brilhantes para, em seguida, serem tragadas por ela. O comprimento que esses monstros podem atingir, ninguém sabe exatamente. A selva ainda esconde muitos outros segredos do homem. Foi publicada, em um jornal brasileiro, a foto de uma cobra

com trinta e dois metros de comprimento e 4.500 quilos. Nas regiões de pântano, estão os seus pratos prediletos: sapos e rãs. Mais para frente, em uma clareira, ficava a casa de Adriano. Este parou e apontou para ela. Desculpou-se por esta ser tão simples, mas que Daniel e Gunnar pudessem sentir-se bem-vindos e à vontade quanto se estivessem em suas próprias casas. De dentro, correram a mulher e as crianças para receber o chefe da família. Até mesmo os vizinhos lançavam olhares curiosos aqui e acolá. O latido dos cachorros lhes anunciava a chegada de alguém. Não era comum receber visitas de pessoas estranhas uma aldeia cujas estradas não levavam a lugar nenhum. A curiosidade era grande. A maior parte jamais havia visto pessoas tão claras em toda sua vida. No quintal, havia uma lage de barro, uma grande panela cozinhando em fogo brando, a qual espalhava um gostoso cheiro de feijão.

Adriano abriu o caminho "infestado" de galinhas cacarejantes a fim de que pudessem entrar na acolhedora casa, onde foram convidados a sentar nos bancos junto à mesa.

Situaram-se no ambiente. Muitos curiosos iam se achegando e sentando-se à volta. Nas janelas abertas, podia-se ver crianças de olhos arregalados, acotovelando-se umas às outras.

A sala estava repleta de pessoas. Daniel achou que seria o momento ideal para pegar o violão e cantar algum hino, antes que eles dessem graças pelas bênçãos recebidas. Gunnar e Daniel, então, entoaram para os presentes um hino de louvor ao Salvador.

Daniel não era nenhum cantor por excelência. Não tinha uma grande voz, nem possuía técnica alguma. Ela era simples e primária, assim como ele mesmo o era. Cantava para aqueles que o quisessem ouvir e acompanhar. Porém, sua convicção e fé na graça de Deus contagiava a todos. O Senhor não julgava que Daniel necessi-

tasse da voz potente de um grande cantor. Caso contrário, Ele lhe teria atribuído este dom. Daniel havia sido dotado com as qualidades necessárias, e estava satisfeito com os dons que lhe foram conferidos para ministrar.

Em seguida, veio a fumegante panela com o feijão preto. Em outra panela, havia arroz e numa terceira, carne de sol salgada. O toucinho, similarmente exposto ao sol, também teve seu lugar à mesa, ao lado de uma grande tigela com farinha de mandioca, a qual seria polvilhada na comida. Considerando que Adriano morava à beira do rio, nada mais justo que também houvesse alguns peixes frescos à mesa, os quais estavam realmente deliciosos. Algumas laranjas para serem chupadas juntamente com a comida também foram servidas, a fim de facilitar na digestão.

O primo de Adriano, Adrião, morava junto. Com ele, Daniel e Gunnar tiveram de dividir o quarto. Ao lado da cama, em voz baixa, ambos oravam e adoravam a Deus, a fim de não incomodar os demais. Não tinham o privilégio de desfrutar de muitas horas de sono, mas eles eram jovens e suas forças eram renovadas pelo Senhor. Adrião, na época, não havia ainda entregue sua vida a Jesus, contudo não se sentia exatamente molestado por seus amigos. Sentia-se profundamente tocado pela jubilosa convicção interior deles.

Fizeram um passeio pelas casas ao redor. Adriano era um bom intérprete e, desta vez, as pessoas podiam até fazer perguntas, às quais ele respondia com o auxílio da Bíblia - A Palavra de Deus.

A canoa era usada quando visitavam as aldeias vizinhas. Nem sempre eram bem recebidos, mas na maior parte das vezes eram convidados a comer e a pousar na casa de alguma família. Estavam agradecidos por seu corpo estar recebendo o alimento necessário. O Senhor haveria de recompensar ricamente a cada um por aquilo.

Os generosos brasileiros dividem entre si tudo o que tiverem e o fazem de bom grado. Mas a sua comida, quase sempre composta de feijão preto, arroz, farinha de milho, vez ou outra um pedaço de carne de sol, mais o café forte depois da refeição, teria afetado os estômagos desacostumados dos recém-chegados. Galinha só era abatida quando alguma mulher tivesse dado à luz. Então era preparada uma suculenta sopa de galinha com arroz, a que dão o nome de canja, com a qual era a mãe alimentada durante longo tempo após cada parto.

O banheiro tinha de ser providenciado individualmente, cavando-se um buraco na terra em algum lugar afastado mata adentro. Se observado por olhares curiosos, era-se obrigado a não tomar conhecimento.

Adriano sempre era tratado com um certo respeito, em decorrência de já haver sido comandante e, mais tarde, capitão e chefe do navio da empresa Port of Pará. A veneração que as pessoas sentiam por ele facilitava a penetração da mensagem, fazendo com que as pessoas parassem para ouvi-lo.

Tal postura refletia tanto na sua pessoa quanto na marca de burguesia da família em forma de utensílios e costumes. Entre eles, fazia-se uso de serviço de mesa com o uso de pratos, colheres, facas e garfos, tal qual nas partes mais ricas do Estado do Pará. Lá na selva, comia-se com cuias feitas de casca de nozes em formato de tigela, tendo as mãos como único utensílio. Durante as refeições, moldavam-se pequenas bolinhas do tempero malagueta, as quais costumavam colocar na boca para ajudar na digestão.

Os missionários haviam tido oportunidade de conhecer muito do interior do Brasil. Como Deus havia sido manifesto, mesmo em lugares tão variados. Adriano havia se revelado um ótimo professor de língua, e o seu

costume de conviver com estrangeiros contribuiu para facilitar mais os contatos.

Tão logo surgiu uma oportunidade, procuraram se reunir a fim de ampliar os seus conhecimentos do difícil idioma.

O tempo voou. Eles passaram bem naquele clima mais ameno, e havia abundância de ribeiros e fontes, em cujas águas cristalinas podiam banhar-se sem precisar se preocupar seja com piranhas, com cobras ou jacarés. Agora, no entanto, sentiam-se chamados a retornar ao Pará.

9

De Volta em Belém

Regressaram no dia 12 de maio de 1911, e chegou-lhes a notícia que o país tinha passado por uma revolução muito sangrenta. A cidade do Pará havia trocado de nome, e chamava-se agora oficialmente Belém do Grão Pará, ou simplesmente Belém no uso comum. A luta política tinha-se acabado, e a vida começava a normalizar-se.

O Senhor havia guardado os nossos irmãos dos horrores da guerra civil, e eles agradeceram-lhe por isto.

Tiveram de volta sua moradia no porão, e os líderes da igreja viram-nos como resposta às suas orações. Seu progresso na língua portuguesa contribuiu para uma maior versatilidade nos trabalhos da igreja. Mas, muito restava ainda. Eles estavam também sem recursos financeiros.

Às vezes Daniel e Gunnar saíam bem cedo de manhã. Andavam até chegarem à uma avenida bem larga, ladeada por mangueiras que proporcionavam sombra e proteção contra o sol tropical. Davam também frutas deliciosas a quem quisesse recolher. Os amigos comiam até não agüentar mais e enchiam também os bolsos. Era bom ter uma reserva durante o dia.

Daniel ficou ciente de que a única solução para obter meios financeiros seria conseguir um emprego. Gunnar achou, sem deixar de ter razão, que estavam lá para pregar o Evangelho e fazer o serviço do Senhor. E que tudo se daria por si se eles estivessem em sua vontade.

Daniel era grande e forte, e tinha desde criança a convicção de que cada um tem a obrigação de pagar o que estiver devendo, e, se possível, ajudar os outros. Quando estava na América, mandava dinheiro aos seus pais para pagar a mercearia. Ajudou também, entre outros, seu irmão Oscar com a passagem para os Estados Unidos.

Tiveram de pagar pelo quarto e o alimento, segundo o combinado. Além disso, necessitavam de um curso regular de português. O professor também tinha de ser pago. Cada um haveria de ter o que era seu. Sem dinheiro próprio, havia grande perigo de se chegar numa situação de dependência em relação ao benfeitor. Favores exigem favores de volta. Daniel estava sempre pronto a servir ao próximo. Mas uma situação de dependência poderia levar a decisões impróprias, dirigidas pela gratidão; e entrar em conflito com sua consciência era o que ele não queria.

Adriano, depois de seu retorno de Marajó, lhes havia sido de grande valia. Ele gastava a maior parte do seu tempo livre a interpretá-los tanto nos cultos como no dia-a-dia. O seu conhecimento da cidade e seus bons contatos com as autoridades e o povo foi-lhes de grande ajuda.

A companhia Port of Pará, onde estava empregado, também dirigia uma fundição que estava procurando gente hábil. A documentação de Daniel recomendava-lhe para o emprego de capataz, proporcionando-lhe um salário fora do comum.

Ele sentiu um bem-estar muito grande, pois agora podia quitar as dívidas, o que lhe devolveu a procurada

independência. Gunnar tinha agora possibilidade de tomar lições de português durante as horas vagas do dia, e transmitir seus novos conhecimentos a Daniel, quando este chegava do trabalho, à noite.

Sempre lhes faltava tempo. Quando, depois do culto, estavam sentados no quarto do porão, e Daniel fazia suas lições, vinham os irmãos visitá-los. Estes sentiam confiança nos dois estrangeiros, porque viviam o que ensinavam. E, da segurança de sua fé, ninguém podia duvidar. Muitas vezes procuravam explicações relacionadas aos textos da Bíblia. Às vezes os problemas eram pessoais. Muitos deles haviam de ser solucionados pelo caminho da oração. Até às altas horas da madrugada, ouviam-se as orações em voz alta, os hinos de louvor e os testemunhos. O espírito de Deus estava presente.

10

Chegam as Primeiras Bíblias

Certo dia, quando Daniel chegou em casa, depois de terminar o trabalho na fundição, viu um grupo de irmãos ao redor da mesa, sobre a qual estava um grande pacote. Quando se aproximou, todos ficaram em silêncio, como se algo importante tivesse acontecido, porém todos os rostos demonstravam alegria.

Daniel aproximou-se da mesa e sentiu forte emoção quando viu o carimbo da alfândega e os selos americanos. Sabia que ali estavam as Bíblias que encomendara havia algum tempo. Eram as primeiras Bíblias e Novos Testamentos que recebia da América do Norte. Sua alegria não tinha limites, nem a sua gratidão. Sua alegria tornou-se em júbilo, quando os amigos, ao redor, disseram que ele mesmo tinha pago aquilo tudo com o seu ordenado na fundição, onde tinha trabalhado naquele imenso calor dias inteiros. Apesar disso, ele achou inacreditável que se pudesse comprar tanta palavra de Deus por aquele dinheiro. Sentiu então que nova perspectiva para o trabalho se abria, com a chegada dos livros.

Decidiu, então, sair da fundição. E, alguns dias depois, passou a dar tempo integral à obra de Deus. Os primeiros tempos de colportagem foram dedicados à cidade de Belém. Com uma maleta em cada mão, podia ele finalmente sair pela cidade, indo de casa em casa, batendo às portas para contar aos moradores da alegre mensagem que Deus tinha para todos. Na própria Bíblia, poderiam verificar que o que ele estava dizendo era verdade. Daniel queria dar o conteúdo das maletas de graça, mas estava ciente de que não ia funcionar além dos folhetos que distribuía por toda parte, pelo simples fato de que aquilo que se recebe de graça não se dá muito valor.

O primeiro dia foi pleno de emoções. Para fazer um teste da praça, Daniel levou na sua maleta somente alguns livros, julgando que voltaria à tarde sem haver colocado todos.

Na primeira porta em que bateu, foi bem recebido; sentiu que Jesus estava presente; era o primeiro freguês, ele comprou. Porém, se não tivesse comprado, daria a Daniel ao menos a oportunidade de falar de Jesus com a pessoa, e de convidá-la para assistir aos cultos.

Com o passar do tempo, as maletas iam-se esvaziando mais depressa; compreendeu, então, que era bem mais fácil do que pensava vender livros, considerando que pouco mais de 20 por cento da população sabia ler. Diante disso, fez novo pedido de Bíblias, pois havia reservado dinheiro para tal fim. Seu chefe, no último emprego que teve nos Estados Unidos, também prometera enviar-lhe uma remessa de Bíblias e Novos Testamentos.

O serviço de colportagem em Belém era novidade; todos se sentiam curiosos para saber o que Daniel estava vendendo. Bíblias e Novos Testamentos em português, naquele tempo, não era coisa comum. Em geral, ouvia-se apenas uma ou outra referência concernente à Bíblia durante a missa. Praticamente, somente o pároco a possuía,

assim mesmo em latim. Por essa razão o povo ficava admirado ao vê-la. Para Daniel eram momentos de alegria, quando reconhecia, entre os que se achavam na igreja, pessoas que lhe haviam comprado livros, e quem convidara a ouvir a Palavra de Deus. Algumas delas converteram-se e tornaram-se cristãos fiéis.

O Senhor tinha dado a Daniel e Gunnar dons diferentes. Daniel era aquele que o Senhor escolhera para distribuir a sua palavra, a mensagem do seu grande amor. Ele era o colportor abençoado, e sua força física era bem aproveitada, quando, com as duas maletas superlotadas de Bíblias, Novos Testamentos, evangelhos e folhetos, ia à frente abrindo novas frentes de trabalho pelas cidades e vilas.

Gunnar, por seu lado, era um pregador bem sucedido. Na igreja batista, tinha-se grande esperança que ele viesse a ser seu pastor e líder, quando estivesse dominando a língua portuguesa. Gunnar estava disposto a aceitar e pôr-se à disposição. Mas se fosse da vontade de Deus...

Os dois amigos nunca se puseram a descansar. Sua ansiedade em servir ao Senhor, que os tinha enviado, era mui grande. Valia a pena trabalhar com todos os meios enquanto durasse o dia. Ganhar almas era preciso.

Havia muitos motivos para agradecer.

O Senhor os havia guardado das muitas doenças tropicais. Na quentíssima capital paraense, além de lepra e malária, havia a febre amarela, que já havia causado muitas vítimas. Entre eles se acharam muitas que foram objetos de oração dos nossos amigos, e que agora se achavam no eterno lar com o Senhor.

Valia a pena não perder tempo!

Os brasileiros viram a coragem dos lutadores, consternados pelo fato de eles não voltarem aos Estados Unidos ou à Suécia onde o clima, com seus invernos frios,

mata os micróbios tanto no ar como na terra. Ao mesmo tempo, viram como o Senhor os tinha guardado e respondera suas orações. Não era sempre que podiam participar nos cultos da igreja. Eram freqüentemente convidados a participar de cultos em casa de famílias interessadas. O porão estava agora demasiadamente pequeno, porque muitos queriam tomar parte nos trabalhos. Aqueles irmãos que estavam procurando o batismo no Espírito Santo, tinham começado a se encontrar regularmente para orarem juntos. Daniel e Gunnar visitavam enfermos freqüentemente, muitas vezes junto com os outros crentes.

Um dos visitados, Celina Albuquerque, vinha há vários anos dedicando-se à escola dominical. Ela se encontrava agora presa à cama. Conforme os médicos, sua doença era incurável. Os remédios, que se encontravam ao lado da cama, não faziam efeito.

Gunnar perguntou-lhe se acreditava que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim, e todos os presentes oraram ao Senhor, o grande Médico. O Senhor interveio, e a curou completamente. Seu ardente desejo agora era que o Senhor a batizasse com o Espírito Santo. Decidiu-se, então, junto com sua amiga Maria Nazaré, a não sair de casa até que o Senhor viesse ao seu encontro conforme a sua promessa (At 2.39).

Depois de cinco dias em jejum e oração, numa quinta-feira, à uma hora da madrugada do dia 9 de junho de 1911, ela recebeu o dom do Espírito Santo, e foi a primeira no Brasil a confirmar a mensagem dos missionários.

Logo ao amanhecer, a irmã Nazaré se dirigiu depressa à avenida São Jerônimo, 224, onde morava o irmão José Batista de Carvalho a fim de lhe contar a boa nova. Lá estavam vários irmãos reunidos. Entre eles Manoel Rodrigues, diácono da igreja batista. Ele mesmo diz: "Foi nesse momento que ouvi falar e cri no batismo do

Espírito Santo". Nessa mesma noite haveria culto, como de costume, na igreja batista. Os presentes já sabiam do batismo de Celina Albuquerque no Espírito Santo. Disputaram entre si, e se dividiram em dois grupos. No calor da disputa houve membros que até ameaçavam os partidários das novas idéias. Depois do encontro, a maioria dos membros resolveram ir à casa da irmã Celina para verificar o que tinha acontecido. Entre aqueles que foram à rua Siqueira Mendes estavam José Plácido da Costa, Antônio Marcondes Garcia e esposa, Antônio Rodrigues e Raimundo Nobre.

11

A Saída

Estavam todos presentes ao culto realizado naquele 10 de junho. Quando a irmã Celina Albuquerque dirigia-se para ministrar à sua classe na escola dominical, foi barrada por Raimundo que, na falta de pastor, julgava ser o homem apropriado para resolver todos os problemas que surgissem.

Ultimamente vinha ele sendo consultado por igrejas de outras denominações que haviam sido influenciadas pelo testemunho dos missionários. A celeuma estava formada. Uma parte dizia haver encontrado uma nova luz para a Bíblia. Os demais líderes da igreja queriam obter respostas mais precisas sobre como a Igreja Batista iria posicionar-se diante de toda a "novidade". O evangelista deu-se o direito de responder pela congregação, e sem demora repudiou os missionários com sua pregação.

Daniel e Gunnar puderam notar, durante algum tempo, um sentimento de profunda insatisfação e ansiedade cada vez maior dentro da congregação. Alguns membros queriam que a forma tradicional e costumeira continuasse. Outros, em sua necessidade de edificar sua vida espiritual, tomavam o partido dos missionários. Eles, por sua

vez, muito lamentavam que a sua pregação houvesse gerado tanta desunião, pois o que pregavam não tinha absolutamente nada de novo. Tratava-se simplesmente de manter-se inabalável em todas as verdades bíblicas. Sua esperança era que, futuramente, toda a congregação viesse a compreender o posicionamento bíblico.

Dias mais tarde, Raimundo convocou a congregação para um culto extraordinário sem, no entanto, especificar os motivos.

Ao reunirem-se todos, Raimundo tomou a palavra:

"É chegado o momento de tomarmos decisões quanto ao futuro. Têm ocorrido muitos boatos a nosso respeito ultimamente, e eu, particularmente, também tenho sido testemunha de muitos deles. Os irmãos começaram a discutir doutrinas uns com os outros, coisa que jamais aconteceu antes. Temos visto muita dúvida e insatisfação, pois agora há um grupo de separatistas".

Gunnar Vingren levantou-se e explicou que, em nenhum momento, haviam tido a intenção de gerar divisão na igreja, muito pelo contrário; o seu desejo era que todos realmente se unissem. Se todos alcançassem a experiência do batismo com o Espírito Santo, nasceria disto uma união inabalável entre os irmãos, e seriam todos uma só família.

O evangelista persistiu no seu ponto de vista, e a discussão continou aberta. Ele reconheceu que a Bíblia realmente falava do batismo com o Espírito Santo e da cura de enfermidades por Jesus.

"Mas eram milagres que aconteciam naquela época apenas. Não posso imaginar que haja pessoas instruídas em nossos dias que acreditam que esses fatos históricos se aplicam à nossa realidade".

"Hoje", continuou o evangelista, "temos de ser realistas. Não podemos ocupar nosso tempo com sonhos e

falsas profecias. Somos pessoas esclarecidas, e devemos fazer uso de nossos conhecimentos. Caso vocês não mudem a sua posição e reconheçam que estão errados, é meu dever comunicar as outras igrejas batistas do país sobre o que está acontecendo, aqui no Norte, e advertilos acerca dos seus falsos ensinamentos".

Gunnar ouviu com muita calma e atenção, e depois respondeu: "Caro irmão, não podemos permitir que assuntos tão importantes se transformem em discussão pessoal. Somos ambos servos de Deus, e desejamos estar na verdade, pois aquEle a quem pregamos é a verdade. No meu ponto de vista, o irmão é uma testemunha do Senhor que, como nós missionários, coloca sua vida a serviço do Mestre. Qual de nós conduz as almas perdidas ao caminho é irrelevante. Importa é que o número de almas salvas aumente e se torne cada vez maior. Não digo que o irmão não esteja na verdade, mas que não encontrou toda a verdade. A verdade do batismo com o Espírito Santo; a verdade de que Jesus nos dá poder para curar enfermidades ainda em nossos dias".

Quando Gunnar terminou de falar, o evangelista olhou para todos os presentes na esperança de encontrar alguém que o apoiasse. Seu olhar de apelação foi em vão: ninguém se manifestou. Seus olhos, então, se dirigiram para um diácono, um dos membros e sustentáculos mais antigos da igreja, o irmão Manoel Rodrigues, que se viu no dever de se pronunciar em nome de todos os presentes. Levantou-se, olhou ao redor e disse:

"Caro irmão, compreendo muito bem os seus sentimentos. O senhor nos vê como um grupo de traidores que se distanciou dos ensinamentos bíblicos que nos ministrou; pensa que não mais estamos seguindo o que nos vem ensinando, entretanto isto não procede. Jamais nos sentimos tão convictos destas verdades como agora. Nossa fé nunca esteve tão fortalecida quanto agora. O que

aconteceu foi que a nossa fé criou raízes profundas, além da consciência do poder do Espírito Santo e de que Jesus é o mesmo hoje e eternamente".

"Irmão, não temos nenhuma queixa a fazer contra os ensinos recebidos. Uma vez que o senhor desconhecia as verdades pregadas pelos nossos irmãos e amigos estrangeiros, o irmão não tinha como ensiná-las a nós. Gostaríamos, agora, que o irmão também tomasse parte da mensagem, que constitui todo o fundamento de nossa fé e comunhão, e se juntasse a nós. O irmão citou a palavra realismo. Não, a nossa fé não precisa ser fundamentada em sonhos ou anseios. Vou lhe dar alguns exemplos reais de como Jesus também cura hoje, em nossos dias.

"Temos uma irmã que é membro da congregação há muitos anos. É possível que o irmão já tenha prestado atenção nela, pois durante um longo período, andava com auxílio de duas muletas. Ela ainda as têm, porém não depende mais delas para se locomover; estão penduradas na parede de sua casa, em local bem visível, para que todos vejam e se recordem de como o Senhor faz milagres. Há ainda outros exemplos. Aqui há uma mulher que tinha um tumor na garganta. O tumor já não existe, pois o Senhor a curou. Temos ainda a irmã Celina que, segundo os médicos, sofria de uma doença incurável. O Senhor também a curou, e aqui está ela totalmente sã, louvando a Deus por este maravilhoso milagre".

"Caro irmão", prosseguiu o diácono, "o senhor tem trabalhado e servido ao Senhor. O senhor tem orado para que Jesus dê força aos doentes para suportarem seus sofrimentos, mas não tem orado para que Ele lhes cure as enfermidades, uma vez que o irmão não crê nessas verdades. Agora, porém, o irmão está tendo a oportunidade de, com os seus próprios olhos e ouvidos, comprovar exemplos vivos do poder de Deus. Para terminar, gostaria de

ler Atos dos Apóstolos 2.39, onde está escrito com clareza que a promessa também se estende aos nossos dias".

Plácido da Costa também se levantou e leu para Raimundo 2 Coríntios 6.17,18. O evangelista, a despeito das coisas que havia visto e ouvido, ainda não se deixou convencer. Voltou-se para os missionários e disse:

"Acabo de tomar a decisão. De agora em diante, vocês não são mais bem-vindos aqui. Providenciem outra casa para morar e fazer seus cultos". Em seguida, voltou-se para o pequeno grupo e perguntou:

"Quantos estão de acordo com essas falsas doutrinas?"

Dezoito dos presentes levantaram as mãos, conscientes de que aquilo acabaria implicando na sua própria exclusão da igreja. Daniel e Gunnar agradeceram ao irmão pela convivência daquele tempo e desejaram que ele, em breve, viesse à clareza. Ele nada respondeu. Deu-lhes as costas e retirou-se.

"E agora, irmão Daniel?", disse Gunnar, "não temos nem casa para morar, nem local para receber os irmãos".

"Não precisa se preocupar Gunnar", respondeu Daniel. "Jesus está cuidando de nós, como tem feito desde o princípio".

Contemplaram o jubiloso grupo que estava à sua frente. Sim, jubilosos pelo fato de agora serem um grupo fiel que havia se posicionado e se transformado numa perfeita irmandade. No entanto, a alegria foi por um instante turbada pela lembrança dos que não estavam ali presentes, mesmo porque todas as pessoas têm livre arbítrio para decidirem por si mesmas, de modo que a única coisa a fazer era orar para que aqueles que estavam ausentes um dia viessem a conhecer. Entre os 18 estavam incluídos os antigos líderes da tão lamentavelmente dividida igreja batista. Lá estava José Plácido da Costa que em

primeiro lugar liderava os professores da escola dominical, tanto na ministração às crianças quanto aos adultos. Na verdade, era ele quem organizava os assuntos da igreja, enquanto não era nomeado algum pastor. Também se fazia presente sua esposa, irmã Piedade, que sempre esteve ao lado do marido, contribuindo nos trabalhos da igreja. Manoel Rodrigues, o irmão mais idoso, que acabara de se levantar e professar tão veementemente a sua fé, e secretário da igreja até então, também estava ali, aguardando, juntamente com sua esposa Maria. Daniel e Gunnar com muita freqüência eram convidados a participar de cultos e reuniões de oração nas casas destes irmãos, nas quais, não raro oravam noite adentro. Ali, eles estavam certos de que eram sempre bem-vindos. Um pouco afastados estavam Henrique Albuquerque e sua esposa Celina, a antiga professora da escola dominical e a primeira pessoa a ser batizada com o Espírito Santo. Maria Nazaré, a segunda a ser batizada, havia presenciado o batismo de Celina na madrugada de 9 de junho, e a ouvira falar em línguas e cantar no Espírito durante duas horas ininterruptas. Em seguida, ela deu um testemunho no culto de sexta-feira à noite sobre tudo o que havia visto e ouvido e sobre o seu próprio batismo com o Espírito Santo, durante a reunião de oração e ação de graças que os irmãos haviam feito no porão, mais tarde. Havia ainda várias famílias com crianças, que juntamente com os demais constituíam o simples começo de um grupo de pessoas que haviam descoberto a importância da Bíblia na sua plenitude, e que haveriam de fundar sua própria igreja, fundamentada unicamente na Palavra de Deus, que vale em todo o tempo e para todo o sempre, para quem quiser crer.

O evangelho dos missionários suecos era inabalável e sem sombra de variação. Eles davam testemunhos na igreja batista sobre tudo o que haviam tido a oportunida-

de de viver a partir do momento em que o Senhor passou a tomar conta de suas vidas e de como eles haviam-no deixado tomar a frente de tudo. Testemunhavam sobre a graça de Deus no porão e nos lares dos irmãos, nos grupos de oração, ou separadamente, nas ruas e becos ou onde quer que o Senhor os guiasse, após haverem orado pedindo confirmação. Henrique deu um passo à frente e ofereceu a seus irmãos na fé a sua casa, como um lugar comum para louvarem ao Senhor. Os missionários até teriam, se quisessem, um local para dormir. Gunnar e Daniel aceitaram a oferta com grande alegria, pois esta veio suprir a necessidade do momento. Todos sentiam uma comunhão especial para com a primeira pessoa a ser batizada com o Espírito Santo e com sua casa, visto que ela era o começo de toda uma obra, e seu lar, o ponto de partida. Em sua morada, agora, havia um local separado, o mesmo lugar que os irmãos Albuquerque outrora já haviam deixado à sua disposição.

12
Dia 18 de Junho de 1911

O fato de os irmãos Albuquerque terem oferecido a Daniel e a Gunnar um local fixo para as reuniões, a partir do dia 18 de junho de 1911, deu ao trabalho dos missionários uma forma mais oficial, que recebeu o nome de "Missão de Fé Apostólica", situada na rua Siqueira Mendes, 67, Cidade Velha.

Gunnar assumiu como dirigente, e os demais irmãos dedicaram-se basicamente às mesmas atividades que antes exerciam na igreja batista. Daniel dedicava todo o seu tempo ao trabalho de vendas de Bíblia. Além da recém-nascida igreja, havia pequenos trabalhos espalhados pelos quatro pontos da cidade, onde os missionários, geralmente com a ajuda de Adriano, dirigiam cultos. Estes pequenos grupos se reuniam em lares, nos quais era cedido algum espaço para a adoração, o louvor e a oração.

Era de vital importância que os locais de reunião se dessem nas proximidades das casas dos visitantes, pois conduzir-se até o novo local lhes custava dinheiro, já que seriam obrigados a recorrer a bondes ou a ônibus. Era, portanto, muito mais fácil tomar a decisão de ir a um

culto se o lugar fosse perto de suas residências. Com isso, as crianças, por menores que fossem, também poderiam ir junto, além de ser bem mais fácil estender o convite aos vizinhos.

O culto não era um lugar para onde as pessoas se dirigiam apenas aos domingos. O pequeno local onde os amigos se encontravam passou a ser para eles um segundo lar, onde as pessoas podiam ir diariamente orar e louvar a Deus ainda que às vezes fosse por um tempinho livre. Era lá que os irmãos se reuniam para desfrutar de comunhão uns com os outros, sempre que alguém fazia aniversário. O mesmo acontecia em funerais, ou no nascimento de crianças, que eram levadas à frente para serem apresentadas a Deus. Tanto as alegrias quanto as tristezas eram compartilhadas na casa do Senhor.

Esses grupos cresciam com pessoas que haviam tido a oportunidade de aceitar a Jesus como seu Salvador pessoal. Parte delas se aproximava, pois eram tocadas pelo testemunho de Daniel em suas batidas de porta em porta pela cidade, ocasiões em que ele tinha a oportunidade de fazer-lhes o convite. A outra parte era composta por membros de outras igrejas evangélicas, que vinham aos cultos com o objetivo único de estudar mais de perto os novos ensinamentos que os seus pastores tanto repudiavam e censuravam.

Bastava contemplarem o gozo, a fé e a harmonia que predominavam entre os irmãos, e ouvirem o testemunho daqueles que haviam descoberto na Bíblia uma verdade maravilhosa, que excede a todo entendimento, para logo se convencerem de que ali, sim, era o seu lar espiritual, e unirem-se aos seus irmãos na fé.

Tão logo as outras igrejas evangélicas começaram a notar a grande evasão que se dava entre os seus membros, puseram-se a agir e iniciaram campanhas de todos

os tipos para deter "os missionários com seus falsos ensinos", conforme os chamavam.

Raimundo Nobre decidiu ir mais fundo em sua investigação. Redigiu um panfleto de 27 páginas, no qual fazia uma descrição da concepção de fé dos missionários, advertindo contra qualquer confraternização com eles. Deste panfleto, mandou imprimir 20.000 cópias que, depois, foram enviadas para as igrejas evangélicas de todo o Brasil. Uma aglomeração de agitadores com uma cópia da carta foi até o jornal "A Folha do Norte" e entregou-a a um jornalista, ao mesmo tempo que o colocou a par de suas próprias opiniões. Influenciado e instigado pelo "clima agitado", o jornalista, disfarçado, dirigiu-se para assistir um culto naquela mesma noite.

Era óbvio o que pretendia, visto ter ouvido apenas uma parte da história. Lá estava ele, na verdade, visando unicamente confirmar as suas já preconcebidas idéias. Sequer prestou muita atenção ao que estava sendo pregado. Ouviu o alto som dos louvores e ação de graças dos participantes, sem contudo compreender as razões que os levavam a cantar para poder introduzi-las em seu texto. Sentia-se no dever de certificar-se claramente do conceito sustentado pelo grupo que o procurara, e na manhã seguinte publicou a idéia central do panfleto, escondendo dos leitores que um grupo de indivíduos inconformados o haviam entregue. Concluindo o artigo com seus próprios comentários, a idéia em si foi passada, e era de se esperar uma boa tiragem de exemplares.

O artigo teve como resultado uma curiosidade geral em relação aos fenômenos. E as congregações locais encheram-se de pessoas que queriam vê-los e ouvi-los de perto. O autor do artigo, no entanto, não se dava por satisfeito. Na verdade, sentia-se vítima da pressão dos opositores, e tinha feito da opinião dos outros a sua própria.

Decidiu então participar de outro culto, mas desta vez disposto a acompanhá-lo com o coração aberto. Era um dever que ele tinha, considerando-se um bom jornalista, tanto consigo mesmo como também com o jornal. Desta vez, ouviu a pregação sem segundas intenções. Entrevistou os representantes da igreja, e conferiu com os próprios olhos os trechos bíblicos a que faziam referência, descobrindo que a mensagem estava muito bem fundamentada naquele que era o Livro dos livros.

No dia seguinte, os leitores do jornal puderam encontrar nele um artigo bem matizado, baseado em fatos que o próprio jornalista havia experimentado, e até mesmo concordado. Entre outras coisas escreveu: "Jamais em toda minha vida participei de uma reunião de crentes em que eu pudesse ser testemunha de tanta alegria e fé como agora".

O impacto entre os leitores desta vez foi no mínimo tão forte quanto o do primeiro artigo. Tanto fora quanto dentro da igreja as pessoas discutiam aquelas palavras entre si, e a freqüência aos cultos era maior do que nunca.

Mas, apesar dos resultados favoráveis, também vieram as oposições. "Inflamou-se em chamas" o debate. Além do que era escrito a seu respeito, os missionários também sofriam outros tipos de insultos. Não era diferente com os membros e com seus filhos, que eram cruelmente expostos em suas casas, nas ruas, em seus locais de trabalho, bem como nas escolas. As perseguições muitas vezes implicavam até mesmo em agressões físicas, mas, como discípulos de Cristo, não revidavam, antes viravam a outra face, pois do contrário, o que não diriam os inimigos a seu respeito?

Não havia recursos financeiros nem local na região em que pudesse ser construído um tanque batismal, por isso os cristãos eram obrigados a realizar seus batismos

no rio Guamá. Para chegar lá, o grupo precisava atravessar boa parte da cidade. Caso os inimigos estivessem a postos, podiam valer-se de toda espécie de armas, tais como: pedaços de pau, pedras e facas para tentar dispersar o fiel grupo de pessoas. Com isso, os batismos precisavam ser secretos e o mais tarde possível, para garantir segurança. Às vezes eram realizados às duas da madrugada, e ainda alternando os trajetos de ida e volta a fim de se esquivarem de eventuais ataques. Acontecia mesmo de eles, após o batismo, serem obrigados a se retirar apressadamente do local vestindo apenas os trajes de batismo e levando suas roupas debaixo do braço, pois seria arriscado demais trocar de roupa à beira do rio, prolongando com isso a sua estadia ali.

13

De Volta às Ilhas

Acabava de chegar uma nova remessa de Bíblias e Novos Testamentos. Daniel mesmo recebeu o pacote que seu antigo chefe do atacado de frutas dos Estados Unidos havia prometido enviar-lhe de presente. Desta vez, no entanto, era grande o volume de Bíblias, brochuras e folhetos que havia atravessado o Atlântico.

Além do valor espiritual que continham, havia ali um valor cultural inestimável, pois quando as pessoas se convertiam a Jesus e passavam a crer em sua Palavra, também interessavam-se em conhecer a Bíblia mais de perto, e muitas sentiam-se fortemente motivadas pelo grande esforço de aprender a ler. Em primeiro lugar, já não dependeriam mais de alguém para ler o que estava escrito no Livro Sagrado ou para se aprofundarem em seu conteúdo.

Para muitas pessoas, a distribuição de Bíblias era uma novidade. Todos se sentiam curiosos para saber o que é que Daniel estava vendendo. Bíblias e Novos Testamentos escritos em português eram coisas incomuns na época. Em geral, uma ou outra referência que se ouvia concernente à Bíblia era na missa, pois o pároco era o

único da igreja que possuía uma, e esta era, na maior parte das vezes, escrita em latim - o idioma padrão das missas.

Daniel terminou então seu trabalho - para o sustento - junto à fundição. Na função de capataz vinha recebendo 12 mil réis por dia, aproximadamente duas vezes o que era pago a um trabalhador comum. Durante o tempo em que esteve trabalhando ali, recebeu constantes aumentos de salário devido à sua dedicação e competência.

Quando se demitiu, foi-lhe oferecido um salário ainda mais compensador, porém Daniel sentia que era chegada a hora de dedicar-se inteiramente à obra do Senhor.

Acompanhados por Adriano, Gunnar e Daniel já haviam noutra época visitado a casa dos pais daquele, na ilha de Marajó. Ali também tiveram a oportunidade de pregar o Evangelho, noutras aldeias que visitaram à margem do rio Tajapuru. Aqui e ali, haviam sido formados grupos de crentes que, com freqüência, se reuniam para orar, dar testemunhos e graças a Deus nos lares uns dos outros, ou onde melhor conviesse.

Já havia passado algum tempo desde a última visita dos missionários àquele lugar e, considerando-se que ainda não tinham nenhum líder oficial com quem pudessem contar, era possível que futuramente surgissem problemas. O trabalho do Senhor precisava seguir em frente. Além do mais, aqueles irmãos não dispunham de Bíblias, e urgia que Daniel os visitasse o mais rápido possível, pois do contrário, o risco de porem a obra do Senhor a perder naquelas aldeias seria grande.

Levando consigo duas malas de viagem, uma contendo literatura e a outra de coisas pessoais, velejou de volta para Marajó.

O sono não foi tão pesado. A chuva que caía elevava o nível do rio e, deitado no chão do convés inferior, Daniel

rolava para um lado e para o outro, acompanhando os movimentos do barco. Poderia ter sido pior, pois isso foi no final de junho de 1911, e a época mais quente do ano era novembro. Caso ele tivesse caído num sono profundo, teria corrido o risco de perder toda sua preciosa bagagem, assim que o barco atracasse em Mosqueiro, com todo o entra-e-sai de passageiros. Ao chegar em Ipixuna, um grupo de pessoas já estava à sua espera para dar-lhe boas-vindas. Ficou sabendo que os presentes tinham ouvido os rumores vindos de crentes de Belém, que se tinham penetrado até nas vilas mais longínquas que Daniel visitara.

A alegria pelo reencontro foi grande, e grande era o número de perguntas que faziam. Reuniram-se na casa dos pais de Adriano e iniciaram, como de costume, orando a Deus que estivesse na direção de tudo. Os presentes elegeram um líder para assumir o trabalho, ainda que temporariamente. Acompanhavam todos juntos as passagens bíblicas que iriam trazer resposta às suas perguntas, enquanto Daniel sublinhava alguns trechos na Bíblia do líder recém-eleito.

Após haver passado alguns dias em Ipixuna, Daniel viajou para Soure, prometendo breve estar de volta, desta vez, trazendo provavelmente consigo Gunnar Vingren.

Era tarde da noite quando o barco a vela atracou em Soure. A época era ideal para ir à região central da ilha, pois era quando poderia encontrar um local barato para passar a noite, descansar bem e começar cedo, na manhã seguinte. Daniel também necessitava de um tempo a sós com Deus, para pedir a sua ajuda naquela situação totalmente nova. Em Ipixuna, a presença de Adriano havia sido de grande proveito para ele, não só pelo prestígio de que desfrutava devido a sua posição, como também pelo fato de ser nascido no local, conhecendo grande parte das pessoas que ali viviam. Também falava um dialeto do

português misturado com a língua indígena que era comum naquelas aldeias mais isoladas. Enfim, seus conhecimentos muito vieram suprir as necessidades do momento. Apesar disso, a sua presença também se fazia necessária no Pará, no apoio a Gunnar.

O trabalho de porta em porta até que havia tido sucesso em Belém. Ali, as famílias eram mais reservadas e um tanto independentes dos outros, porém ele sabia que em Soure as oposições seriam duras, e que correria até risco de vida.

A região desde muito era dominada pelo proprietário de uma grande fazenda de gado, que se julgava dono também dos arredores, inclusive dos seus habitantes. Para garantir sua posição de poder por longo tempo junto ao povo, na sua maioria escravos, que trabalhavam em sua fazenda e eram tratados como bem lhe conviesse, ele doava dinheiro e prendas à igreja católica da aldeia. Por sua vez, o pároco se tornava o seu braço direito na luta contra o povo, retribuindo pelas ofertas a esperada benevolência, e dando-lhe todo o apoio por ocasião de suas pregações sobre submissão às autoridades.

Até mesmo as autoridades terrenas, representadas pelo prefeito e pela polícia, cooperavam com ele. A distribuição de Bíblias e as pregações ao povo em lugares públicos podiam ser interpretadas como agitação até mesmo em conversas particulares. Toda comunicação com o povo deveria acontecer através da igreja ou do pároco.

No entanto, o desenvolvimento dos últimos tempos dava novos rumos às circunstâncias. A exportação de borracha, carne, madeira para construção e de outros produtos da natureza havia aumentado, como também o fluxo de pessoas que vinham do interior à procura de trabalho. Graças à melhoria dos meios de comunicação, a população da ilha, que outrora vivia mais isolada, agora também podia viajar até Belém. E as travessias, que

anteriormente levavam de três a quatro dias, agora podiam ser feitas em algumas horas, com os novos barcos a vapor.

Daniel partiu confiante de que o Senhor colocaria as palavras certas em sua boca. Desceu até o porto, onde os pescadores moravam e tinham lugar com seus barcos. Daniel também poderia se chamar de pescador, de certa forma. Quando bateu à primeira porta, ficaram todos muito surpresos ao se depararem com o enorme estrangeiro do lado de fora, com uma grande mala de viagem. O que estaria ele fazendo ali? Daniel pegou sua Bíblia e perguntou se poderia ler alguma coisa para eles.

"Ela fala sobre os santos?" indagaram cautelosamente.

"Naturalmente", respondeu Daniel, folheando e indicando os diversos evangelhos na versão portuguesa: "São Mateus, São Marcos, São Lucas, São João".

Logo então perceberam que não deveria ser algo nocivo, afinal o pároco também possuía um livro daqueles. E o dia de São João, além do mais, era comemorado com grandes festividades todo ano, quando as praças da igreja se transformavam numa área de festas ricamente ornamentada, com barracas e toda sorte de coisas para vender - bandeirolas, luzes, fogos de artifício e bombinhas de tipos variados. Uma vez conferida a presença daquele santo tão fervorosamente celebrado sob o comando e a bênção da igreja, certamente aquela Bíblia não representava nenhum perigo. Outra coisa que o estrangeiro mencionou é que o pároco era o único que tinha acesso a ela, que eles agora também poderiam comprar uma para si, e que ali eles descobririam trechos que o pároco jamais havia citado. As passagens que Daniel começou a ler, eles jamais haviam ouvido antes. Daniel sentiu-se gratificado pela credibilidade com que essas pessoas receberam a sua mensagem. Embora, como de costume, tivesse a

oportunidade de contar-lhes seu testemunho pessoal, não poderia logo na primeira vez convidá-los para um culto caseiro, já que ninguém diretamente havia ainda colocado sua casa à disposição, pois esta seria uma atitude por demais provocativa ao pároco. Passados alguns dias, porém, Daniel teve suas orações respondidas quando um pescador e toda sua família converteram-se e colocaram seu lar à disposição do Senhor.

As famílias dos pescadores pareciam ser diferentes das dos outros moradores da ilha, pois não tinham apego ao cultivo da terra ou aos proprietários. Eles eram os seus próprios senhores, com tudo que significava em riscos e responsabilidade econômica pela família, a casa e o equipamento. A dura vida no mar fazia os fortes ainda mais fortes e prósperos, enquanto os fracos depois de chegar a um certo ponto não agüentavam mais.

A lei dos fortes aplicava-se tanto entre os animais quanto entre seres humanos. Isso parecia tão claro a Daniel, entre os pescadores e os lavradores, agora que convivia com esses tipos de pessoas tão de perto.

Quando um pescador saía da ilha para pescar sozinho, tinha grandes oportunidades de meditar sobre a vida e a morte, sobre o verdadeiro sentido de viver e a segurança de sua família. Assim, era uma coisa extremamente gratificante poder falar àquele homem e ler para ele no Livro dos livros sobre o grande Amigo que poderia dar resposta a seus porquês e prometia estar perto dele na hora da necessidade, se apenas acreditasse nEle.

Aquelas pessoas, agora, poderiam constituir o alicerce para uma congregação vindoura. Embora um pouco hesitantes e temerosos, uniram-se a eles e puderam sentir todo o apoio de que necessitavam.

Os livros haviam se esgotado, e Daniel decidiu retornar a Belém, mesmo porque seria bom que as sementes do Livro da Vida, ali plantadas, pudessem germinar um pou-

co. Sem contar que também havia prometido aos irmãos de Tajapuru tentar trazer Gunnar consigo.

A batalha em Belém já havia sido vencida, porém as oposições ainda eram muitas. O Senhor havia realizado inúmeros milagres e estabelecido sua obra com sinais evidentes, atuando de diversas maneiras, e muitos doentes haviam sido sarados de enfermidades incuráveis.

Gunnar, por sua vez, sentia-se muito cansado e abatido nos últimos tempos e parecia não ter forças para fazer tudo o que desejava. Era muito oportuna a sugestão de Daniel, de fazerem juntos uma viagem a Ipixuna. Gunnar talvez pudesse deixar o trabalho em Belém por um pouco de tempo, já que Adriano agora se encontrava maduro o suficiente para assumir a frente do trabalho por um tempo. Para auxiliá-lo, havia ainda outros irmãos que poderiam ajudá-lo a dirigir os cultos.

Seria maravilhoso poder deixar aquela cidade quente e voltar a sentir a frescura dos ventos marítimos na ilha de Marajó. Uma mudança de ares far-lhe-ia certamente muito bem.

A viagem até Ipixuna correu mais tranqüila que a primeira. Agora, Gunnar sabia o que estava à sua espera, e desde o princípio tinha consciência do que poderia ocorrer, até mesmo no que se referia a comida. Daniel e Gunnar procuraram o irmão Gaspar que, à última visita de Daniel, fora eleito líder da pequena congregação, que muito se alegrou com a sua vinda.

O trabalho em Ipixuna estava uma bênção. Ele podia dedicar todo o seu tempo à obra do Senhor, já que os membros haviam prometido mantê-lo e à toda sua família com o necessário.

Havia até mesmo um pequeno grupo de pessoas que iriam ser batizadas pelos missionários. Daniel e Gunnar ajudaram a batizar estes caros irmãos, e todos se alegraram no Senhor e o louvaram com cânticos. Havia uma

grande festa no rio. Durante a sua permanência em Tajapuru, Gunnar acompanhava a distância o trabalho em Belém. Ele se encontrava fisicamente distante deles, e não tinha como intervir caso fosse necessário. Orou ao Senhor, em cujas mãos está todo o poder, pedindo que Ele continuasse guiando a todos, tanto em Ipixuna quanto em Belém. Estava sendo uma ótima oportunidade para Adriano se aprimorar, aprendendo a trabalhar sozinho, e para Gunnar desenvolver o português, pois, apesar de todo o tempo que dedicava ao estudo, seus conhecimentos do idioma ainda eram insuficientes. Fazer-se compreender quando se comunicava com algum nativo, de alguma forma sempre dava certo, mesmo que para isso tivesse de fazer uso das mãos. Entretanto, não havia como utilizar a mímica nas pregações. Graças a Deus pelo fato de Adriano haver cruzado seu caminho, pois Gunnar podia ser interpretado do inglês para o português. Agora, Gunnar estava tendo a oportunidade de descobrir pela primeira vez como era o seu desempenho sem a ajuda de Adriano. Havia apenas nove meses que eles estavam no país.

Já eram meados de agosto de 1911. Quando Daniel e Gunnar olharam para trás e refletiram sobre tudo o que havia se passado desde que desembarcaram naquele imenso país, puderam ver quão grandes coisas o Senhor havia realizado. Ele os chamou, não obstante as suas deficiências. Por trás de todo sucesso obtido estava a mão do Senhor. Puderam transformar-se em seus servos fiéis e viver debaixo de sua direção, o que realmente só aconteceu após inúmeras e longas noites de oração. A Deus seja a glória por tudo!

Havia um mês que eles estavam em Ipixuna. As dores que Gunnar vinha sentindo nas pernas desde o batismo em Belém, no mês de maio, todavia eram fortes, e faziam com que ele tivesse dificuldade para andar. Até mesmo Daniel sentia dores nas pernas, mas acreditava que aqui-

lo se devia à vida sedentária que levavam naquelas ilhas. As pessoas é que iam ao seu encontro, onde quer que se achassem. Na maior parte das vezes, eles estavam nos lugares onde eram realizados os cultos, e muitas eram as perguntas que necessitavam de resposta, tanto de ordem espiritual quanto de ordem material. E os companheiros freqüentemente lá ficavam sentados, na tentativa de poderem ajudar, até que o cansaço os vencesse. Gunnar começou a ter também febre intermitente, com calafrios, o que os obrigou a retornar a Belém.

Adriano muito sentia a falta de Gunnar e de seu espírito de liderança inspirador, bem como de seus gostosos momentos de oração juntos. Mas ele próprio encarava o tempo que havia passado como um desafio para ser mais independente no trabalho, sob a direção de Deus. Seis dias após seu retorno a Belém, os pés e pernas começaram a inchar e, após mais dois dias, o inchaço se alastrou até o peito, e Gunnar tinha muita dificuldade para andar. Foi aí que decidiu ir até a ilha Mosqueiro para banhar-se. A ilha não era tão distante dali, e Gunnar já havia ouvido falar das águas puras de seus rios.

14

Mosqueiro

Preocupados com o estado de saúde de Gunnar, os missionários embarcaram no novo barco a vapor que passava por Mosqueiro antes de seguir para Soure, a maior população da ilha de Marajó.

O barco era espaçoso, e navegava em velocidade constante. Era um barco robusto, por isso resistia bem ao impacto das ondas, o que lhes garantia uma viagem tranqüila.

Eram meados de setembro, e a brisa da noite, mais os ares de Marajó que vinham da baía de Guajará, constituíam-se num refrigério. Faltavam ainda três meses para o período mais quente do ano.

No convés, havia assentos de madeira e até mesmo um quiosque, onde podia-se comprar uma xícara de café, sanduíches ou um prato quente com feijão preto, farinha de mandioca e arroz.

Quando chegava a hora de dormir, cada qual pegava a sua rede e a prendia nos ganchos instalados ao longo da parede do convés. Havia também outras maneiras de se viajar. No convés superior, havia um grande salão com

poltronas confortáveis e, dentro deste, camarotes espaçosos com toaletes privados para os "senhores", além de uma pequena sala social.

O convés, ainda que estivesse envolvido pelas redes, talvez ainda fosse o lugar mais confortável, refletia Daniel, pensando em Gunnar, que se encontrava na rede ao lado. Ele que tanto precisava daqueles ventos frescos, sobretudo agora que se encontrava enfermo. De certo que nem sempre era relaxante deitar lá em cima com as baratas e pequenos insetos.

Antes que ele adormecesse ao som das batidas rítmicas da maquinaria, que vinha do interior do barco, pensou por um momento nos pobres foguistas que, naquele calor, punham carvão com a pá na insaciável caldeira. Certamente não devia ter ventiladores lá embaixo. Daniel sentia-se seguro por estar dormindo nos braços de Jesus, pois sabia que o Senhor continuaria a tomar conta deles.

Do barco já podia se ver que Mosqueiro era uma ilha deslumbrante. Diante de seus olhos podia ver quão magnífica a vegetação da selva podia ser de perto. As árvores majestosas misturavam-se a palmeiras de diferentes espécies e tamanhos; orquídeas de todas as espécies desabrochavam em pencas no tronco das árvores; frutas amareladas de tamanho descomunal se dependuravam em outras árvores, e, na terra, havia cactos floridos. Diante de tudo isto ainda havia o banco de areia alva, onde crianças queimadas de sol brincavam entre barcos pesqueiros de cores vivas.

Uma ponte comprida levava a terra.

A água do rio Amazonas era amarelada de tanta lama. Aquele paraíso também continha lá suas serpentes, no sentido literal da palavra. Mas perigo maior representavam as piranhas, e Daniel já havia sido alertado sobre elas. A piranha é considerada um dos peixes mais perigosos e vorazes do mundo, e ataca em grandes cardumes.

Com seu maxilar superior embotado e os seus dentes afiados e serrados, duas vezes maior no maxilar inferior e voltados para a garganta nas laterais, transformam-se numa arma eficaz na hora de arrancar pedaços de carne de um ser morto ou vivo que cruzar o seu caminho. O ventre vermelho indica sua semelhança com o salmão. A única coisa visível na superfície da água são as bolhas gigantes, tal qual numa água fervente, que se formam quando esses peixes devoradores consomem as suas vítimas, até restar unicamente o esqueleto branco, já completamente sem carne.

Prosseguiram no caminho que levava à clareira da mata e chegaram a um pequeno comércio que havia à margem do rio, no qual um homem vendia ou trocava por peixe os frutos da sua colheita. Os dois amigos foram até ele, e perguntaram-lhe se seria possível tomar um banho e trocar de roupas em sua casa, e eventualmente deixar ali as suas malas no decorrer do dia. O homem sentiu-se constrangido e envergonhado por ter de mostrar aos estrangeiros sua tão humilde casinha, e expôs as dificuldades para se chegar até lá devido à enorme distância e à necessidade de andarem por caminhos intransitáveis. Além do mais, iria ainda demorar um bocado até que ele concluísse os seus negócios do dia. Entretanto, se estivessem dispostos a esperar...

Os dois amigos agradeceram e puseram-se a esperar...

Ao cair da noite, eles partiram acompanhando o homem, que ia indicando o caminho. Ao chegarem a uma clareira na mata, este apontou para uma choça de barro coberta com folhas de palmeira, a qual era a sua casa. Após colocar sua esposa a par da situação, deram a eles uma vasilha grande que era normalmente usada para carregar água e as encheram numa bica próxima dali. Como era bom poder se lavar e, como numa ducha, jogar sobre si aquela água fresca, deitando-se nela por um instante.

Ambos iriam fazer o possível para recobrar as energias durante o tempo em que estivessem em Mosqueiro.

Um pouco mais para frente havia o rio da Seringueira, onde poderiam nadar um pouco pela manhã antes de iniciar as visitas ou pela noite, antes de deitar. Assim que se enxugaram e trocaram de roupas foram convidados para a refeição da noite: peixe fresco com batata doce e farinha de mandioca. A família não tinha cadeiras, mas o homem havia improvisado uns bancos feitos de troncos de árvores, fincando-os e colocando em seguida tábuas sobre elas. O mesmo havia sido feito com a mesa. Também ofereceram-lhes quarto para passarem a noite. O homem havia visto como Gunnar tinha dificuldade para se locomover e que traziam consigo redes próprias.

Ao se assentarem todos à mesa, os dois amigos contaram que eram suecos e tentaram descrever para eles a localização da Suécia. De certo, não tinham eles grandes conhecimentos geográficos, mas pareciam compreender que se tratava de um país pequeno e muito distante.

Depois, Daniel falou-lhes sobre a sua missão de falar de Jesus, o filho de Deus e nosso Salvador pessoal, e acerca do batismo com o Espírito Santo. Então, oraram de mãos juntas, pedindo que o Senhor os estivesse guiando e abençoando àqueles amigos, o seu lar e o alimento que haveriam de tomar. Abriram suas Bíblias e leram um trecho das Escrituras Sagradas para os que ali estavam. Após a refeição, sentaram-se todos para ouvi-los, quando então Daniel pegou o seu violão e cantou um corinho. As crianças, que na mesa haviam se sentado tão distantes dos estrangeiros quanto puderam, agora chegaram mais perto. A expressão de medo nos seus olhos havia desaparecido e estava mais para curiosidade.

Aqueles estrangeiros eram um tanto quanto diferentes dos que eles já haviam visto ali anteriormente, pois tinham a pele muito branca e eram muito altos, ou pelo

menos um deles. Além do mais, eles não falavam nem um pouco parecido com pessoas da região. Tinham muita dificuldade de compreender o que diziam. O mais alto não parecia nada perigoso, agora que estava sentado ali a entoar aquela canção. Na verdade, possuía olhos realmente muito alegres e angelicais. As crianças olharam-se entre si, numa espécie de consenso de que não havia mais por que ficarem com medo. Desenvolveu-se uma maravilhosa amizade entre os dois estrangeiros e a família, razão por que resolveram oferecer-lhes sua casa para ficar o tempo que precisassem.

Durante os dias que se seguiram, os missionários prosseguiram na sua caminhada, e, à cada nova casinha que viam, falavam a seus moradores sobre Jesus, que Ele é o mesmo hoje e o será para todo o sempre.

Quando chegaram à casa que era habitada pelo casal Furgêncio de Oliveira Telles e sua esposa, Francisca, estes colocaram um quarto à disposição dos missionários para fazerem cultos. O primeiro culto foi realizado no dia 29 de setembro de 1911. Além da família hospedeira e dos filhos, participaram também parentes que moravam na região. Os familiares de Furgêncio também estavam presentes. Dez irmãos entregaram suas vidas ao Senhor e outro lugar de cultos foi aberto. No entanto, até mesmo naquela linda ilha havia oposições e hostilidades. Puderam ver diversas provas disto durante as visitas às casas. Certa noite, enquanto estavam fazendo um culto, colocaram fogo no local e atiraram pedras sobre a frágil cobertura. Do lado de fora, os inimigos seguravam cachorros ferozes. Insultos vinham de todos os lados. Era à espera dos missionários que eles estavam.

Uma mulher dentre os recém-convertidos da região, que conhecia muito bem os arredores, conduziu os dois amigos pela porta dos fundos, acompanhando-os pelo montanhoso terreno tão distante quanto pôde. Gunnar

tinha muita dificuldade para andar e sentia fortes dores a cada passo. Mas o Senhor foi fiel e preservou suas vidas, através da ajuda daquela irmã.

As ameaças só serviam para manter os irmãos cada vez mais unidos. A palavra do Senhor dizia que eles deveriam ficar unidos à sua Palavra e guardá-la. O fogo dos inimigos logo seria extinto, porém o que ardia em suas almas jamais se apagaria. Muito breve os irmãos iriam reconstruir, em conjunto, o que havia sido consumido pelo fogo. Nenhuma pessoa havia se ferido. Os inimigos haviam estado atrás dos missionários, mas já que eles não foram encontrados em lugar algum, os blasfemos e amaldiçoadores retornaram, de punhos cerrados, de volta para suas casas.

A fim de não se exporem à violência, nem a seus amigos, os missionários viajaram de volta para Belém logo à primeira oportunidade.

Na chegada, Gunnar se encontrava tão enfermo que precisou ficar de cama. Seu corpo estava inchado e a febre aumentava cada vez mais. Havia três dias que não dormia devido às dores. No quarto dia, o esgotamento era tanto que caiu no sono, o que foi motivo de darem graças a Deus. Gunnar conseguiu então urinar, e durante os dois dias seguintes o inchaço foi gradativamente desaparecendo, até que seu corpo voltou à forma normal. Os irmãos se uniram numa batalha de oração, que foi vencida antes que sequer houvessem recorrido a médicos ou a remédios, pois o Senhor na sua misericórdia o curou.

Gunnar se encontrava ainda bastante fraco, mas decidiu viajar para Soure, onde Daniel recentemente havia estado, e onde um pescador havia oferecido sua casa para fazer cultos.

Urgia também que aquele lugar fosse visitado, pois o trabalho ali ainda era novo, e as oposições eram muitas. O líder ali necessitava de todo o apoio e ajuda possíveis,

pois num futuro bem próximo também seriam realizados batismos ali, e era importante que o dirigente não estivesse sozinho na liderança, enfrentando toda sorte de perigos e ameaças que poderiam sobrevir à sua vida e à dos fiéis.

15

O Jaguar

Chegando em Soure (22 de outubro de 1911), Daniel e Gunnar foram à procura do irmão que dirigia o trabalho no local. Também este podia dedicar todo seu tempo à obra do Senhor, e de todo o coração dedicava-se a ganhar almas.

Havia lá uma dezena de pessoas que seriam batizadas nas águas do rio. Os batismos tinham de ser realizados o mais tarde possível a fim de se evitar interferência das autoridades. No entanto, mais cedo ou mais tarde, acabariam descobrindo, porém já não teriam escolha senão dar de mão aos obreiros. Talvez esses confrontos diretos pudessem ser evitados no primeiro batismo no local. Naquele frágil começo, as controvérsias também poderiam ter como resultado a intimidação aos futuros candidatos ao batismo. Muitas famílias eram molestadas e tinham de suportar agressões físicas. Porém, não havia como se calar diante de tão maravilhosa experiência, pois a boca fala do que está cheio o coração. Obviamente, sabiam que, por mais tarde que fosse, seus adversários viriam espiá-los. Os irmãos tinham de evitar andar pelas ruas em grupos, pois isso poderia ser interpretado como um desafio.

Puseram-se a caminho. Seu objetivo era encontrar um local à margem do rio Amazonas onde não houvesse jacarés que, naturalmente, eram menores que seu parente africano, o crocodilo do Nilo, mas nem por isso menos perigosos. Eles dormiam durante o dia e acordavam no meio da noite para caçar.

Quando os irmãos chegaram, as feras ainda não haviam acordado. Estavam, como de costume, deitadas em pequenos grupos na praia do rio. À distância, podiam ser tomados por galhos de árvores flutuantes. Era, portanto, mais seguro tê-los um pouco à distância. Já as piranhas não podiam ser avistadas com a mesma facilidade, mas dizia-se que elas só atacavam quando sentiam cheiro de sangue. Entretanto, ninguém tinha vontade de assumir a tarefa de conferir se havia segurança.

Os olhos dos missionários lacrimejaram ao contemplarem o fiel e corajoso grupo que estava ali à sua frente, à beira do rio, pois sabiam das dificuldades que haviam atravessado e o quanto muitos tiveram de caminhar para chegar até ali. Nada havia sido capaz de, por um segundo sequer, fazê-los vacilar. Nem mesmo os perigos das águas à sua frente, ou os perseguidores às suas costas que, a despeito de todas as medidas de segurança tomadas, podiam ser vistos entre árvores e arbustos, observando atentamente a tudo que estava acontecendo. Era exatamente agora que haveriam de mostrar sua confiança em Deus. Se porventura os mais fracos houvessem se deixado abalar pela importunação e ameaças dos perseguidores, fazendo com que desistissem do batismo e voltassem atrás, certamente seria para eles uma derrota. E os inimigos ficariam mais do que satisfeitos.

Os candidatos ao batismo colocaram-se então em fila. Abriram as Bíblias, e Gunnar leu acerca do batismo. Mal havia conseguido ler algumas linhas quando ouviram um matraquear, seguido de um forte estrondo. Gunnar estava

debaixo de uma árvore muito grande, e um dos galhos, grosso como uma pequena tora, estava agora a apenas poucos centímetros de seus pés. Todos olharam para ele, consternados e horrorizados; a marca de uma machadada era mais que evidente. Olharam para o alto, de onde viera o galho e puderam ver a figura de um homem, descendo apressadamente da árvore. Ouviu-se um baque. O homem deu seu último salto antes de alcançar o solo e bateu em retirada. Ao se aproximar da floresta, parou e virou-se. Ergueu um dos braços e, com a mão fechada, gritou: "Que uma onça ataque os missionários e a todos que estão vestidos de branco!"

Todavia, os irmãos não mais se sentiam amedrontados, pois acabavam de ver com os próprios olhos um livramento do Senhor, e estavam plenamente convictos de estarem debaixo de suas asas protetoras. Dois dos candidatos ao batismo reconheceram o homem como um dos maiores proprietários de terras da região. Eles trabalhavam numa propriedade sua como escravos; eram considerados parte dela. Agora que o fazendeiro os vira ali, certamente não iria demorar muito a persegui-los e maltratá-los, pois os tinha totalmente debaixo do seu poder, podendo fazer com eles o que bem entendesse. Logo também trataria de colocar os demais empregados contra eles, e os tomaria como exemplo de vadiagem. Pouco lhe importava que o batismo houvesse ocorrido nas horas vagas de seus empregados; era ele quem mandava.

Apesar do pequeno incidente, as pessoas sentiam-se felizes em poder, já a partir do batismo, dar os primeiros passos nos caminhos do Senhor e, assim como os apóstolos, se alegrar por estarem sendo dignas de sofrer por amor ao Evangelho.

Durante o batismo, as pessoas entoavam cânticos de louvor ao Senhor. Agora, já podiam ser vistas algumas

fardas de polícia e o delegado sentado num tronco, acompanhando tudo à distância.

O batismo já havia terminado, quando um garoto foi visto correndo sobre a areia do rio, na direção deles. No que chegou até eles, contou-lhes, quase sem fôlego, que acabara de ver uma onça vagueando pelas cercanias com algo na boca.

Quando Daniel e Gunnar ouviram o relato do garoto, tiveram ambos o mesmo pensamento: o desejo do fazendeiro havia se realizado. Então qual de seus irmãos na fé teria tido tão trágico fim? Cada um então começou a conferir se os seus parentes mais próximos estavam presentes.

Não demorou muito, e o chefe de polícia aproximou-se para saber o que havia acontecido. Que poder era aquele do fazendeiro que os seus augúrios se concretizavam com tanta prontidão?

Partiram a passos largos na direção que o jovem apontava. Ficaram, então, surpresos ao constatarem que o lugar onde haviam acabado de entrar era de propriedade do fazendeiro. Depois de percorrerem mais outro trecho, o guia parou e apontou para o chão. À frente deles estava um terreno recém-revolvido. O garoto apontou silenciosamente para alguma coisa que estava no chão, bem diante de seus pés. Quando os irmãos olharam mais de perto para o que estava jogado no barro, recuaram aterrorizados. Lá estava o pé de uma pessoa! Os pedaços de carne espalhados pelo local confirmavam a ferocidade do animal. Era uma vista horrenda aquela. Um pouco mais para frente havia um chapéu de palha todo ensangüentado.

O chefe de polícia ficou calado por um instante, e em seguida chamou os seus homens, anunciando que era responsabilidade da polícia tomar conta daquilo. Um dos que haviam se batizado, que trabalhava na fazenda, con-

tou que, naquele mesmo dia, havia visto o patrão cavando exatamente ali. Sim, e estava usando aquele chapéu. Ele havia declarado e exteriorizado todo o seu ódio pelos crentes, e pelo fato de dois dos seus mais aplicados empregados agora haverem se juntado a eles e até mesmo se batizado. Chegou a dizer que não queria vê-los mais na região.

O pequeno grupo permaneceu calado por longo tempo, emudecido pelo que acabavam de vivenciar. Os adversários tinham se ajuntado em pequenos grupos, para conferir em voz baixa. Com os olhares cheios de medo, retiraram-se dali. Haviam com os próprios olhos testemunhado a tragédia, e acabaram por reconhecer quão arriscado poderia ser tentar opor-se à obra do Senhor; que o Senhor tanto pode proteger aqueles que são seus servos quanto castigar os que se rebelam contra Ele.

Os policiais também se retiraram calados, sem fazer perguntas.

Quando chegou o dia de Daniel e Gunnar deixarem a ilha, foram acompanhados por irmãos e amigos que queriam despedir-se deles. Finalmente poderiam, abertamente e sem reservas, mostrar a todos de que lado eles estavam. Com olhares francos e corações sinceros, convidaram calorosamente os missionários a voltar.

Tempos depois, ao retornar à ilha, Daniel receberia uma carta do prefeito solicitando que se apresentasse à prefeitura.

Daniel sentiu um calafrio na barriga, e começou a se questionar sobre o que teria acontecido, uma vez que, quando os irmãos os acompanharam até o barco, não havia ocorrido nenhuma intervenção da polícia, e ninguém os havia molestado. Deixaram-nos ficar à vontade. Teria algum membro, durante a sua ausência, eventualmente cometido alguma violação da lei, pela qual agora toda a congregação teria de sofrer?

A despeito da liberdade que desfrutavam, ainda eram muito visados, e cada passo errado que dessem, por menor que fosse, poderia ser usado contra eles. Agora, que haviam progredido tanto, que até já dispunham de um local próprio, registrado legalmente com todas as formalidades para seus cultos.

Quando Daniel se encaminhou até lá para falar com o pastor, e este só tinha para ele boas notícias. E, no que se referia às suas relações com as autoridades, estavam eles correndo sem problemas, sem quaisquer incidentes desde o último batismo.

Aliviado, embora ainda um pouco confuso, Daniel foi até a prefeitura, onde foi cordialmente recebido e encaminhado para uma audiência com o prefeito, que levantou-se para dar-lhe boas-vindas. Disse-lhe que as autoridades, através do chefe de polícia, tomaram conhecimento do fato ocorrido no batismo e estavam conscientes de que o mal que se deseja a outros pode muito bem acontecer a si mesmo. Em memória do ocorrido, as autoridades decidiram doar uma contribuição ao trabalho da igreja. Proveriam-na gratuitamente com energia elétrica durante os 20 anos seguintes.

O Senhor não falha!

Ele guia o coração do homem.

16

Encontro no Caminho

Daniel caminhava rumo à última aldeia antes de Bragança, na costa do Atlântico. A venda de Bíblias não havia correspondido às expectativas. Sequer havia conseguido dirigir a palavra a alguém. Conseguira apenas a distribuição de uns poucos folhetos. Daniel, pois, orou a Deus para que os folhetos lidos produzissem frutos, fazendo germinar a semente do Evangelho nos corações.

As maletas lhe pareciam pesadas, como pesado sentia seu coração. A viagem até Bragança seria longa, e ele não conseguiria alcançar seu destino antes da meia-noite. Além do mais, os caminhos que deveria trilhar eram-lhe desconhecidos, correndo ele o risco de se perder facilmente, pois nem sempre era possível acompanhar os trilhos do trem. Às vezes, a floresta se tornava tão impenetrável, que só com muito sacrifício os raios de sol conseguiam atravessar a frondosa vegetação e iluminar os seus caminhos.

Após algumas horas de caminhada, chegou a uma estrada mais larga onde sentou-se para descansar um pouco e fazer uma melhor distribuição do peso das ma-

las, para obter maior equilíbrio. De repente, ouviu ruídos e, a seguir, avistou um homem que vinha caminhando em sua direção. Chegando próximo de Daniel, parou e perguntou-lhe em tom de brincadeira se as malas estavam cheias de dinheiro.

O homem começou então a examinar Daniel detidamente, dos pés à cabeça; em seguida, uma volta ao seu redor, procurando não perder nenhum detalhe. Não era comum encontrar pessoas do porte e da aparência de Daniel por aquelas paragens.

Raras vezes tanta curiosidade havia se concentrado numa única pessoa. Se toda aquela aguçada curiosidade tivesse lugar entre os habitantes da última aldeia que visitara pela manhã, certamente os resultados teriam sido bem melhores. Um livro ou outro certamente teria sido vendido.

Daniel abriu a maleta de livros e mostrou-lhe o seu conteúdo. Quando o homem contou-lhe que era alfabetizado, Daniel logo abriu uma Bíblia, estendendo-a para que o homem a pudesse ler.

Após haver lido um trecho, olhou para Daniel e disse:

- Isto é uma Bíblia. O pároco não permite que nós a leiamos e certamente ficaria muito contrariado caso soubesse que alguém a andou examinando por conta própria.

- Você, meu amigo, é uma das poucas pessoas que gozam do privilégio de poder lê-la nessa região. Os que não sabem ler dependem totalmente das pregações do pároco e do que ele diz. Eles não podem tomar sua própria decisão, pois não têm acesso à Bíblia. Aqueles que possuem uma Bíblia podem lê-la em seu próprio idioma quando bem desejarem. Tornam-se livres e independentes.

Em meio à conversa, surgiu mais um homem, que se uniu à dupla. Logo ficou claro que este também era

alfabetizado, pois parou por trás do homem que chegara primeiro e começou a ler por sobre o seu ombro.

Daniel sentiu-se feliz, pois pessoas se aglomerando naquele lugar tão ermo e daquele modo tão espontâneo era-lhe um fato surpreendente e inesperado. Abriu mais uma Bíblia, consultou-a e estendeu-a para o recém-chegado.

Passado algum tempo, outro homem parou ali. Saudou a todos e começou a fazer parte da conversa.

Os olhos do último homem assumiram uma certa expressão de medo, o que fez com que partilhasse com os demais toda sua preocupação e peso na consciência pelo que estava acontecendo.

- Imaginem se alguém nos visse aqui e contasse ao pároco o que estamos a fazer.

- O pároco, na verdade, deveria sentir-se contente ao saber de seus estudos bíblicos e da sua dedicação à busca da salvação pessoal, pois a fé de vocês é o que realmente importa acima de qualquer coisa - respondeu Daniel.

Por fim, estavam todos tão entretidos naquele interessante bate-papo que nem se deram conta de que o dia já havia escurecido. Daniel perguntou se aquele caminho levava mesmo até Bragança, e prometeu fazer-lhes uma visita na viagem de volta. Nesse ínterim, teriam oportunidade de ler a Bíblia sozinhos ou com seus familiares. Gaspar, o homem que havia chegado primeiro, tomou a palavra e disse:

- Meu amigo, é tarde demais para se começar uma caminhada até Bragança sem se perder no caminho, especialmente considerando-se que grande parte do percurso atravessa a mata virgem. Como não existe na região local para se passar a noite, quem sabe eu poderia oferecer-lhe um lugar em minha casa. Também gostaria de poder comprar uma Bíblia, mas não trouxe nenhum di-

nheiro comigo, porque eu só havia saído com a intenção de tomar um pouco de ar fresco antes de me deitar. Não havia pensado em comprar nadá. Seja como for, já que tenho de ir até minha casa para buscar o dinheiro e voltar em seguida, por que em vez disso você não vem comigo e não soluciona o problema da hospedagem?

O convite foi igualmente estendido aos outros homens. Mal haviam posto os pés na porta da casa de Gaspar, os olhares de todos logo voltaram-se para Daniel. Surpresos, sua mulher e seus filhos cochichavam avidamente entre si.

Gaspar pediu a Daniel que lesse mais um pouco da Palavra de Deus para eles. Daniel não precisou pensar duas vezes para atender o pedido. Gratificado, leu capítulo após capítulo. Acompanharam-no incansavelmente.

Quando fizeram a oração de encerramento do culto improvisado naquela noite, o dia já havia começado a clarear. Também no coração do dono da casa havia nascido uma nova manhã - uma luz que o levou a aceitar Jesus como seu Salvador para a vida eterna.

Daquele dia em diante, o homem passou a dedicar toda sua vida à propagação do Evangelho e a anunciar às pessoas que Jesus morreu na cruz para salvá-las, curá-las e remir os seus pecados.

Tempos depois, Daniel e Gunnar foram convidados de volta àquele lugar, onde o irmão Gaspar obtivera grandes vitórias. Com muito esforço e sacrifício, construíram ali um templo para a honra e a glória do Senhor. Um edifício simples, porém construído com amor, alicerçado ali como símbolo da grande vitória do evangelismo. Ele seria consagrado pelos missionários. Grande era o grupo de pessoas convertidas na igreja que também queriam se batizar.

17

Bragança

Daniel caminhou até o centro da cidade, onde sabia haver parques com bancos para se sentar. Não se enganou. O banco duro de madeira era um bálsamo para o seu cansaço, e as árvores acima davam-lhe uma gostosa sombra de presente. Sentia-se exausto em razão de haver passado a noite anterior inteira em claro, lendo a Bíblia e orando juntamente com aqueles homens sedentos, na casa da família Gaspar. Daniel deu graças ao Senhor por havê-lo guardado durante a viagem e por haverem sido abertas novas portas para o Evangelho; orou a Deus para que moradores de Bragança também viessem a ser receptivos à sua Palavra.

Após haver cochilado um pouco, foi despertado pelo badalar do sino da igreja, do outro lado do parque. Algo desnorteado, olhou à sua volta. Foi para ele um alívio saber que as malas ainda estavam ali.

As portas das casas começavam a se abrir, e a cada minuto que passava, aumentava o fluxo de pessoas que, ora sozinhas, ora acompanhadas, dirigiam-se à igreja para a habitual missa da manhã.

Os que estavam sozinhos eram, na sua maioria, mulheres de todas as idades vestidas de preto e com véus pretos sobre as cabeças. As dificuldades e a fome, associadas a um trabalho árduo na floresta e às plantações por toda parte, haviam acarretado a morte precoce de seus maridos.

A maior parte dos freqüentadores da missa iam descalços. Os olhos dos maltrapilhos refletiam fraqueza total. Eles sabiam que ao longo do tempo estavam se perdendo na sua luta diária contra a miséria e o abandono e com um futuro aparentemente sem esperança. A pregação monótona do pároco bem pouco ajudava. Os abundantes e valiosos ornamentos da igreja combinavam bem com a batina do sacerdote. Calcule quantas bocas famintas tanta riqueza teria podido saciar se fosse transformada em alimento. Não, ponderou, ajudaria apenas temporariamente. Depois que tivessem comido, logo estariam com fome novamente, pois era enorme o número de bocas a ser alimentadas. Quanto maior a pobreza, tanto maior era a quantidade de filhos.

A manhã estava amena e gostosa. Eram poucos minutos passados das seis horas, e a temperatura ainda não havia subido tanto. O forte e agradável perfume das flores que vinha do jardim parecia querer competir com os alegres gorjeios dos pássaros, numa verdadeira homenagem ao Criador daquele dia que acabava de nascer. O coração de Daniel pareceu dar um pulo de júbilo ao sentir todas as possibilidades que o novo dia podia dar. A aurora estava apenas despontando, e o dia que estava nascendo ainda era uma página em branco.

Após fazer um levantamento das suas posses, constatou que teria de optar entre comer ou alugar um quarto barato de hotel. Para suprir ambas as necessidades, o dinheiro não seria suficiente. Talvez pudesse dormir ali mesmo, no banco do parque, apesar disto não ser visto

com bons olhos pelas autoridades. Mas, de onde tiraria a comida?

Olhou para todos os lados e para onde estava sentado.

Espalhadas por toda parte, ao longo das ruas principais e do parque onde se encontrava, havia enormes e frondosas mangueiras, ali plantadas para proporcionar sombra e embelezar o aspecto da cidade. Eram idênticas às que vira em Belém. Se comesse daquelas frutas, a questão da alimentação estaria solucionada.

A missa a essas alturas já havia acabado, e as pessoas começavam a sair da igreja. Daniel levantou-se do banco e aproximou-se dos pequenos grupos que se aglomeravam na saída. Era importante poder ouvir os seus comentários a respeito da missa, qual edificação ela havia trazido às suas vidas. Contudo, nos olhos de cada um podia-se perceber a mesma expressão de vazio de antes. Nenhum brilho de alegria ou esperança era vislumbrado em seus olhares. Suas conversas em suma tratavam de assuntos triviais, de preocupações e problemas do dia-a-dia.

Um homem parou bem próximo de Daniel. Seus olhos estavam voltados às portas da igreja. Estava nitidamente à espera de alguém. Daniel abordou-o e perguntou-lhe se havia protestantes naquela cidade. O bragantino deu um passo atrás, e encarou Daniel em silêncio por um instante. Certamente havia ele sido abordado por algum turista curioso. De súbito, o homem fez um gesto de rejeição, como se quisesse mandar algo para bem longe de si, e disse:

- Já ouvi falar deles, sim. Mas felizmente eles ainda não chegaram a Bragança.

Daniel agradeceu-lhe pela informação e, após haver estocado algumas mangas em seu bolso, retornou ao banco. Tendo amenizado a fome maior, deu início aos trabalhos do dia: andar de casa em casa, bater de porta em porta lendo a Palavra de Deus, e quem sabe até vender

uma ou outra Bíblia. No entanto, apesar de Daniel haver tentado incansavelmente durante todo o dia, não houve um sequer que tivesse aberto o coração para receber a Palavra da verdade. Ao cair a noite, Daniel saiu à procura de um hotel barato e limpo, onde pudesse banhar-se e armazenar energias para o dia que estava por vir. Durante a noite, o Senhor lhe revelou que a primeira pessoa com quem mantivesse contato no dia seguinte, essa receberia a mensagem do Evangelho.

Assim que os primeiros raios de sol começaram a penetrar entre as venezianas, Daniel acordou, ansioso por encontrar a tal pessoa revelada em sonho. Antes que isso acontecesse, porém, precisava sair para apanhar o seu café da manhã.

Ele havia percebido no dia anterior que, quanto mais tarde ficava, maior a concentração de pessoas no local para colher as frutas. A altura de Daniel, no entanto, era para ele uma grande vantagem, pois podia apanhá-las livremente do seu próprio nível, ao passo que os outros eram obrigados a lutar por um espaço.

Com as mangas estocadas no bolso, teve a inspiração de comprar para si uma xícara de café, e entrou num bar. Aparentemente estava vazio mas, sentado em um canto, havia um homem idoso tomando cachaça. Daniel saudou-o, e o homem o convidou a sentar-se e acompanhá-lo em uma dose de bebida. Daniel agradeceu-lhe tão amigável convite, e sentou-se à mesa.

Quando o homem foi fazer o pedido, Daniel pediu-lhe uma xícara de café. Tirou algumas mangas do bolso, e colocou-as sobre a mesa para que o homem também se servisse. Não demorou muito antes que a já desgastada Bíblia de Daniel também ocupasse seu espaço sobre a mesa. O homem parecia admirado.

- Alguma vez em sua vida o senhor já viu um livro destes? - perguntou-lhe Daniel.

Após haver folheado o livro um pouco, olhou cuidadosamente ao redor para assegurar-se de que não havia espectadores.

- Já vi uma Bíblia sim, mas como ela era escrita em latim, não pude entender nada.

- Sim, compreendo, disse Daniel. Sei que os párocos católicos proíbem os seus ouvintes de lerem a Bíblia, e que esse é um privilégio que gozam somente aquelas pessoas que, do ponto de vista da igreja católica, atingiram um certo grau de maturidade espiritual e que, conseqüentemente, julgam estar em condições de tirar proveito do seu conteúdo. Mas suponhamos que o leitor possua bons conhecimentos de latim - para que então ler a Bíblia se são permitidos apenas trechos previamente estabelecidos? A Bíblia que eu tenho para te oferecer é escrita em português. O senhor pode lê-la por conta própria, sem quaisquer proibições ou reservas quanto ao que pode e o que não pode ser lido. Veja quantos trechos sublinhados tenho em minha Bíblia. Isso não significa que os versos que sublinhei sejam a única coisa que leio, e que simplesmente pulo o restante. Significa, sim, que os versos sublinhados muito têm me consolado, fortalecido e ajudado a superar todas as dificuldades. As nossas orações e a leitura da Palavra de Deus têm de ser constantes para que possamos adquirir forças e direcionamento a cada novo dia e a cada momento especial de nossas vidas. A Bíblia não pode se transformar num livro que as pessoas lêem somente em cerimônias ou em ocasiões festivas. Ela pode muito bem ser o nosso amigo íntimo e companheiro de todas as horas, transformar o nosso dia-a-dia em um festejo e infundir-nos nova esperança a cada instante. Porém, devemos de todo o coração dar à Palavra um espaço maior do nosso tempo. Haveria pouco proveito se o dono da casa apenas rotineiramente ler alguns versos do Livro dos livros no devocional doméstico. Sua esposa

pode justamente neste momento estar com o pensamento na comida que irá preparar, enquanto as crianças olham para o relógio, procurando saber se irá sobrar tempo para uma partida de futebol ou para encontrar seus colegas. O marido, por sua vez, tem seus pensamentos voltados para os problemas do dia. Nessas circunstâncias, o conteúdo da Bíblia acaba se reduzindo a meras palavras. Ora, é preciso que o espírito de oração se faça presente e constitua a base de toda a leitura, pois só assim o conteúdo deste livro, que podemos sempre ter conosco, passa a adquirir vida e então transforma-se naquele amigo a quem sempre podemos recorrer, confiar as nossas preocupações, encontrar consolo e socorro. A Bíblia também nos ensina a nunca esquecer de dar graças ao Senhor, mesmo quando não compreendemos os seus caminhos. Devemos nos submeter à vontade daquEle que é a fonte das bênçãos. Como é maravilhoso poder dar graças ao Senhor!

Daniel estava tão ansioso ao falar de suas próprias experiências, que se sentiu animado pela visão do homem à sua frente. Não era aquele ouvinte que prestava atenção apenas por delicadeza. Seu olhar refletia uma luz de esclarecimento, vinda diretamente da alma.

- Gostaria de poder continuar ouvindo isso que você tem para me dizer - disse o homem. - Sou carpinteiro e estou aqui sentado neste bar esperando abrir a estância de madeiras, pois preciso comprar madeira de construção para o trabalho do dia. Se quiser me acompanhar, depois podemos ir para minha casa. Lá é melhor para se conversar, e podemos estudar a Bíblia num ambiente mais tranqüilo.

Pouco depois, partiram para a casa do carpinteiro, cada qual com uma carga de madeira sobre os ombros. Sua esposa, embora um pouco embaraçada ao ver seu marido junto com um estrangeiro, saudou-o amigavelmente. Sem demora, o marido explicou-lhe o porquê da

presença de Daniel. Sentaram-se à mesa e começaram a estudar a Bíblia mais de perto. Para alegria de Daniel, a mulher também sentiu desejo de participar daquele momento tão singular. Oraram depois juntos, e o idoso casal aceitou a Jesus como seu Salvador pessoal. Pouco tempo depois, ambos foram batizados com o Espírito Santo.

A mulher, durante muitos anos, havia colecionado imagens de escultura. Havia ídolos espalhados por todos os lados da casa, tanto nas paredes quanto sobre os móveis. Tão logo a luz do céu penetrou em seu coração, ela reconheceu que deles jamais poderia vir algum tipo de ajuda ou consolo. Perguntou a Daniel qual deveria ser o seu comportamento dali para frente, visto que muito havia se apegado àquelas imagens com o passar dos anos, e, por mais que estivesse consciente de que não tinham poder algum e que ela e seu marido não mais deveriam adorá-las, ainda assim eram um tanto quanto bonitas.

Daniel era de opinião que aquilo deveria ficar a critério dos dois. A mulher tomou uma drástica resolução. Começou a juntar as imagens, e pediu a ajuda de Daniel, o que não precisou fazer duas vezes. Carregaram-nas até o jardim, colocando-as em pilha, enquanto o homem ia até a marcenaria, de onde voltou carregando um enorme saco de lascas nas costas. Despejou o saco sobre as imagens e tocou fogo.

À medida que as chamas iam aumentando, agradeciam ao Senhor por estarem agora libertos daqueles velhos rituais, substituindo-os por uma fé viva.

Antes que o fogo se apagasse, a mulher contou a Daniel que acabavam de decidir dar ao Senhor, em ação de graças pelo que havia feito em suas vidas, o maior cômodo de sua casa, para ser usado como local de cultos. Como carpinteiro, o homem facilmente poderia providenciar bancos e outras mobílias que se fizessem necessárias. Daniel glorificou a Deus! Agora poderia contar

com um local no subúrbio de Aldeia, bem pertinho de Bragança, na casa do seu novo irmão na fé, Manuel Arruda. Um endereço fixo, para onde podiam convidar as pessoas. Apesar das fortes oposições do início, o tempo se encarregaria de mostrar que, uma vez convertidas, as pessoas permaneceriam firmes e trabalhariam com afinco para ganhar almas para Cristo.

O local que o irmão Manuel e sua esposa cederam, e que a princípio teria sido o ideal, logo tornou-se pequeno demais. Com a ajuda de Deus e a boa vontade dos membros que se dispuseram a trabalhar, logo ficou pronta uma nova igreja, mais próxima do centro da cidade.

A inabalável alegria que sentiam em seus corações afastava o medo das perseguições e dos maus-tratos. O som dos louvores e orações saíam pelas portas e janelas abertas, atraindo vizinhos e transeuntes, que se aproximavam curiosos para ver e ouvir o que acontecia lá dentro.

Aconteceu também de pessoas amotinadas, gritando enraivecidamente, unirem-se para atirar lama contra o púlpito e os membros. Certa vez, Daniel foi atingido no rosto por um punhado de lama. Após se enxugar, agradeceu a Deus por a Bíblia não haver sido atingida e deu continuidade ao culto como se nada tivesse acontecido.

Eram comuns coisas deste tipo, mas as oposições externas fortificaram e uniram ainda mais os congregados.

Em outra ocasião, a gritaria começou logo após o início do culto. Quanto mais alto era o barulho, mais forte eram obrigados a cantar para abafá-lo. Não dava para continuar daquela forma por muito tempo, por isso, para impedir que o barulho entrasse, as portas e janelas tiveram de ser fechadas. Passado algum tempo, a multidão começou a apelar para as armas; batiam na porta e nas paredes - nem mesmo o teto foi poupado. O tumulto era infernal. Daniel interrompeu o culto e saiu do templo

para falar aos manifestantes, pois se continuassem o culto como se nada tivesse acontecido, poderia se passar a impressão de medo, e as manifestações continuariam até que o templo estivesse totalmente destruído.

Daniel abriu a porta e olhou o grupo de pessoas reunidas com armas nas mãos.

Virou-se para a pessoa que parecia estar à frente do protesto e convidou-a, juntamente com seus companheiros, a entrar e participar do culto. Caso contrário, que seguissem seus rumos. Explicou-lhe que, em um país democrático como o Brasil, as pessoas tinham o direito de declarar sua fé.

- Aparecer ali com armas não é sinal de força, mas de fraqueza que vocês procuram compensar, na falta de argumentos.

- Entrem! – exclamou Daniel. Você que é o líder, suba até o púlpito e diga tudo o que tem vontade de dizer. Se você tiver algum argumento, exponha-o, e o ouviremos em silêncio. Todos teremos direito de expressar a nossa própria opinião, independentemente de uma parte concordar ou não com a outra.

Daniel e a igreja puderam sentir Deus ao seu lado, de uma maneira muito especial, naquele instante, através de uma paz interior que todos desfrutavam, apesar das armas.

Quando os inimigos notaram a autoconfiança daquelas pessoas, retiraram-se, moralmente desarmados.

18

A Limpeza do Cemitério

Cuatipuru era uma pequena cidade à margem de um rio com o mesmo nome, situada alguns quilômetros a noroeste de Bragança, na costa do Atlântico.

O território enorme, constituído pelas cidades de Miraselva, Primavera, Peixe-Boi, Cabeça e a cidade principal, Capanema, era monopolizado por Leandro e César Pinheiro, irmãos de uma poderosa família proprietária de terras. Obviamente os dois não eram os donos absolutos de todo aquele imenso território, porém, o direito que davam a si mesmos, criado pela tradição e pelo poder financeiro, administravam a região como se fosse propriedade sua. O território havia sido distribuído entre eles de tal forma que Leandro, em primeiro lugar, cuidaria das terras do Leste, enquanto César ficaria responsável pelas terras do Oeste, onde estavam localizadas as cidades de Miraselva, Primavera e Cabeça, entre outras.

Leandro era um homem religioso e, com seus próprios recursos, mandara construir uma igreja católica no local. Leandrinho, seu neto, fora consagrado pároco e ali colocado para dirigi-la e levar adiante a mensagem que seu

avô julgava ser conveniente para que os escravos da "sua" região estivessem sempre conscientes da sua função de bons servos, e jamais questionassem as ordens de seus senhores.

Agora, porém, havia aparecido uma pedra de tropeço no seu caminho.

Havia chegado na cidade, com uma grande mala nas mãos, um estrangeiro alto, um sueco, o qual não se misturava com a multidão. Visitar casa após casa, conversar com os moradores, mostrar-lhes a Bíblia e orar por eles, era só o que sabia fazer. Uma das pessoas que receberam a sua visita era uma viúva rica de Cuatipuru, chamada Lúcia Gaspar. Ela entregou sua vida a Jesus, e cedeu um pedaço de terra, à margem do rio. Os irmãos ajudaram a construir um local para cultos - um lugar fixo onde pudessem se reunir para adorar a Deus. Antes disso, os cultos eram realizados ao ar livre ou na casa de algum irmão.

Os dois irmãos se sentiam incomodados. Era preciso fazer tudo para deter os "resolutos", que pareciam ser cada vez em maior número. O sueco grandão pregava um Deus que se importava com cada ser humano em especial. Por menor e mais insignificante que uma pessoa pudesse ser aos olhos de alguém, todos eram indistintamente iguais aos olhos de Deus.

No período da seca, as pessoas empreendiam longas caminhadas, que para alguns levava o dia inteiro, para chegar à igrejinha e ouvir as boas novas do Evangelho.

Na época das chuvas, o rio atingia até seis metros de profundidade, e as pessoas eram obrigadas a viajar em canoas. Carregavam a família inteira consigo, pois todos queriam provar as coisas novas.

Leandro deu ordem à sua gente que se livrassem de todos os barcos na margem do rio, durante o culto, empurrando-os correnteza abaixo, e que atirassem pedras contra a igreja.

Certa ocasião, um grupo de soldados encorajados por Leandro e armados com paus, entrou no templo, enquanto os irmãos, ajoelhados, oravam.

Naquele exato momento, o Senhor interveio. Os braços dos assaltantes ficaram como que paralisados, incapazes de descer as armas contra o povo que orava. Por um instante, permaneceram imóveis. Tão logo recuperaram a mobilidade, bateram, em retirada, apavorados. Às vezes conseguiam pôr os fiéis em fuga com golpes e pancadarias.

Mas era uma época de arrebatamento. Quanto mais os inimigos se levantavam contra eles, mais o povo de Deus se unia.

A pequena igrejinha estava sempre repleta. Aqueles que não conseguiam lugar para se sentar, posicionavam-se nos corredores, entre as filas dos bancos. Os que moravam perto, e que geralmente chegavam por último, acomodavam-se nas janelas e aberturas das portas, ou até mesmo do lado de fora, pois, ainda que não pudessem ver, poderiam de qualquer forma ouvir o culto. As janelas e portas eram abertas de par em par, por isso a mensagem, as orações e o louvor congregacional eram ouvidos em todos os arredores.

Durante um culto, haviam sido vistos vários uniformes de polícia nos últimos bancos. Um ou outro havia tirado o capacete. Até mesmo os comparsas de Leandro estavam misturados entre o povo e ele, particularmente, se tinha posto na abertura da porta.

Do púlpito, Daniel olhou os presentes. Entre os policiais, reconheceu alguns que já haviam estado ali antes, mas à paisana, e participando do culto. Em oração, Daniel suplicou a Deus que guardasse a sua igreja, pois o que tinha diante de seus olhos o afligia.

Daniel escolheu um hino que todos sabiam cantar de cor, e aquele sentimento de medo logo caiu por terra, à medida que cantavam. Uma onda sobrenatural de calma, alegria e paz celestiais os envolveu de tal forma que sentiam-se livres para cantar e louvar ao Senhor sem reservas. A presença do Senhor era forte, ali. Muitos decidiram atender ao apelo, e ir até a frente aceitar Jesus como Salvador pessoal. As pessoas pareciam haver perdido a noção de tempo e de espaço.

A manhã já havia começado a despontar quando o culto terminou.

Assim que terminaram de cantar o último hino, o chefe de polícia foi à frente. Pediu silêncio e ordenou aos presentes que permanecessem em seus lugares, onde iam formar em filas, para em seguida se dirigirem à delegacia de polícia.

Daniel perguntou de que exatamente estavam sendo acusados, mas disseram-lhe que somente ficariam sabendo na chegada. Não havia escolha. A ordem tinha de ser obedecida.

Logo uma longa fila de crentes era vista marchando pelas ruas rumo à delegacia, a cantar louvores a Deus e a adorar o seu nome. Por onde quer que passavam, apareciam pessoas atônitas nas janelas. Algumas abriram-nas para melhor ouvir as músicas que estavam sendo cantadas. Outras os acompanhavam meio a distância para saber o que estava acontecendo.

A casa de detenção encheu-se de irmãos orando e cantarolando. O maravilhoso culto que havia sido realizado na igreja teve continuidade ali, e alguns irmãos foram até batizados com o Espírito Santo. Apesar de há muito tempo estarem sem dormir, não sentiam sono, fome ou cansaço.

Uma mulher idosa bateu à porta da prisão. Chamaram-na para dentro da cela, e ela perguntou se havia alguém com fome. Um irmão falou em nome do grupo:

- Nós não temos fome. Não necessitamos nem de peixe, nem de carne. Estamos cheios do Espírito Santo.

Os crentes pregaram a Palavra de Deus para o carcereiro. A princípio, ele ficou sem saber o que fazer. Depois começou a tremer. Todos os irmãos fixaram os olhos nele. Uma mulher agarrou-se à sua roupa, e perguntou-lhe:

- Você sabe a quem está perseguindo?

O carcereiro respondeu que somente obedecia ordens e que fazia tudo conforme havia sido mandado. A mulher prosseguiu:

- Você está perseguindo a Jesus de Nazaré. Ele é poderoso, e há de nos tirar daqui.

Não havia sido registrada nenhuma queixa contra eles. Não podiam ser acusados de rebelião, pois não haviam induzido, nem obrigado ninguém a segui-los. Pelo contrário, muitos dos que estavam ali haviam se juntado a eles de livre e espontânea vontade, assim que perceberam a felicidade, gozo e convicção que reinava entre eles.

Dar ordens para libertá-los seria o mesmo que admitir o erro. O objetivo dos poderosos proprietários era expor os cristãos ao ridículo, porém a coragem e a união entre eles derrubaram esta tentativa.

Leandro ordenou ao chefe de polícia que os processasse por perturbação da ordem e os encaminhasse ao cemitério da cidade, onde receberiam novas instruções.

A intenção de Leandro era assustá-los. Olhou para os crentes e viu o quanto estavam amontoados. As mães abraçavam seus filhos cada vez mais para perto de si.

Leandro parecia muito satisfeito.

Mas logo alguém ergueu o braço e, com o dedo apontando para o céu, começou a cantar um hino e todos o acompanharam.

Com isso, todos marcharam em direção ao cemitério, cantando e louvando ao Senhor.

Durante o percurso, o caminho encheu-se de curiosos, atraídos pelas músicas. Como quando foram levados para a cadeia, podiam ser vistas janelas abertas e pessoas seguindo o grupo a uma distância adequada. Os guardas da cadeia que os acompanhavam sentiam um mal-estar, pois jamais em suas vidas haviam escoltado presos tão alegres e confiantes. Faltava apenas serem confundidos com guarda de honra. Ao chegarem ao cemitério, o chefe de polícia levantou sua voz, na tentativa de ofuscar os louvores dos crentes e preveni-los de tais manifestações no futuro. O juiz havia decidido que a pena para aquela ocorrência seria a execução de trabalhos forçados: o cemitério deveria ser livre de todas as ervas daninhas, capinado e regado.

O chefe de polícia teve muita dificuldade para fazer-se ouvir, mas os que se encontravam mais próximos lançaram mão das ferramentas que estavam à disposição e começaram logo a trabalhar. Os demais seguiram o exemplo. Cada um, em primeiro plano, se encarregou de garantir que os túmulos de seus familiares, que durante tanto tempo estiveram esquecidos, mudassem o seu aspecto de tal maneira que honrassem a memória dos falecidos.

Depois de várias horas de trabalho pesado debaixo do sol forte e sem nenhum alimento, bebida ou descanso, o cemitério estava bem cuidado, e a missão, cumprida.

Em seguida, os vitoriosos partiram para suas casas, cantando e louvando ao Senhor. À espera deles, estavam as suas redes, onde finalmente teriam a oportunidade de repousar.

19

Uma Cidade Chamada Cabeça

A viagem continuou até a cidadezinha de Cabeça, localizada a poucos quilômetros de Cuatipuru, logo passando por Miraselva e Peixe-Boi. Encontrava-se ali, pronta, a mais nova congregação. Entretanto, César, o segundo irmão Pinheiro, estava ajeitando as coisas para que ela fosse a última. E só havia uma maneira de fazê-lo: o sueco tinha de ser morto! Teriam de pôr fim nele e nas suas atividades subversivas!

César reuniu 50 de seus homens, e dividiu-os em grupos ao longo do caminho que Daniel costumava fazer quando terminava o culto. Emboscaram-se em pequenos grupos, um pouco temerosos de que alguma criatura, vindo de dentro da densa vegetação, cruzasse o seu caminho.

Apesar do grande número de envolvidos no plano, os preparativos para o ataque desta vez puderam ser preservados em segredo. Noutras ocasiões, geralmente os crentes se preveniam, por causa dos comentários.

Daquela vez, porém, apenas um o sabia, além deles, e foi Ele quem, depois de terminado o culto, levou Daniel a

fazer um caminho totalmente diferente daquele que costumava fazer, e foi justamente o que salvou a sua vida. O Senhor foi quem o protegeu e guiou os seus passos.

Furioso pelo fato de Daniel haver conseguido escapar de suas mãos, César começou a perseguir os crentes onde quer que estes pudessem ser achados na região. Sofriam maus tratos enquanto caminhavam pelas ruas indefesos, tinham suas casas invadidas e depredadas, enfim, eram vítimas de toda sorte de agressões.

Daniel pediu uma carroça e um cavalo emprestados a um irmão, colocou nela todos os feridos que pôde e partiu em viagem para a cidade de Capanema. Ao chegar, levou as vítimas à presença do delegado, que disse que podiam creditar a culpa a si mesmos e se darem por felizes por nada pior ter-lhes acontecido.

Os irmãos deveriam saber que nenhum tipo de apoio podia se esperar daquele lado. Em nada havia ajudado os testemunhos das vítimas ali presentes. Sabiam que não haviam transgredido nenhuma lei, e sentiam-se consternados diante do fato de aqueles que eram os responsáveis por manter a ordem e fazer com que se cumprissem as leis os tratarem com tamanho desdém e violência, princípios tão básicos como os da liberdade de religião e de expressão.

Algum tempo depois, a igreja teve o prazer de receber um desses agressores em sua congregação, que contou-lhes o que realmente havia ocorrido.

Os inimigos haviam se dividido em grupos e se escondido de emboscada nas diferentes estradas, já que não sabiam se ele iria para sua casa ou para a casa de algum irmão que Daniel costumava visitar assim que terminava o culto. Entretanto, devido à escuridão da noite, atacaram a pessoa errada. Daniel foi confundido com um evangelista, que naquela noite chegou em casa todo ensangüentado. Seu rosto ficou inchado, e suas roupas, todas rasgadas. Como a noite estava escura, a única certeza que tinha é que havia sido atacado por um grande número de homens munidos com punhais, que só pararam de espancá-lo quando acreditavam que já estava morto.

Decorridos alguns dias, quando o homem já se encontrava em condições de se locomover, Daniel e alguns irmãos o colocaram em uma carroça e encaminharam-no até a delegacia de polícia da cidade mais próxima.

Depois de ouvir toda a história, o delegado olhou para o homem que havia sido tão cruelmente agredido, fez um gesto de inocente com os braços e disse que ele deveria dar graças a Deus pela sorte que havia tido, pois poderia ter sido muito pior. Disse também que ele, juntamente com seus amigos, poderiam estar certos de que aquilo voltaria a acontecer futuramente, se eles não parassem com aquelas novas formas de culto e não voltassem à igreja católica. Só assim eles ficariam a salvo.

Ante a insinuação do delegado de voltarem para a igreja católica, o irmão que havia sido ferido levantou-se, fazendo grande esforço, parou de frente para o delegado e disse em alto e bom tom:

"Prefiro morrer a voltar ao Catolicismo, depois que eu achei a verdade e a alegria da vida em Jesus".

O delegado mostrou-se muito admirado, pois o homem que estava ali à sua frente, expressando-se com tanta clareza, determinação e segurança, antigamente era uma pessoa medrosa que jamais se envolvia em qualquer discussão; ninguém dava-lhe importância. Algum milagre devia ter acontecido com ele.

Quando o evangelista tomou conhecimento de que havia sido confundido com Daniel, agradeceu ao Senhor por haver sido considerado digno de sofrer pelo nome de Jesus.

20

Rumo a Miraselva

O coronel Leandro e seus comparsas ficaram furiosos, pois o planejado castigo do cemitério em Cuatipuru havia se transformado numa comemoração de vitória.

Não conseguia esquecer a fracassada tentativa de envergonhar os cristãos perante a população da cidade. Obrigara-os a ficar um dia inteiro limpando o cemitério, debaixo do sol intenso, sem nem ao menos dar-lhes de beber ou de comer e, no entanto, o efeito havia sido contrário: os louvores e a adoração continuaram cada vez mais fortes!

Até mesmo os que assistiram a tudo, de fora, encararam a limpeza e os adornos como um ato de honra à memória dos falecidos. Eles cuidaram da manutenção do cemitério durante todo o dia e, graças a eles, o cemitério estava mais belo do que nunca. Graças às oposições, os cristãos puderam unir ainda mais a sua fé, e desde então o trabalho continuou se expandindo por grandes territórios da região.

Novas igrejas foram abertas no lugar.

Os dois irmãos fizeram tudo que estava ao seu alcance para tentar colocar o povo contra os fiéis e batalhadores

cristãos. As igrejas foram todas demolidas, e as casas dos crentes, sacrificadas.

Até mesmo os filhos dos crentes sofriam perseguições, que iam desde zombarias até agressão com pedras. Nas escolas, eram vítimas de gozações por parte dos professores e colegas de classe.

Celina Albuquerque - a primeira pessoa batizada no Espírito Santo no Brasil - participava do trabalho de evangelismo junto a seu marido. Quando percebeu todas essas dificuldades à sua volta, resolveu partir para Belém juntamente com outras duas irmãs. Lá chegando, foi à procura de Noeme Freire, uma professora crente, conhecida sua, que tinha ficado viúva há pouco tempo, e convenceu-a a viajar para Cuatipuru com suas duas crianças, para dar aula aos alunos que se achavam fracos. A sua vinda foi de grande ajuda, pelo tempo que ainda lhe foi possível ensinar. Porém, pouco a pouco, recomeçaram as perseguições até que os crentes não tiveram mais forças para suportar.

Os que ainda dispunham de algum recurso, pegaram o que havia restado e mudaram para a região fértil de Miraselva que, apesar de ser dominada por César, ainda assim era melhor. Era mais próxima da cidade de Capanema onde, entre outras coisas, havia um tribunal de justiça e uma polícia provavelmente menos parcial. Entre as inúmeras famílias de crentes que foram obrigadas a vender suas terras e fugir, estava a família de Manoel Correia.

Ele morava agora na vila de Fátima, à margem do rio Cuatipuru, onde, juntamente com a esposa e 18 filhos, possuía uma fazenda de gado, animais que havia conseguido trazer consigo. Daniel havia sempre podido contar com eles, e durante longo tempo o seu lar havia sido uma parada fixa ao longo de sua vida peregrina. Não raro, ele saía dali com uma sacola cheia de comida dentro da mala

e era sempre bem-vindo quando dirigia cultos nos arredores. Sua família era um sustentáculo econômico à igreja e, como ganhadores de almas, eram incansáveis.

Entretanto, o inimigo estava irado e sentia-se ameaçado por Manoel e sua próspera congregação. A mando de César, a polícia assaltou a igreja com cassetetes erguidos. Eles iriam por força combater os cristãos e quebrar todo o templo.

O irmão Francisco Gaspar, membro mais idoso da congregação de Capanema, na qual Antônio Barros era pastor, havia durante algum tempo dirigido os cultos em Miraselva e nas cercanias. Após haver sido separado para pastorear ali, passou a ser responsável por todos os trabalhos da região.

Ele decidiu, juntamente com Antônio Barros e a irmã Celina, viajar para a capital, Belém, com o propósito de conseguir uma audiência com o governador.

Estavam certos de que o Senhor estava à frente de tudo, preparando os caminhos.

O governador recebeu-os de braços abertos, concedendo-lhes um tempo para ouvir o que tinham a dizer. Então, colocaram-no a par de todas as perseguições e depredações de que estavam sendo vítimas.

O governador substituiu a polícia de Capanema e ordenou a Leandro e seu irmão que imediatamente reconstruíssem o templo da igreja de Miraselva, pois, caso contrário, ele seria forçado a enviar soldados para fazer o trabalho.

Os dois irmãos não tiveram outra escolha. A humilhação que tiveram de passar deve ter sido grande.

Logo, uma nova igreja estava erguida no local.

Os irmãos Pinheiro perderam completamente a autoridade de outrora. Suas ordens de perseguir os crentes não mais encontraram repercussão. Uma grande batalha fora vencida!

21

Os Rapazes

Depois desse acontecimento, os crentes notaram que as oposições organizadas e agressivas de César haviam cessado. Os inimigos estavam aguardando, e o novo delegado temia o governador.

Mas o período de paz só durou até o dia em que dois rapazes decidiram fazer de tudo para perturbar o culto e impedir que fosse realizado.

Assim que os irmãos reunidos no salãozinho começaram a cantar o primeiro hino, vieram as primeiras pedras, acompanhadas por insultos e imprecações.

O barulho tornou-se tão insuportável que Daniel teve de interromper o culto para falar com eles, lá fora, enquanto os irmãos permaneciam em oração.

Ele falou aos garotos sobre o perigo de tentar opor-se à obra de Deus e convidou-os a entrar e ouvir, para que soubessem do que realmente se tratava aquela reunião. Disse-lhes que eram ambos bem-vindos a ouvir a jubilosa mensagem pregada ali dentro, porém não quiseram dar ouvidos.

Apesar da gritaria que continuava do lado de fora, Daniel deu continuidade ao culto, durante o qual oraram

pelos rapazes, pedindo ao Senhor que agisse de forma que eles se conscientizassem do que estavam fazendo.

O alarido e o apedrejamento continuaram, agora com maior intensidade.

Após o culto, os dois garotos seguiram os irmãos até suas casas, ofendendo-os com palavras torpes e ameaçando-os de futuras visitas. As mãos cerradas e os porretes erguidos davam ênfase ao seu ódio.

A perseguição continuou por um tempo. Os garotos tinham posto as suas ameaças em ação, e adultos e crianças sofreram.

Quando a situação parecia haver passado dos limites, os irmãos decidiram fazer um culto extra a fim de pedir ao Senhor uma solução para o problema. Que Ele convertesse o coração dos perseguidores ou que os afastasse para longe. Na sua sabedoria e justiça, o Senhor era aquEle que deveria mostrar o caminho, pois sozinhos não chegariam a lugar algum.

Quando os garotos souberam do culto que estava sendo realizado em favor deles, elaboraram um plano para perturbar.

Apareceram no início do culto, dando a entender que haviam se convertido e que não iriam perturbar dali para frente. Estavam aparentemente dispostos a fazer as pazes e depois seguir os seus caminhos.

O pequeno grupo muito se alegrou e deu graças ao Senhor, mas, qual não foi a sua surpresa, lá estavam eles de volta no fim do culto.

Deram pontapés na porta da igreja; entraram correndo, com porretes erguidos, gritando mais alto do que nunca.

Muitos foram atingidos por seus golpes devastadores. Outros, que estavam sentados, inclinaram-se para frente com as mãos sobre a cabeça, procurando se proteger.

Com ar de vitória, desapareceram tão de repente quanto surgiram. O filho de um dos irmãos silenciosamente seguiu-os à distância para acompanhar as suas atividades.

Eles foram para a beira do lago, desataram o barco de um dos irmãos e, após um simulado gesto de desistência, remaram até determinado lugar e começaram a pescar com as varas que havia à bordo. Nem sequer olharam para a terra.

O menino à espreita logo compreendeu que a intenção dos rapazes era passar a impressão de haverem desistido de perseguir a igreja, quando, na realidade, eles retornariam assim que os crentes começassem a se sentir seguros novamente.

Entretanto, eles não voltaram, nem mais cedo, nem mais tarde. Algo que eles não haviam previsto aconteceu. Deus determinou diferente.

No dia seguinte, o barco foi encontrado virado em uma enseada, e uma vara de pescar flutuava próximo à embarcação. Dos garotos não havia sinal algum. Possivelmente tinham sido vítimas das piranhas ou dos jacarés que armavam ciladas nos arredores.

Esse acontecimento teve forte impacto sobre todos os membros da igreja e as autoridades. Mais pessoas se converteram, e aqueles que já eram da fé renovaram suas forças.

Todos ficaram cientes de que o Senhor não se deixa escarnecer!

22

Perante o Tribunal

No caminho entre Capanema e Cuatipuru havia uma pequena cidade de nome Primavera, onde os pentecostais haviam conseguido construir um pequeno local para cultos.

Assim que César tomou conhecimento do fato, alegou que a igreja havia sido construída no território do qual era proprietário e onde mais tarde pretendia construir uma igreja para o seu casamento.

O juiz teria de pôr um fim a todas essas tentativas estrangeiras!

Agora sim, eles iriam embora de uma vez por todas.

A fracassada tentativa de colocar a opinião popular contra eles provocara em César um sentimento de profunda insatisfação. De fato, agora iria mostrar-lhes nas mãos de quem estava o poder. Não menos por causa de sua noiva, era importante mostrar quem ele era.

O pastor da igreja foi intimado a comparecer em juízo. No dia escolhido, a sala de audiências estava lotada até o último banco.

O pastor chegou acompanhado por alguns dos muitos irmãos que haviam orado para que o Senhor colocasse as palavras certas na sua boca e conduzisse todas as coisas.

Recursos financeiros para contratar um advogado de defesa, não possuíam. Além do mais, qual advogado aceitaria um processo cujo desfecho já estivesse previamente determinado?

Lá estava César, sentado com seus colegas, um sorriso de vitória nos lábios.

O procurador leu os pontos da ação judicial. O júri ouvia dispersamente.

Tudo estava correndo como o previsto. Logo, tudo aquilo estaria terminado. Faltava apenas a argumentação da defesa para que o júri tomasse a decisão final. Uma vez que já se sabia que iriam declarar os crentes culpados, o juiz só teria de determinar a sentença.

O pastor levantou-se e olhou para os presentes. Percebeu nos lábios de César um sorriso escarnecedor. Deu alguns passos à frente até se encontrar diante dos membros do júri, e então começou:

- Foi dito aqui que nós infringimos a lei, e que invadimos propriedade alheia; no entanto, ficou evidenciado que não há nenhum tipo de documentação que comprove os atuais limites de terra. Mesmo sem provas dos limites de território em função da ausência de linhas demarcatórias, foi reivindicado o direito de propriedade. O que eu entendo como condição plausível para se exigir direito de propriedade sobre um território é a existência de alguma demarcação para, só então, se poder determinar se a invasão realmente existe ou não. É em relação a isso que os senhores do júri, hoje terão de se posicionar.

O pastor prosseguiu:

- Na realidade, podemos refletir sobre a razão de estarmos reunidos aqui, se pararmos para pensar. Posso

reconhecer alguns dos senhores aqui presentes. São todos bons cidadãos, de vida irrepreensível, que foram chamados aqui para julgar; todos bons pais e boas mães que desejam tudo de melhor para seus filhos, e cujo amparo na vida que vocês querem ser. Vocês desejam que nada vá lhes faltar. Todos são católicos e, como tais, adoram a Virgem Maria, mãe de Jesus. Os senhores acreditam que ela não tenha visto com bons olhos a igreja que foi construída para a glória do próprio Filho? Alguém entre os senhores acredita que ela invejaria a seu próprio Filho, Ele que pregava o amor? Porventura seria o amor dela por seu Filho menor do que o que vocês sentem por seus próprios filhos, a ponto de não poderem se imaginar invejando-lhes algo? Nós temos o nome de Jesus escrito no púlpito da nossa igreja. Está lá para quem quiser ver. Caso alguém também queira ouvir a mensagem, é bom chegar cedo para garantir o seu lugar, pois há sempre muita gente. Desta forma, vocês também ficarão a par do que realmente se trata a nossa fé. Quem quiser expulsar Jesus do território já sabe como deve votar. Da mesma forma como o sabe as pessoas que acreditam no amor que não inveja.

O pastor deu alguns passos para trás, e sentou-se de volta no banco de réu. Um suave murmúrio ouviu-se do meio da platéia. As pessoas olharam umas para as outras. Enquanto alguns meneavam a cabeça, outros acenavam.

César deixou de sorrir. O juiz deu as instruções finais para o júri antes que os doze escolhidos se retirassem para o plenário. Já que o ambiente claramente pedia um veredito de pronto, não houve adiamento do processo.

Os membros do júri retornaram.

Tão logo o juiz recebeu a decisão final entregou-a ao seu porta-voz, que leu em alto e bom tom o resultado conciso:

- Inocentes!

O juiz cancelou o processo, fazendo soar o seu martelo, o que quase não foi ouvido em meio ao tumulto que teve seqüência; ordenou que evacuassem a sala de audiências. A ação judicial estava encerrada.

O pastor e os crentes glorificaram ao Senhor por havê-los dirigido. O Senhor respondera às suas orações, colocando palavras na boca do pastor. Foram considerados inocentes, e a igrejinha poderia permanecer no mesmo local.

23

Peixe-Boi

Terminada a dura batalha de Bragança, Daniel seguiu em direção ao norte, longe da estrada de ferro, mata adentro, por um caminho novo e intransitável. Em lugar de cidades e vilas com ruas, a selva com seus caminhos estreitos, isto é, quando podiam ser vistos. Para um mundo fechado, onde o selvagem a tudo dominava.

Não raro tinha de orar ao Senhor, pedindo sua orientação no que se referia ao caminho ou à direção que deveria tomar. Às vezes aparecia um ou outro transeunte que lhe passava a informação correta, mas eram raros.

As cabanas eram construídas com estacas fincadas em círculo no solo. Entre as estacas, entrelaçavam palha e, assim que a armação estivesse pronta, cobriam-na com barro molhado que depois de seco tornava a estrutura mais firme. Como teto, usavam galhos cobertos com uma grossa camada de capim ou folha de palmeira. As aberturas geralmente eram tapadas com pedaços de pano, que serviam de cortina.

Certa vez, Daniel parou do lado de fora de um desses casebres. Seus habitantes estavam de saída para arran-

car as ervas daninhas da sua pequena plantação logo em frente. Perguntou-lhes qual caminho levava a Peixe-Boi. O casal virou a cabeça para a direção do lugar, apontando com o queixo. O homem exclamou:

- É bem ali.

Levou dois dias de exaustiva caminhada para chegar até lá. As pessoas ali eram gentis, e não havia por que Daniel duvidar das suas intenções. Certamente quando o viram chegar, suado, carregando aquelas malas pesadas, sentiram pena dele e quiseram dizer-lhe algo que não o desanimasse.

A natureza que o rodeava era grandiosa e calma. Não havia nela sinais de vida humana. O ar era puro, e os perfumes, originais na natureza que Deus criou, distante de tudo que era artificial. Durante o dia, quando o calor era mais intenso, tomava banho em algum rio ou nas cristalinas fontes que havia ao longo do caminho; depois, sentava-se um pouco à sombra das árvores para comer algumas frutas, ler a Bíblia, orar e louvar ao Senhor.

Certa vez, quando estava sentado debaixo de uma árvore, aguardando que o calor passasse, pensou nos acontecimentos de Bragança, onde havia estado poucos dias antes, juntamente com Gunnar. Muitos novos-convertidos haviam sido batizados, e Daniel recordava da expressão de alegria em seus rostos. Pensava também em como agora havia igrejas por toda parte; desde congregações até pequenos grupos de oração, onde os pecadores aceitavam Jesus. O Senhor os havia ajudado a ultrapassar todas as barreiras que outrora pareciam tão intransponíveis.

Enquanto meditava, Daniel ouviu subitamente vozes de crianças que brincavam não muito distante dali. Resolveu aproximar-se delas, mas não pareciam haver notado a sua presença. Posicionou-se, então, em um lugar onde pudesse observá-las entre a vegetação.

Compreendeu como as crianças eram iguais em todo mundo. Brancas, negras, morenas, vermelhas ou amarelas, ricas ou pobres, da cidade grande ou filhas da floresta, todas brincavam e riam da mesma forma. Embora pudessem ser diferentes no exterior, no íntimo eram idênticas.

Os brinquedos simples que seus humildes pais ou elas próprias faziam davam-lhes a mesma alegria que os brinquedos caros e bem-pintados davam às crianças das cidades, filhos de pais ricos. Ainda por cima, tinham a oportunidade de desenvolver a própria fantasia e poder de criação.

Quando algum adulto colaborava, tinham também a rara oportunidade de sentir a satisfação de trabalhar juntos no mesmo objeto, ao contrário do que ocorria com muitas crianças dos ricos, cujos presentes ganhos foram dados para compensar a falta de tempo por outras ocupações diárias. Haveria coisa mais linda que um barquinho cavado em casca de árvore, com um pauzinho como mastro e uma folha como vela?

Repentinamente, um dos garotos avistou Daniel. Deu alguns passos para trás, observando-o com olhos arregalados, pois estrangeiros eram muito raros naquela região. O garoto acenou para seus colegas, dizendo-lhes que olhassem para ele. Com isso, a brincadeira terminou bruscamente. Com os olhos fixos em Daniel, andaram para trás até a distância fazê-los sentir-se suficientemente seguros.

Daniel assentou-se num galho caído a fim de parecer um pouco menos imponente e fez sinal com a mão para que se aproximassem.

- Eu tenho uma coisa para contar a vocês - disse.

Finalmente atraídos pela curiosidade natural das crianças, geralmente maior do que o medo, sentaram-se a uma certa distância.

Tamanha era a distância entre eles que Daniel precisou gritar para fazer-se ouvir. Apanhou um galho seco, quebrou-o em três pedaços e atirou um pedaço a alguns metros de distância, outro um pouco mais longe e o terceiro mais distante que o segundo. Então, disse aos garotos, como que a desafiá-los, que o primeiro pedaço estava reservado aos mais corajosos, enquanto os outros podiam se sentar nos demais galhos, sendo que os mais medrosos se sentariam por último.

Logo estavam todos sentados, colados um ao outro, no primeiro pedaço de galho. Daniel começou a falar sobre o país de onde viera, sobre como a neve branca podia cobrir toda a terra, sobre como era possível andar sobre um lago ou rio sem molhar os pés, e que até mesmo carroças pesadas passavam sobre ele, sem afundar. Contou-lhes também sobre como garotos da sua idade construíam grutas na neve, esquiavam e patinavam no gelo. Daniel teve de usar as mãos e os pés para ilustrar. O resto ficaria por conta da imaginação deles.

Sentadas, as crianças ouviam-no respeitosamente e em silêncio. Sequer podia-se perceber o barulho da sua respiração ou piscar de seus olhos. Teria sido difícil encontrar outro grupo de ouvintes mais atencioso que aquele.

Em seguida, disse-lhes que muitas crianças antes de se deitar costumavam fazer uma oração. Um dos garotos, ousando interrompê-lo, perguntou-lhe o que era oração exatamente.

- É muito simples - respondeu Daniel. - Meninos e meninas pedem a Deus que guarde suas vidas e a vida de seus pais, que lhes dê saúde e que os livre de todo sofrimento, não se esquecendo também do irmão mais velho que tanto provoca ou da irmãzinha que sempre corre para fofocar.

Daniel acrescentou:

- Aos domingos, as crianças vão à escola dominical, onde ouvem falar do menino Jesus que veio ao mundo para salvar a todos do pecado, sendo que a única coisa que precisamos fazer é crer nEle. Ele também pode nos curar se estivermos doentes.

A essas alturas, Daniel já havia conquistado a confiança dos meninos. Um deles, demonstrando um certo pesar em seu semblante, contou que seu irmão estava doente de uma perna e por isso não havia podido sair para brincar com eles.

- O titio acha que Jesus pode curá-lo também?

- Sim, se você tiver fé, Jesus pode te ajudar, e o seu irmão vai ficar bom.

O garoto mais velho do grupo tomou a palavra e disse que sua mãe havia falecido naquela manhã e que ele não queria ficar em casa, pois o corpo estava sendo velado por um grande número de pessoas. Ele queria ficar só.

Daniel perguntou ao menino onde ele morava, e ele apontou com o dedo um casebre entre as árvores, um pouco distante de onde se achavam.

O garoto pegou na mão de Daniel e segurou-a com força durante todo o caminho até a pequena casinha. Andaram calados.

Daniel abriu a cortina que havia na abertura da porta e viu um quarto pequeno e escuro. Uma mulher estava deitada. Próximo ao leito, um homem chorava e ao redor estavam os mais próximos, parentes e amigos que haviam vindo consolar o pobre homem.

Daniel entrou cautelosamente no quarto, ficando meio afastado das demais pessoas. Abriu sua Bíblia e começou a ler acerca da ressurreição de Jesus. Os olhares de todos logo voltaram-se para ele, como quem espera algo que lhe proporcione conforto e esperança.

Quando Daniel terminou de ler o capítulo, pediram-lhe que continuasse. Leu outros capítulos que falavam de consolo. De mãos postas, acompanhado pelos presentes, começou a orar.

Logo que terminou a oração, o recém-viúvo foi até ele para agradecer-lhe pelas palavras que proferira, pois elas haviam vindo ao encontro de seu coração e sido de grande consolo à sua alma tão cansada e faminta. O que havia acabado de ouvir, acrescentou, era a resposta às perguntas que muitas vezes havia feito a si próprio.

Em vista do consolo alcançado pela leitura da Palavra de Deus, Daniel continuou a ler a Bíblia e a orar até tarde da noite.

Daniel ficou morando naquela casa durante algum tempo. Estudavam a Bíblia e oravam juntos. Toda a família, por fim, encontrou o caminho da salvação e consolo. Eles queriam, sem mais demora, testemunhar a seus familiares, amigos e vizinhos da maravilhosa salvação que haviam recebido de Jesus, e o Senhor os abençoou ricamente.

Em pouco tempo, Daniel e Gunnar eram chamados àquele lugar para batizar nas águas mais 30 novos convertidos.

Enquanto a obra do Senhor se estendia por toda parte, aumentavam as investidas dos inimigos, especialmente contra Daniel e Gunnar, que eram vistos por eles como "a raiz de todo mal". Na condição de estrangeiros, eram fáceis de ser identificados entre a multidão, graças à sua discrepante aparência. No entanto, o Senhor cuidava de seus servos e os livrava.

24

O Dono do Bar

A manhã estava apenas despontando em Belém. Os primeiros raios de sol enviavam saudações do horizonte, anunciando o nascimento de um novo dia.

Um destes raios atingiu por acaso os olhos do dono do bar, que despertou depois de uma mal dormida noite. De fora, as pessoas consideravam-no um homem de sorte e bem afortunado, pois ele e toda sua família gozavam de ótima saúde e os seus negócios iam de vento em popa. Nada lhes faltava ou era motivo de preocupação.

Anteriormente, trabalhava no balcão do bar, rotineiramente, sem pensar em outra coisa que não fosse aquilo que tinha em mãos no momento.

Entretanto, pressentia que esse dia que acabava de amanhecer era, de certo modo, diferente dos outros. Desde que, alguns dias antes, encontrara aquele sueco alto enquanto fumava cachimbo do lado de fora do bar, depois do trabalho, vinha sendo acometido por um certo sentimento de inquietação.

O sueco aproximara-se dele e tirara do bolso um livro grosso e preto. Era uma Bíblia. Perguntou se podia ler

um pouco para ele e em seguida falou-lhe sobre um Jesus que podia salvar, perdoar os pecadores e transformar vidas por completo.

Depois disso, emprestou-lhe sua Bíblia para que ele a pudesse ler oportunamente e com calma.

O dono do bar olhou na direção da mesa onde estava aberta a Bíblia que o sueco lhe havia emprestado. Era a Bíblia particular do sueco, por isso algumas passagens que falavam de luz, paz e consolo estavam sublinhadas com caneta vermelha.

Sentou-se, começou a folheá-la e leu, como quem nada quer, o que estava sublinhado. Desde então, aquilo foi se tornando um hábito para ele.

Era como chegar a um oásis. No livro que tinha diante de si, pôde encontrar resposta para todas as perguntas que julgava importantes para dar sentido à sua vida. Concluiu que a vida tinha algo mais para dar do que simplesmente trabalho e preocupações. Quanto mais dinheiro as pessoas tinham, mais angustiadas ficavam e tanto maiores podiam ser os prejuízos.

À medida que lia, compreendia a necessidade de mudar de curso. Simplesmente não era mais possível navegar sob a bandeira da comodidade, seguir a lei do menor esforço e as ondas para onde levava o vento. Talvez ele não fosse aquele capitão auto-confiante e independente que imaginara ser. Sua família, a tripulação, vinha tendo motivos de sobra para sentir insegurança, apesar de isto não haver chegado ao seu conhecimento. Eles o amavam e estavam acostumados a confiar nele e em suas decisões. No entanto, também tinham olhos e ouvidos, e talvez já tivessem notado que durante os últimos tempos ele vinha bebendo mais do que o normal. E a tendência era aumentar dia a dia.

Voltou-lhe à memória a conversa que tivera com o sueco, quando afirmara a sua independência de tudo e de todos e que era senhor de si mesmo.

O sueco então respondeu:

- Vejo que você fuma cachimbo. Você acha que pode parar de fumar quando quiser, ou é escravo deste objeto de madeira que queima tabaco? Também posso ver pela janela as garrafas de bebida alcoólica sobre as prateleiras. Será que o conteúdo delas também não quer dominá-lo e fazer de você um escravo? Será que a bebida tem sido uma bênção tão grande em sua vida que você faz dela o seu deus? Você não é escravo de sua esposa, nem de seus filhos, nem de seus amigos que te querem bem. Porque, então, deixar-se escravizar por algo que faz mal a seu corpo, alma e espírito?

Quando o sueco terminou de falar, o comerciante reconheceu que o que acabara de ouvir era verdadeiro, porém seu orgulho o impediu de dar a mão à palmatória.

Agora que estava ali sentado, lendo a Bíblia, lembrou-se das palavras do sueco: tinha urgentemente de tomar uma atitude. Já! Ali mesmo! Do contrário, os problemas continuariam. Ele chamou por sua mulher, que veio em seguida e ficou aguardando na entrada da porta. Estava de certo modo diferente nos últimos tempos. Diferente daquele homem que conhecera quando se casaram, alguns anos antes. Era como se ele se houvesse fechado em uma concha, dentro da qual nem ela, nem seus filhos, nem seus amigos podiam penetrar. A bebida o havia transformado.

Ela própria sentia-se diferente. Os tempos de festa, sorrisos e alegria pareciam fazer parte do passado, tendo sido substituídos por tempos de medo, incerteza e receio pelo que haveria de vir.

Ela não imaginava o que estava por vir. Nem mesmo o afável relacionamento com os filhos existia mais. Ia cada qual por seus próprios pensamentos, embora pudessem ambos ver, ouvir e sentir que haviam ocorrido mudanças no lar e que o alicerce da sua existência havia começado a ceder.

Olhou para o homem sentado com a Bíblia na mão.

- Hoje eu não pretendo vender nem tabaco nem bebida alcoólica - ele disse.

A esposa olhou-o muito admirada, parecendo não haver compreendido muito bem. Teria sido algum efeito do álcool? Não, ele não parecia embriagado. Sua voz estava firme e decidida.

- O sueco tem razão - acrescentou. - Não devemos mexer com coisas que destroem e prejudicam o corpo e a alma. Não apenas no que se refere a nós mesmos, mas aos nossos semelhantes também. Por isso, não devemos nem mesmo vender tais mercadorias. Estou pensando em ir até o boteco, colocar as bebidas e os artigos de tabaco em caixas de papelão e guardar tudo no depósito até amanhã; então veremos o que fazer. Assim, aguardo mais um dia para não me arrepender.

- Você vem comigo e me ajuda?

A esposa foi com ele.

Tudo havia acontecido tão repentinamente, que ela não sabia exatamente no que acreditar ou pensar. Mas, independente de qualquer coisa, ele queria o apoio dela. Finalmente, puderam voltar a fazer alguma coisa juntos. O desejo de retirar as bebidas das prateleiras, por mais que fosse puro capricho do marido, só confirmava que ele havia se conscientizado da sua própria condição e o quanto desejava tomar providências nesse sentido.

De que forma as coisas haveriam de ser dali para frente, ninguém poderia dizer com certeza. Importava para ela que uma chama de esperança se havia acendido em seu coração.

Alguém bateu à porta.

O dono do bar olhou para o relógio e viu que já havia passado da hora de abrir o comércio. Por mais que estivesse embriagado, costumava sempre ser muito exigente

com seus horários. No entanto, naquele dia tudo era diferente. Consultou então a mulher: deveria ou não abrir o boteco?

Ele olhou para as prateleiras vazias, onde as garrafas de bebida e os cigarros costumavam ficar. No balcão não havia nada além da Bíblia, o Livro dos livros, ocupando o lugar das garrafas. Sem saber exatamente por que, talvez pela força do hábito, o homem abriu as portas do bar e surpreendeu-se ao constatar que, ao invés dos habituais fregueses que costumavam esperar as portas do bar abrirem, quem havia batido à porta era um rapaz que ele jamais havia visto antes. O freguês perguntou por uma certa marca de cigarros. Após passear os olhos pelas prateleiras vazias, perguntou ao dono do bar se ele pretendia fechar a loja ou mudar-se para outro local.

- Absolutamente. Posso afirmar que este bar é do mais bem-sortido do lugar. É claro que tenho esta marca de cigarros que você está procurando. Porém, a razão para essas prateleiras estarem vazias é esta - disse, apontando para a Bíblia que estava sobre o balcão.

O rapaz olhou para o comerciante, atônito e ao mesmo tempo curioso. Conhecia várias pessoas adeptas de novas idéias, que defendiam pontos de vista, mas nunca encontrara alguém que falasse com tanta convicção e entusiasmo como esse homem que tinha à sua frente, cujos olhos refletiam o brilho de uma felicidade recém-encontrada.

Alguns minutos depois, os dois liam juntos algumas passagens da Bíblia sublinhadas em vermelho. Então, o dono do bar convidou o rapaz a acompanhá-lo ao culto à noite.

Depois de atender o primeiro freguês daquela forma tão inusitada, o comerciante ainda não havia decidido se deveria ou não deixar o boteco funcionando o restante do dia.

- Se a porta permanecer aberta - disse pra si mesmo - posso ler a Palavra de Deus para quem entrar.

Mas, por outro lado, sentir-se-ia obrigado a vender as mercadorias a quem viesse comprá-las, por isso, resolveu fechar as portas.

Ainda era cedo quando chegou à igreja com seu novo amigo. Já havia pessoas sentadas nos bancos. Alguém começou a cantar um hino, e todos o seguiram. O dono do bar, que se sentia um estranho em qualquer lugar que não fosse o balcão do bar, podia sentir a atmosfera de harmonia que predominava ali.

Quando o culto começou, procurou lugar no primeiro banco, para sentar-se com seu amigo. Sentia-se à vontade, como se fosse um antigo cristão. Ouvia com atenção a Palavra de Deus, não deixando passar batida uma sílaba sequer. Era como se aquela pregação estivesse sendo dirigida exclusivamente a ele.

Ao término do culto, foi feito um apelo àqueles que queriam entregar suas vidas a Jesus e os que se sentissem tocados deveriam levantar o braço. O dono do bar foi tão sensibilizado que ergueu logo as duas mãos de uma só vez. Olhou para o rapaz que havia convidado e viu que este também havia levantado a mão. Agora, além de amigos, eram também irmãos em Cristo.

Quando voltou para casa naquela noite, sua esposa, que o esperava na porta, imediatamente percebeu a transformação por que havia passado seu marido. Seus olhos alegres e resplandescentes o afirmavam. Abraçaram-se longamente em silêncio: a dura batalha parecia mesmo haver chegado ao fim.

Ela também manifestou o desejo de conhecer aquEle que, de forma tão radical, havia transformado a vida do marido, renovado suas forças e lhe dado nova razão de viver.

O marido prometeu que no dia seguinte a apresentaria àquele sueco que lhe havia mostrado o caminho da salvação, uma salvação que ela também podia alcançar, bastava que desejasse.

Na manhã seguinte, esvaziaram as caixas de cigarro e garrafas de bebida que haviam retirado do boteco, e colocaram tudo no jardim atrás da casa em dois grandes montes. Esvaziaram as garrafas sobre os artigos de tabaco, e logo as chamas da grande fogueira eram vistas de todos os lados.

Dentro de poucos minutos, a vizinhança começou a se aproximar para saber o que estava acontecendo. Crianças e adultos paravam, estupefatos, ao redor do fogo.

- Teria o homem ficado louco?

O dono do bar então ergueu a mão e pediu silêncio.

- O Senhor me salvou. Ele me libertou desses desejos - disse, apontando para as labaredas.

- Ouvi cochichos entre vocês, questionando se eu não teria perdido a razão. Muitos vieram até mim para pedir que eu lhes dê as mercadorias ao invés de queimá-las, mas eu pergunto: Qual de vocês quer ser o primeiro a apanhar a bebida alcoólica que nós ainda não despejamos sobre o fogo ou o fumo que ainda não foi consumido pelo fogo e entregá-los a suas crianças e adolescentes?

Ninguém se manifestou. Todo mundo ficou em silêncio a refletir. O dono do bar acrescentou:

- Ainda não é tarde para trazer as bebidas que não foram queimadas. Se sou louco de queimá-las, então sensatos devem ser aqueles que as querem guardar para si. Por favor, sirvam-se!

- Ninguém manifestou-se.

A esposa do comerciante sentia-se muito satisfeita, e com toda razão. Quantas noites havia passado sem dormir para cuidar do marido prostrado pelo efeito da bebida?

Agora Jesus havia feito uma limpeza total em seu coração, e limpeza não menos meticulosa estava sendo feita em seu lar e no bar.

Pouco tempo depois, ela e os filhos também se entregaram a Jesus, e toda a família entrou em uma nova fase de vida, que lhe trouxe felicidade e harmonia.

No local onde era o bar, a família abriu um comércio de frutas e vegetais, que foi o início de um grande empreendimento com uma série de filiais espalhadas pela cidade. Isso contribuiu para que o ex-dono de bar pudesse dispor de tempo para fazer o que para ele era o mais importante: testemunhar do Senhor e servi-lo.

Mais tarde, o comerciante contou a Daniel que fora o Senhor quem enviara aquele freguês desconhecido ao seu boteco, pois se fosse um dos seus vizinhos, talvez não tivesse coragem de se recusar a vender os cigarros, falar da nova fé e permanecer firme na sua decisão.

Manoel Gomes, ex-dono de bar, foi consagrado diácono da igreja local no ano de 1913.

25

Malária

Daniel havia escapado das doenças, apesar de haver trabalhado e vivido durante anos nas regiões selvagens mais febris e pantanosas. Esse fato por si só já representava uma maravilha, pois muitos estrangeiros que penetravam nos diversos territórios do Norte, na grande corrida pela borracha, eram violentamente atacados por febres e doenças tropicais. Eles não eram providos da mesma proteção imunológica dos moradores, o que, em muitos casos, dificultava ainda mais a sua retirada das terras estranhas.

Ao anoitecer, eram realizados cultos na casa de uma família de crentes. Ouvia-se com freqüência o rosnar de onças no coral de animais selvagens um pouco distante dali. Mas eles não se aproximavam. O som dos hinos e orações que saía de dentro da cabana os afugentava.

A luz tênue que atravessava as frestas da cabana era procedente de uma lamparina a querosene, sem vidro. Segurando a lamparina em uma das mãos e a Bíblia na outra, Daniel pregava a jubilosa mensagem do amor.

Ele podia ver e ouvir os mosquitos rodeando, atraídos pela luz da lamparina, mas não havia como proteger-se,

pois durante o culto tinha as mãos ocupadas, além de não querer interromper a pregação.

As pessoas que ficavam nos lugares mais escuros estavam menos expostas aos insetos e tinham tempo para bater neles se fosse necessário. Uma vez que a maioria não sabia ler, não tinham como acompanhar a leitura bíblica, dispensando, portanto, qualquer tipo de luz. Como sabiam hinos de cor, viravam-se bem sem o auxílio de harpas. A luz que havia em seus corações era mais que suficiente.

Em um desses cultos, Daniel sentiu-se repentinamente atacado por febre intermitente. Enquanto sentia que a temperatura de seu corpo aumentava, o suor começava a escorrer por sua testa. Quando passou o lenço para se limpar, viu que além de suor havia nele também sangue. Felizmente, o culto já estava quase no fim e não foi preciso interrompê-lo.

Será que havia chegado a sua vez? Será que havia sido picado pelo mosquito tão pequeno e insignificante que transmite uma das piores pestes das selvas, a malária? Ele havia visto muitas mortes por causa do pequeno inseto. O sangue era contaminado, e o corpo ia definhando. Seus corpos secos ficavam horríveis de se ver. Daniel orou ao Senhor que o livrasse da doença.

O último hino foi cantado, e os irmãos foram até ele. Eles conheciam muito bem os sintomas, pois já os haviam visto se manifestar nos entes queridos que tiveram mortes sofridas. Entretanto, tinham a certeza de que os seus amados agora estavam com o Senhor. Aquilo era um maravilhoso consolo para seu luto.

Os irmãos que o hospedavam tinham sua cabana próxima dali e levaram-no até lá, onde uma rede estava à sua espera.

Primeiramente, porém, teria de comer para armazenar energias. Em ocasiões normais, Daniel costumava sentir

fome depois do culto. Porém, naquela noite, só o que desejava era uma cama. Gostava de comida. Havia aprendido, desde a sua terra natal, a comer sem resmungar tudo o que fosse colocado à mesa e ainda limpar o molho que havia sobrado no prato com um pedaço de pão. Mas agora, simplesmente não havia como. Entretanto, quando notou que os irmãos faziam de tudo para agradá-lo, não quis ser mal-agradecido e desapontá-los depois de tanto esforço para preparar-lhe um gostoso jantar. Sentou-se à mesa, envolvido pelos olhares cheios de expectativa dos irmãos.

Mal tocara no prato de feijão preto com farinha de mandioca, e a mulher trouxe o que todos esperavam: macaco cozido, que ela procurou colocar o mais próximo possível de Daniel, de modo que nem a vista, nem o aroma lhe passassem despercebido.

A mulher, com um forte estalo, quebrou as mãos do macaco, colocando-as em seguida e com grande orgulho no prato de Daniel, acompanhada pelos olhares cobiçosos de todos. Para Daniel, pareciam mãos de criança. Ante aquela visão, o missionário suou ainda mais frio e sentiu náuseas. Desculpou-se, pediu licença para deixar a mesa e voltou para a rede.

Os que estavam sentados à mesa lamentaram que estivesse tão doente que não pudesse degustar um prato tão delicioso. Era extremamente difícil caçar macacos, e, quando acontecia de alguém caçar um, era uma grande festa.

Da rede, Daniel podia ouvir os estalos contentes, enquanto saboreavam o animal.

Antes de adormecer, ele começou a meditar sobre os diferentes usos e costumes, que para um estrangeiro podem parecer estranhos.

De que forma reagiriam os irmãos diante de uma mesa de natal sueca, com uma enorme cabeça de porco "rei-

nando" no lugar de honra, caprichosamente decorada com uma maçã vermelha na boca, e em outra travessa os seus pés com geléia? Para os suecos, este era o mais típico prato de Natal. Ninguém o comia, servia só de infeite à mesa, mas requeria bastante trabalho.

A noite tornou-se difícil. Daniel acordou com a garganta seca e como se pegasse fogo. Os irmãos ficaram de vigília, orando e dando-lhe água. Estavam seguros de que o Senhor curaria aquele homem de Deus.

Apesar de todo amor e cuidado com que lhe tratavam, Daniel sentia-se um isolado do mundo exterior. Quando o dia amanheceu, comunicou aos irmãos o seu desejo de entrar em contato com seu companheiro Gunnar Vingren. A viagem até Belém tinha de ser feita em etapas. Primeiramente, teria de passar por Miraselva, onde costumava ficar, na casa do irmão Manoel, e daqui enviaria mensagem a Gunnar.

Os irmãos o acompanharam até a beira do rio. A viagem a Miraselva levaria no mínimo dois dias, navegando contra a correnteza em pequenos rios. Onde iriam pernoitar, o tempo e o vento é que determinariam.

Estava muito quente, porém os irmãos o haviam provido com água e outros gêneros de primeira necessidade.

Lá chegando, o barqueiro alugou cavalo e carroça para poder levar Daniel até a fazenda de criação de gado que fazia divisa com a vila Fátima, entre Miraselva e o rio de Cuatipuru, propriedade de Manoel Correia, o amigo de Daniel, que ali vivia com esposa e filhos desde que, juntamente com muitos outros cristãos, fora obrigado a vender suas terras para fugir da perseguição de Leandro em Cuatipuru, tendo achado refúgio em Miraselva para si e para os seus.

Daniel sempre pôde contar com o apoio e ajuda daquela família. Sentia-se seguro na casa de amigos onde sem-

pre era bem-vindo. A maneira carinhosa como o tratavam fazia com que nada faltasse a um cansado peregrino.

A princípio, Manoel não reconheceu o robusto sueco de outrora. O homem que agora tinha diante de si era como uma sombra do antigo: magro, franzino e com a barba encobrindo sua antiga pele de nenê. Seus olhos angelicais e alegres estavam avermelhados da febre, e o terno parecia pendurado no corpo. Não podendo conter as lágrimas, abraçou-o.

Na manhã seguinte, foram todos para os seus respectivos trabalhos, e a casa ficou vazia. Ao lado da cama de Daniel, colocaram uma jarra de água para que pudesse beber quando a febre apertasse. Apesar de saber que Jesus estava presente, tinha uma certa sensação de abandono.

Amarraram Daniel a uma porta que puseram em cima de quatro cadeiras, e em cada pé puseram uma lata com querosene para protegê-lo de escorpiões e cobras, pois temiam que ele se mexesse durante o sono e caísse no chão, de modo que não sabiam o que poderia acontecer. Geralmente, Daniel costumava deitar-se em redes, mas ali podia dormir esticado.

Manoel havia mandado um mensageiro à procura de Gunnar, mas demoraria vários dias até que o localizassem.

O primeiro dia foi longo demais para Daniel. Era difícil não poder fazer as necessidades, e Daniel precisava beber muita água. O suor salgado que escorria por sua testa, ardia nos olhos e de nada adiantava tentar limpá-lo com as mãos pois estavam igualmente ensopadas de suor. Daniel esperava ansiosamente pela sesta de meio-dia para alguém vir ajudá-lo.

Havia tempo de sobra para pensar em Vargön e no lar paterno.

Depois da leve refeição da noite - uma canja - os irmãos reuniram-se ao redor de sua cama para orar. A sensação de ter alguém ao seu redor durante a noite era maravilhosa.

Quando o mensageiro voltou, alguns dias mais tarde, que pareciam intermináveis, trouxe em sua companhia Manoel Gomes, o ex-dono de bar, homem de bem e fiel servo de Deus. Grande foi a alegria pelo reencontro de Daniel e seu amigo, que desafiara todos os perigos das selvas unicamente para dar-lhe assistência.

Gunnar mandara avisar que o encontraria na metade do caminho. Estava envolvido com os preparativos de sua viagem à Suécia, que faria em poucos dias.

Ajudado por outro irmão, que se encarregou de tomar conta das malas de Daniel, iniciaram a viagem, a pé e de canoa, até alcançarem a estrada de ferro. Na estação, Daniel viu Gunnar vindo em sua direção. Havia muitos dias que não se viam. A maior parte do tempo Gunnar havia estado em Belém e arredores, enquanto Daniel viajava pelas ilhas.

Durante a viagem, Gunnar contou-lhe sobre o trabalho em Belém e sobre quão maravilhosamente o Senhor havia atuado em diferentes lugares; sobre os grandiosos milagres que Ele havia operado e o progresso do trabalho na capital e redondezas. Em todos os sentidos Adriano Nobre havia sido de grande ajuda, ora dirigindo cultos, ora interpretando pregações. Daniel estava tão fraco que mal podia falar e participar da conversa, porém as boas notícias que seu caro amigo trazia eram um bálsamo, tanto para seu corpo quanto para sua alma.

A viagem de trem parecia não ter fim. O congestionamento e a gritaria a bordo acentuavam-lhe ainda mais o anseio pela chegada, quando poderia desfrutar de uma confortável cama na casa de Gunnar.

Quando os irmãos souberam que Daniel havia voltado, foram logo visitá-lo. Dobraram os joelhos ao redor da cama e, em oração, pediram ao Senhor que curasse seu servo. Porém, a vontade do Senhor era diferente; a hora ainda não era chegada.

Daniel não ficou mais sozinho, havia sempre alguém ao redor cuidando dele, dando-lhe assistência. Logo, já podia levantar-se e ir até o jardim, onde sentava-se, envolto em um cobertor, aguardando o meio-dia, a hora da febre. Então, era bom tomar sol. Ao ar livre, ele via a luz do dia, contemplava as flores, sentia os seus perfumes e ouvia os gorjeios dos pássaros. Enquanto em seu quarto não havia janelas, do lado de fora estavam a criações de Deus. Do outro lado do muro, via os irmãos passando. Eles olhavam em sua direção, trocavam olhares e meneavam a cabeça. Daniel sentia-se esgotado.

Certa tarde, Daniel ouviu a voz do Senhor, que lhe dizia para ir ao culto à noite. Ele lhe daria forças para tal. Os irmãos muito se alegraram e louvaram ao Senhor pela presença dele ali. No final do culto, ele orou pelos enfermos, e o Senhor se fez presente, pois muitos sentiram-se curados e fortalecidos.

Ao chegar em casa e se recolher em seu quarto, dobrou os joelhos e pediu ao Senhor pela saúde de seu corpo, pois havia ainda muito trabalho a ser realizado; não podia mais continuar como estava.

Naquele momento, o Senhor ouviu a sua oração - como sempre fizera. Agora sim, havia chegado o tempo de Deus. Daniel foi curado e, pouco a pouco, foi sentindo as forças voltarem.

26

Com Passos Pesados

Daniel despediu-se dos irmãos em Belém. Partiria de volta às ilhas, para onde Deus o havia chamado.

As malas ainda eram um tanto pesadas para ele, entretanto as caminhadas ao sol certamente contribuiriam para que logo se restabelecesse por completo.

Participando dos cultos simples mas abençoados, nos humildes barracões, Daniel pôde observar muitas pessoas atacadas pela terrível malária. Seus olhos também haviam adquirido o brilho especial que vira em si mesmo, havia pouco tempo, e compreendeu quão grande era a força de vontade daquela gente para estar presente nos cultos, considerando-se que tinham de fazer longas caminhadas a pé por estradas de difícil acesso.

Em um desses cultos, sentada nos primeiros bancos, destacava-se uma mulher que se encontrava num estado deplorável. Ela orava em voz alta, pedindo a Deus certeza da sua salvação. Com o rosto e as mãos levantados, parecia querer trazer o Céu para perto de si. Todos oravam por ela. O Senhor a batizou no Espírito Santo, e ela então pôde, finalmente, ter certeza de sua salvação.

Ela caiu! Levantou-se novamente, com os braços erguidos, e caiu ao chão, morta! O Senhor a havia recolhido da vida terrena para as moradas celestiais do Pai de misericórdia.

Daniel encerrou o culto que, naturalmente, não poderia continuar com uma mulher morta no chão.

Podia-se perceber nos olhos de todos o sentimento de profunda comoção pelo que haviam acabado de presenciar, que acabou por se tornar uma séria advertência àqueles que não estavam preparados para partir. Ao mesmo tempo, sentiam certa alegria interior por saberem que a mulher havia encontrado o caminho para o Lar Eterno.

Naquela região úmida e quente do Brasil, era de vital importância que os mortos fossem enterrados o mais rápido possível devido ao grande perigo de contaminação e transmissão de doenças. Uma vez que a mulher havia falecido dentro da comarca da congregação, o responsável pelo local também era responsável por aqueles que estavam no culto.

Cabia, portanto, a Daniel a responsabilidade de conduzir o corpo ao cemitério, o mais rápido possível.

O caminho até o cemitério era muito longe e primeiro tinham de percorrer longo caminho até o rio; depois, remavam cerca de cinco horas, atravessando uma enorme região pantanosa para só então chegarem ao cemitério.

Um crente jovem e robusto, de nome Crispiano, ofereceu-se para ajudar Daniel a transportar o corpo da irmã, que foi colocado em uma rede, na qual atravessaram duas estacas, para poder carregá-la nos ombros.

Iniciaram a dura caminhada. Assim que chegaram às margens do rio, Daniel percebeu que não teria forças para remar toda aquela distância. Talvez ainda não esti-

vesse totalmente recuperado da enfermidade. Como o dia já havia escurecido, remaram na direção de uma cabana abandonada que sabiam haver próximo dali. O problema era descobrir onde poderiam deixar o corpo. Dentro da cabana, não havia espaço suficiente, pois estava repleta de lixo e sujeira de todo tipo. Fora da cabana tampouco poderiam deixá-lo à mercê de leopardos e de outros animais selvagens. Resolveram então deixar o corpo dentro da cabana, por mais atulhada que estivesse. Situado à beira de rios e cercado por pântanos, aquele território era um paradeiro de mosquitos da malária, que zumbiam por toda parte. Compreenderam que estavam correndo o risco de serem infectados ao conservar o corpo tão próximo de si, mas não havia outra alternativa.

Acordaram cedo na manhã seguinte. O lugar era pouco povoado. Através da densa névoa da manhã, puderam identificar algumas cabanas de madeira construídas sobre estacas, que iam até sobre a água. Eles certamente deveriam ter um caixão para a morta. Um homem que dizia ter conhecimentos de carpintaria reuniu alguns pedaços de madeira e fez um ataúde, onde colocaram o corpo da mulher.

Com o caixão na popa da canoa, começaram a remar. Com aquele pesado carregamento, a viagem levou mais tempo do que haviam calculado. O sol já ia alto quando chegaram ao trecho mais difícil antes de chegar ao cemitério: o pântano.

Em certos trechos, as pernas afundaram na lama. Mas, nestes casos, soltavam o caixão para se ajudarem a desatolar-se.

Finalmente chegando ao seu destino, entraram em contato com as autoridades para registrar o óbito e obter indicação do local de sepultamento. Então, procuraram alguns crentes que moravam no local para assistir ao enterro.

Uma chuva repentina e torrencial tornou os coveiros incapazes de retirar a água que se acumulava na cova, de modo que foram obrigados a colocar o caixão no túmulo inundado, afundando-o na lama. Puseram terra do modo que puderam. Daniel e Crispiano olharam-se entre si. As condições à sua volta poderiam ter sido melhores; estavam ambos sujos de barro dos pés à cabeça. A Bíblia de Daniel encontrava-se mais ou menos protegida no bolso interno do casaco.

Um irmão emprestou seu lenço para Daniel enxugar as mãos; outro, estendeu-lhe o guarda-chuva. Daniel pegou sua Bíblia e leu um capítulo acerca da esperança dos crentes - a ressurreição. Para encerrar, cantaram alguns hinos. Depois do enterro, tiveram de voltar apressadamente, pois Daniel ainda tinha de dirigir um culto naquela noite.

Algum tempo depois, Daniel começou a sentir novamente os sintomas da malária. Desta vez, no entanto, a febre não era tão forte, e os ataques só vinham de três em três dias. Daniel sentiu a intensidade da doença gradativamente diminuir quando já se haviam passado sete meses desde o primeiro ataque.

Certo dia, o Senhor lhe disse que fosse dirigir o culto. Daniel sabia que naquele dia, à hora do culto, a febre o atacaria. Mas ele também estava ciente de que o Senhor também o sabia!

Quando subiu ao púlpito, sentiu que a febre se aproximava. O suor frio começou a escorrer pelo rosto, e os dentes começaram a bater, de modo que todos podiam ver e ouvir. Em espírito, Daniel orou, de todo o coração, para que Jesus manifestasse o seu poder naquele momento, curando-o, a fim de que todos pudessem ver que a sua Palavra é a verdade, e o seu nome fosse glorificado acima de todas as coisas.

Naquele momento, sentiu algo como um choque elétrico percorrer-lhe o corpo; o ataque de febre cessou instantaneamente, e os dentes pararam de bater. Daniel estava curado!

Alegrou-se profundamente em poder presenciar aquele milagre e ser uma testemunha viva do poder curador de Jesus.

27

Rumo à Ilha Caviana

Em uma de suas habituais visitas a Belém, Daniel ficou conhecendo um irmão que pertencia à congregação local, e que estava prestes a retornar para o lugar de seu nascimento, a ilha Caviana, floresta adentro, onde morava toda a sua família. Ele convidou Daniel a fazer-lhe uma visita. Quão maravilhoso seria se todos os seus parentes e amigos se convertessem a Jesus; poderiam eles próprios abrir um trabalho no local.

Doía-lhe o coração ter de deixar a congregação de Belém. Na ilha onde sua família vivia não havia um grupo de crentes sequer.

Daniel aceitou com alegria o convite, e agora estava a caminho do longínquo lugar.

A ilha estava situada na localidade mais afastada que se podia alcançar dentro de uma selva, numa região pantanosa. A viagem precisava ser feita em três etapas. A primeira delas era a ilha de Marajó. Em seguida, Afuá e só então Caviana. Após as duas primeiras etapas, Daniel já estava bem familiarizado, pois já havia passado muitas vezes por aqueles lugares.

Agora estava em Afuá, o maior lugar entre as áreas pantanosas da região, dividido em pequenos rios e ilhas. Ali ele também já havia estado durante um tempo, construindo com as próprias mãos uma estação missionária sobre estacas - era impossível construir diretamente sobre aquele terreno pantanoso. O lugar era o principal da região, oficialmente chamada cidade. Dali, a viagem iria seguir para o Estado do Amapá, no grau de latitude zero, bem à linha do Equador.

O pequeno barco, feito de tronco de árvore, flutuava sobre a água marulhante. O barqueiro ajudou-o com as malas, pois era necessário colocá-las no lugar certo, devido à instabilidade do barco.

Embora pequeno em estatura, o homem lidava com as malas pesadas como se estivessem vazias. Os compridos remos que usava desenvolveram-lhe os músculos do tórax e do braço. O enorme chapéu de palha, preso ao queixo por um barbante, servia para protegê-lo contra o sol ardente, sem no entanto esconder-lhe o amigável sorriso entre a barba enorme, que se estendia para todos os lados.

Os dois ajudaram a pôr o barco na água, e a viagem começou. Daniel colocou uma toalha úmida sobre a cabeça como proteção contra o sol e, de seu lugar, olhou para trás.

Tornaria ele a voltar? Tornaria a rever aquele local? Tornaria alguma vez na vida a rever Vargön, seus pais e irmãos, enfim, os seus caros em sua terra natal? Sua vida estava nas mãos de Deus.

Daniel já havia caminhado várias vezes pelas selvas e já vira um bocado de coisas, desde enormes feras famintas até os mosquitos, pequenos, mas não menos perigosos. Porém, havia ainda muito para ver.

O ar quente e úmido como que vibrava à sua volta. Era óbvio que ninguém viajava para Caviana unicamente

para ver a selva, pois o próprio percurso já a atravessava e o seu aspecto em nada diferia do lugar para onde ele estava indo.

As pessoas, no entanto, talvez fossem diferentes das que viviam em Marajó. Provavelmente, a maioria era composta por índios que trocavam mercadorias. E o idioma, seria o guarani? E quanto às Bíblias que ele tinha nas malas? Uma ou outra certamente conseguiria vender. Quantos naquele lugar sabiam ler? Isto é, o português?

Ninguém viajava para aquela região sem motivo, era preciso que tivesse alguma missão a cumprir, e quem teria uma missão a cumprir em um lugar como aquele?

Daniel tinha uma missão conferida por Deus, que o enviara para visitar o lugar, conforme havia prometido a seu irmão. O Senhor tomaria conta do resto.

Daniel olhou para o barqueiro e notou a calma e frieza com que remava rumo à ilha. Seria interessante ouvi-lo falar um pouco da vida nas selvas e sobre os motivos que o levaram a escolher aquele lugar para morar e trabalhar. Daniel pediu ao homem que lhe contasse um pouco a respeito.

O barqueiro ficou feliz pela oportunidade de conversar com alguém durante a travessia, geralmente tão solitária. Alegrou-se ao ver que alguém se interessava por sua pessoa; alguém que havia se esforçado para aprender a sua língua. Na verdade, aquele era um viajante diferente, e veio de longe.

- Como o senhor deve saber, não é a primeira vez que um estrangeiro aluga o barco para ir até Caviana.

E contou-lhe dos estrangeiros, quase sempre ingleses ou americanos, que vinham conquistar o solo selvagem, muitos dos quais nunca voltaram.

- O senhor nunca sente medo de todos esses perigos que o cercam? - perguntou Daniel.

- Nunca parei para pensar nisso. Talvez não dê pra pensar assim quando se mora aqui. É óbvio que tanto eu como meus irmãos já fomos picados por mosquitos e atacados por escorpiões e cobras de todas as espécies, mas temos de estar preparados para isso, nesta região. Essas coisas acontecem a todos que vivem aqui.

O homem estava descalço. Vestia camiseta e calças compridas. Uma das pernas da calça estava rasgada, deixando aparecer uma horrível ferida. O barqueiro seguiu a direção do olhar de Daniel e abriu um sorriso:

- É picada de cobra - explicou.

- Então cobra come gente?

O barqueiro explicou que as cobras gigantes devoram as pessoas inteirinhas, depois de estrangulá-las. Já as venenosas podem matar com seu veneno; caso a pessoa sobreviva, o veneno faz desaparecer a carne no lugar ofendido.

Daniel ficou horrorizado ao ver aquela ferida na perna do homem, na qual aparecia até o osso. Naquela hora pediu ao Senhor que o guardasse daqueles perigos.

O barqueiro descobriu em Daniel um atento ouvinte e contou-lhe um fato que um amigo seu presenciara havia pouco tempo:

Um grande barco que carregava madeira havia atracado exatamente no local para onde estavam indo. O pessoal de bordo certamente desconhecia os perigos da região e, em vez de ancorarem um pouco longe da margem do rio, ancoraram perto de um barranco, à mercê de todos os perigos da mata.

Os tripulantes foram dormir e não se aperceberam da aproximação da sucuri que começava a se enroscar em uma árvore à beira do rio.

A cobra deslizou até a embarcação e laçou também o mastro. Enrolou-se firme e puxou com toda força, pren-

sando o mastro para baixo até a amurada afundar a metade na água, que começou a penetrar por todos os ventiladores e cavidades. Logo o barco estava totalmente submerso.

O amigo do homem, que estava na margem do rio e assistiu a tudo, ficou como que paralisado. Tudo aquilo era inacreditável, mas seus olhos não podiam mentir. Tirou os olhos dos destroços do barco e notou que havia uma pessoa presa em apuros na proa do barco. Com o auxílio de um tronco de árvore, conseguiu chegar até o barco - procurando evitar qualquer contato com a água, pois não sabia onde a cobra poderia estar naquele momento. Após haver salvo o sobrevivente, este contou-lhe que estava deitado em seu camarote, quando sentiu a embarcação balançar e virar. A porta do camarote abriu-se, e ele foi atirado a distância. Depois disso perdeu a consciência e só a recuperou assim que foi socorrido.

Havia três homens a bordo. Onde estariam então os seus companheiros? Eles os procuraram o quanto puderam dentro do barco semi-submerso, mas nada encontraram. Talvez tivessem sido vítimas da cobra, das piranhas ou dos jacarés. Uma pergunta que ficaria para sempre sem resposta.

Quando o barqueiro terminou de contar o episódio, conservaram-se ambos em silêncio como se estivessem a refletir. Daniel olhou para a água e viu troncos de árvores e vegetação flutuando junto com a correnteza. Bem, aquilo que estava vendo também podia ser cobra.

Disse ao barqueiro que o Senhor guardava os passos dos seus e os livrava dos perigos. Abriu a Bíblia e leu o Salmo 91, que fala da segurança que há no esconderijo do Altíssimo.

O homem que o barqueiro tinha diante de si não era nenhum aventureiro, porém tinha coragem suficiente de penetrar as perigosas selvas, sem conhecer o caminho ou

saber o que poderia surgir durante a caminhada. A leitura da Palavra de Deus parecia passar toda a tranqüilidade e segurança do sueco para o barqueiro, uma resposta das perguntas que estava fazendo a si mesmo.

Daniel sentia-se cansado e resolveu aproveitar o resto da viagem para descansar um pouco, quem sabe até dormir. Já conseguiam ver a silhueta da ilha Caviana lá bem em frente, mas ainda gastariam várias horas para chegar ao destino. Depois de desembarcar, teriam de viajar muito a pé, antes que o dia escurecesse.

Daniel foi despertado pelo grito do barqueiro. Haviam acabado de chegar a um agrupamento de jacarés dormindo. Daniel tinha ouvido falar que eles costumavam dormir durante o dia, enquanto era quente e claro. Entretanto, durante as horas escuras e nos dias chuvosos ou nublados, não convinha cruzar-lhes o caminho.

- Sempre que eu vejo jacarés - disse o barqueiro - eu me lembro de um fato acontecido há alguns anos.

Contou-lhe que um garoto estava pescando em companhia do pai, quando de repente o barco começou a balançar violentamente, e o garoto caiu na água. Ele era um bom nadador, mas tinha apenas oito anos de idade. De repente, desapareceu da superfície. Um jacaré agarrou-o pela perna e arrastou-o para o fundo. O garoto então lembrou-se de meter os dedos nos olhos do jacaré, seu único ponto fraco. A dor fez com que o bicho abrisse a boca e soltasse o garoto, que nadou até a superfície, onde seu pai o esperava, ansioso.

Muitos anos se passaram, mas as marcas dos dentes afiados do animal até hoje estão lá para lembrá-lo da tragédia que quase lhe ceifou a vida.

O barqueiro ficou calado por um instante depois do relato. Ele tinha certamente muitas coisas para contar ainda, mas não era seu hábito ficar com o pensamento fixo nos perigos, pois, para ele, bastava a cada dia o seu mal.

Mas, pensando bem, ele gostaria de ter um contato mais íntimo com aquele Deus sobre o qual o homem havia acabado de ler e com quem nitidamente havia tido uma experiência; aquele Deus que era poderoso, não apenas para livrar dos perigos, mas também para dar paz à alma e felicidade ao coração. Pediu, então, que Daniel continuasse a ler.

Daniel sentiu-se contente e agradecido, pois naquele momento, ele pedia a Deus que abrisse um caminho para alcançar o coração daquele homem. Abriu a Bíblia e começou a ler: "No princípio era o Verbo..."

Várias vezes foi interrompido pelo ávido remador, que fazia perguntas e pedia explicações. Após ler vários trechos na sua velha e querida Bíblia, Daniel orou ao Senhor e pediu-lhe que fosse ao encontro daquele homem, dando-lhe salvação e esclarecimento para compreender as questões e ter todas as suas perguntas respondidas.

Quando Daniel terminou a oração, tudo parecia haver ficado calmo e tranqüilo. O barqueiro estava perto de Daniel com as mãos cruzadas, agradecendo a Jesus por haver entrado em seu coração. Seus olhos tinham um brilho que transparecia paz.

- Hoje é o dia mais feliz da minha vida! - disse. Agora eu sei o que é a verdadeira vida! Agora quero pedir a Deus que Ele me batize com o seu Espírito Santo. É uma pena que eu não sei ler. Eu nunca senti tanto a necessidade de aprender a ler como agora. Sempre fui muito preguiçoso, mas agora eu ganhei nova motivação e por isso eu quero aprender a ler e escrever o mais rápido possível. Continue lendo a Palavra de Deus para mim até chegarmos, para que eu possa ensinar a outros. Comece logo! Estamos quase chegando.

28

A Bíblia como Arma

Finalmente o barco ancorou na baía, ao sul da ilha Caviana. Havia sido uma longa travessia. Quase quinze quilômetros de luta contra a forte correnteza, o que requereu do remador muita força, obstinação e habilidade.

Até mesmo ao passageiro era um prazer poder estar em terra firme novamente. Daniel agora podia esticar as pernas entorpecidas pela longa viagem dentro do barco pequeno.

Daniel olhou em redor e pôde contemplar a selva, logo do outro lado do pântano, que parecia impenetrável.

Os irmãos da congregação de Belém haviam dito que haveria uma única estrada a seguir, "não tinha como errar no primeiro trecho". Do contrário, a vegetação do lugar ficaria densa como uma parede. O ar estava úmido e quente. Os sons característicos da selva foram traduzidos por Daniel como uma saudação de boas-vindas.

No momento em que se despediu do barqueiro, este perguntou-lhe se tinha alguma arma ou objeto para se defender.

Daniel respondeu:

- Desejo confiar inteiramente no Senhor. Se eu chegar armado, as pessoas que eu encontrar terão razões para duvidar das minhas intenções. Se sou um pregador do Evangelho e mensageiro da paz, tenho de viver de acordo com o que prego.

O barqueiro foi buscar um pequeno machado que tinha no barco, "para cortar galhos e matos".

- Obrigado por sua preocupação, mas eu creio que o Senhor já preparou o caminho para mim. Se eu tiver de descascar alguma fruta, tenho um canivete comigo.

Despediram-se rápida mas calorosamente.

Como gesto de despedida, apontaram com os dedos para o alto, indicando com isso que, se não mais se encontrassem nesta vida, encontrar-se-iam no Céu.

Daniel tinha longas horas de caminhada pela frente, e teria de chegar a seu destino enquanto ainda pudesse enxergar o caminho.

Por mais que o sol brilhasse, determinados trechos da selva eram totalmente escuros, pois na densa mata, os raios de luz não conseguiam penetrar as volumosas folhagens das árvores gigantes.

O peso das malas fazia com que os sapatos afundassem na lama, dificultando o caminhar. Daniel resolveu tirá-los e continuar o caminho descalço. Às vezes, uma perna atolava tão fundo, que ele era obrigado a pousar as malas na água - sobre o lado mais largo, para também não afundarem - e puxá-la com as mãos. Embora a distância não fosse tão grande, quando Daniel chegou do outro lado, havia lama nas pernas até as coxas e nos braços até os cotovelos.

Logo adiante, descobriu uma fonte de água, onde pôde banhar-se e lavar a roupa, que teve de secar no corpo.

Sentia dor nos pés, pois havia pisado em alguns espinhos. Tirou os que pôde enxergar e os menores deixou para mais tarde. Novamente calçou os sapatos, que, apesar de ainda molhados, ao menos lhe seriam de proteção contra farpas e espinhos, escorpiões e outros bichinhos, e serviriam para refrescar os pés e atenuar as dores. O que mais o preocupava, no entanto, era o tempo que havia perdido, pois tinha de chegar antes que o sol se pusesse. Daniel agradeceu ao Senhor por havê-lo provido com um físico tão privilegiado, e por estar sendo usado para servi-lo.

Tentou lembrar-se de todos os bons conselhos e advertências que recebera dos irmãos em Belém, que conheciam bem aquela região; quais os animais perigosos e como reconhecer os seus rastros; quais cobras eram as mais venenosas e quais as que estrangulavam suas presas.

As panteras eram provavelmente os mais perigosos de todos os animais, silenciosas, dissimuladas e ágeis. A mais perigosa era a pantera negra. Não precisava ser provocada ou se sentir acuada para atacar. Diziam que estava constantemente à procura de alguma presa.

Entretanto, naquela hora, parecia-lhe mais difícil defender-se dos insetos e dos pequenos animais. As formigas "vinte e quatro" já haviam feito algumas visitas aos seus pés e pernas, acompanhadas de seus parentes. As dores das picadas duravam por vinte e quatro horas, daí terem este nome. Os irmãos disseram-lhe que não andasse descalço, porém Daniel só lembrou disto quando sentiu uma dor insuportável na sola dos pés. Sentou-se para ver o que era, e encontrou espinhos cravados, centenas deles. Provavelmente pisara em algum cacto. Tentou tirá-los, mas só conseguiu extrair um ou outro que não estava tão profundo. Mas eram muitos, e o tempo passava. Antes que escurecesse, precisava chegar ao destino. Dentro

da selva estava escuro, ainda que fosse dia claro, e os lugares abertos eram compostos quase sempre por lagos, onde o sol dava à límpida água um brilho ofuscante. As enormes borboletas azuladas, tão comuns no Brasil, eram em abundância, bem como toda espécie de pássaros, tantos que nunca pareciam acabar, a competir em beleza e esplendor de cores inigualáveis.

Daniel, mesmo atormentado e ferido, apreciava as maravilhosas criações de Deus, agradecendo ao Senhor pelo refrigério que a contemplação da majestosa beleza gerada por suas mãos havia proporcionado à sua alma.

De repente, um macaco desceu da árvore e ficou pendurado na frente dele, à altura dos olhos. Os olhos do bichinho eram curiosos e alegres. Daniel sorriu, e o macaco sorriu de volta. Um encontro amistoso, desprovido de qualquer sentimento de medo para ambas as partes. Daniel não parecia perigoso, apesar de seu corpo imponente. Os espinhos que tinha nos pés o impediam de fazer qualquer movimento brusco, o que certamente assustaria o animal. O macaco foi embora para sua casa, "grasnando"; decerto iria contar aos seus parentes de sua coragem.

Uma pequena nascente de água à beira do caminho fez com que Daniel parasse para olhar a água cristalina. Naquele momento lembrou-se de Lunkan, uma fonte que havia a alguns poucos metros de sua casa em Vargön. Freqüentemente costumava ir até lá com uma jarra de leite, a qual ele, após haver saciado a sede, enchia de novo e levava para casa. Era melhor a água bebida direto da fonte, quando ainda se encontrava fria e fresca. A água do poço já não era tão gostosa. Depois de algum tempo dentro do balde sobre a pia ao lado do fogão, todos a bebiam na mesma concha de alumínio que ficava pendurada na borda, pois desta forma ela ficava mais fresca, e evitavam sujar tanta louça. As lembranças de sua terra

natal fizeram-no ausentar-se por alguns instantes. Como estava distante o seu país! Encontrava-se agora no meio da selva, a milhares de quilômetros. Juntou as mãos e experimentou a água, tomando um grande gole. Era boa, mas nem se comparava à da fonte de Lunkan.

Chegou à outra região pantanosa. As lembranças da terra natal foram interrompidas quando Daniel viu diante de si uma vala atravessando o caminho. Quem teria interesse em cavar uma vala no meio da selva? Não havia na região nenhuma casa ou cabana, e o barqueiro havia sido a última pessoa que vira. De repente, lembrou-se de um conselho dos irmãos:

- Tome muito cuidado e fique alerta quando encontrar uma vala na estrada, especialmente se for em terra fofa. Isto é sinal de que passou por ali uma serpente.

Quando Daniel perguntou-lhe o que deveria fazer quando isto acontecesse, recebeu um taxativo "Corra!" como resposta.

Mas, correr para onde? Para que lado teria ido a cobra?

De repente, notou que um dos lados da vala começou a se encher de terra. Mas de que forma poderia correr para o lado oposto se era mata impenetrável? Deixou o olhar mais uma vez seguir a vala e os arredores, mas nada encontrou.

Ele estava prestes a seguir o seu caminho quando elevou o olhar. Lá estava ela, bem à sua frente, sem rastejar no chão. A enorme cabeça encontrava-se na altura dos olhos.

Daniel sentiu-se imobilizado e uma onda de frio glacial tomou conta do seu corpo; a distância que os separava não ia além de dois metros. O monstro levantou a cabeça e olhou fixamente nos olhos de Daniel. Seus olhos frios, impiedosos e diabólicos, refletindo chamas de fogo cinti-

lantes, transmitiam total ausência de compaixão; pareciam querer hipnotizar a vítima.

Daniel ficou paralisado. Não podia sequer mover os seus lábios numa oração. Entretanto, podia orar a Deus em espírito, suplicando-lhe que viesse em seu socorro. Os minutos pareciam horas. Exatamente como Daniel havia pedido, e no momento exato, a cobra desviou o olhar de sua planejada presa, abaixou a cabeça e desapareceu mata adentro.

Naquele momento Daniel deu graças ao Senhor por havê-lo guardado, e louvou o seu nome.

Os diversos incidentes ocorridos haviam atrasado a viagem, e logo começaria a escurecer. Mas este fato não parecia ter tanta importância para Daniel.

O mais importante naquele momento era agradecer a Deus por aquele livramento.

29

Rumo ao Centro da Selva

A noite chegou rápido, envolvendo-o de tal forma que não podia enxergar mais um metro à sua frente. Era necessário ancontrar um lugar onde pudesse se abrigar durante a noite.

Ouviu ao longe o rugir de uma onça. Passados alguns minutos, o som cortou a mata novamente, e parecia haver se aproximado. Daniel tinha esperança de que fosse a onça marrom - que somente atacava caso estivesse faminta - e que já tivesse jantado. À onça pintada, não se pode dar muita confiança. Já a preta era a pior de todas, estava sempre pronta a atacar.

Um cão latiu, e a seguir tudo silenciou.

De repente, quando o caminho fez uma curva, Daniel avistou uma fraca claridade movimentando-se em vaivém, poucos metros à sua frente. Quando chegou mais perto, viu que a origem da luz era uma lâmpada de querosene.

Que alívio! Uma luz, uma cabana, talvez um local para passar a noite!

O homem que segurava a lâmpada olhou desconfiado para o estranho, mas quando Daniel estendeu a mão para

cumprimentá-lo, um sorriso surgiu-lhe nos lábios. Era costume os viajantes das selvas hospedarem-se em sua cabana.

De repente, o homem suspirou, cobrindo o rosto com as mãos. Daniel colocou a mão sobre o seu ombro e perguntou-lhe o que havia de errado. O homem apontou para algo próximo dali. Era o corpo de um cão semi-devorado, cujo sangue ainda não coagulara.

- Foi a onça. Ela tem passado por aqui muitas vezes. Ela nunca havia atacado o cão, só as galinhas e os pintos. E o cão é o amigo da gente, na solidão desta mata.

Daniel apresentou-lhes os seus sentimentos, e disse-lhe que fora certamente Deus quem havia enviado o cachorro como chamariz, para desviar a atenção da onça e salvar-lhes a vida.

- O homem estranhou, porque quando a onça apanha a presa, costuma devorá-la ou levá-la consigo, jamais a abandona no local.

- Onde está a sua espingarda? - perguntou a Daniel.

- Não tenho espingarda - respondeu o missionário. Se eu estivesse armado, as pessoas suspeitariam de mim e duvidariam das minhas intenções. Tenho apenas um canivete, com o qual costumo descascar frutas.

- Minha arma é esta - disse Daniel, mostrando-lhe a Bíblia dentro da mala. - Vou te dar uma destas armas que vai lhe dar força interior e ajudá-lo na hora da necessidade. O cachorro que o senhor acaba de perder podia indicar-lhe o caminho para a caça, porém a Bíblia pode mostrar o caminho para o Céu.

- Mas eu não sei ler - disse o homem. - Aqui nas matas não é preciso saber ler para caçar e pescar.

- Compreendo o que você quer dizer, mas este livro é diferente. Ele fala a respeito de você mesmo e da sua própria vida. Sim, de toda a sua família. Vou ler um pouco

para você. Já que não sabe ler, você pode abrir a Bíblia sempre que passar por aqui alguém que saiba ler. O Senhor me livrou de todos os perigos e encheu o meu coração de paz e alegria. Eu quero que você tenha esta mesma experiência. É tão simples! Basta confiar em Jesus.

O homem reconheceu que era um milagre Daniel haver chegado inteiro escapando das onças, das outras feras e de todos os perigos à solta, tanto no chão, quanto nos galhos das árvores.

Uma pessoa viera alertá-lo acerca das onças. Parece que outras feras haviam se ajuntado naquela noite.

O homem percebeu que Daniel estava com fome, e convidou-o a entrar para comer e descansar. De repente lembrou-se que há vários dias alguém passara por ali e lhe falara sobre um estrangeiro alto, que também passaria naquele caminho. O estranho pedira ao homem que tomasse conta do estrangeiro e lhe mostrasse o caminho da aldeia. Daniel confirmou com a cabeça, satisfeito com a perspicácia do irmão. Entraram na cabana, que não era diferente das outras que havia pela selva: paredes de barro e cobertura de palha.

Tão logo colocou os pés na porta da casa, Daniel pôde sentir a atmosfera agradável. As crianças já estavam na cama; no entanto, a julgar pelo barulho que faziam, ainda não haviam dormido. Assim que ouviram a voz estranha, com um sotaque tão diferente, entreabriram cuidadosamente a cortina que dividia os cômodos para ver quem falava daquele jeito.

O barulho na cozinha cessou. A esposa do homem entrou, e cumprimentou o visitante.

Sentaram-se em caixotes de madeira ao redor de algumas tábuas pregadas sobre cavaletes, que lhes servia de mesa.

Os pés de Daniel ardiam. Como tantas vezes ocorrera, fora obrigado a andar descalço com os sapatos pendura-

dos na mala pelo cadarço. As chuvas diárias das seis horas, a passagem pelos terrenos pantanosos e o sol forte do dia haviam feito com que os sapatos encolhessem e rachassem.

Os novos amigos de Daniel, ao verem como seus pés estavam inchados e cheios de espinhos, trouxeram-lhe uma bacia de alumínio com água quente e sabão e uma pomada de beladona que, aplicada após a lavagem, aliviaria a dor. A mulher lavou os pés de Daniel e tirou somente os espinhos visíveis à fraca iluminação da lâmpada de querosene, prometendo continuar na manhã seguinte, pois no escuro não seria possível.

Enquanto esperavam que a comida fosse preparada, Daniel contou-lhes sobre o que havia acontecido durante a viagem, inclusive o episódio da sucuri. Contou-lhes como havia suplicado a Deus que não permitisse que fosse dominado pelo poder hipnótico do animal.

O dono da casa disse haver visto uma cobra daquelas na região. Viu-a ao longe, mas, a julgar pelo seu tamanho, admitiu que poderia tratar-se da mesma cobra, pois em condições normais, a sucuri não costumava ser tão grande assim.

- Se o senhor conseguiu escapar da sucuri, o seu Deus deve ser realmente muito poderoso - disse a mulher.

O marido disse nunca haver ouvido falar de um Deus que respondia às orações, que se preocupava com as pessoas e atendia as necessidades de cada um. Um Deus assim, ele também gostaria de conhecer.

Quando a comida foi posta à mesa, Daniel pediu a Deus que a abençoasse. Comeram em silêncio, cada qual ocupado com seus próprios pensamentos. Quando terminou a refeição, as crianças, não mais se contendo, mostraram-se mais corajosas, retirando-se do seu posto de espionagem. Daniel pegou um pacote de biscoitos que

trazia na mala e ofereceu-lhes. A alegria por que foram acometidas parecia não ter limites. Daniel tomou o menor do colo, pegou o violão e começou a cantar algumas músicas infantis em português e em sueco, canções que sua mãe cantava quando era criança.

Naquele momento, Daniel pensou em seus pais e em Vargön, e se perguntou como estariam.

Tanto Daniel como as crianças "acordaram" quando o chefe da família achou que era hora de ir para cama, compreendendo que Daniel deveria estar muito cansado.

O homem foi à frente, indicando o local onde o missionário deveria dormir, em uma cabana ao lado. Depois de instalar a rede nos ganchos, pensou em como seria bom poder refazer-se das lutas daquele dia.

O local era fresco, mas, apesar do cansaço, não conseguiu dormir. Permaneceu deitado, olhando para o teto. Fez uma retrospectiva dos acontecimentos do dia, e agradeceu a Deus por haver estendido sua mão forte sobre ele.

Os ruídos, gritos e uivos que vinham de fora não tinham tanta importância, pois havia uma porta entre Daniel e tudo o que estivesse sondando do lado de fora.

Entretanto, havia começado a ouvir ruídos estranhos do lado de dentro da cabana, e vinham do teto. Alguma coisa se mexeu bem acima da rede onde estava deitado. Talvez fosse apenas o galho da trepadeira entrando pelas pequenas frestas, movida pelo vento.

A sensação de não saber a causa daqueles ruídos era por demais incômoda, e lhe acendeu a lamparina de querosene. Escorpiões e aranhas eram muito comuns naquela região, e bom seria se ele descobrisse aquelas criaturas mortíferas antes que elas o descobrissem, pois a procura poderia estar sendo feita por ambas as partes.

Daniel olhou os arredores, sob a fraca iluminação da lamparina. Encontrou um caixote em um canto, que lhe

poderia ser muito útil naquela situação. Colocou-o debaixo de onde vinha o ruído, subiu e iluminou o lugar. O barulho parou. Talvez tenha sido pura imaginação. Ou talvez o animal que fazia o ruído tenha se assustado com a proximidade da luz. As espessas folhagens dificultavam-lhe a visão, e Daniel resolveu ir se deitar novamente. Quando o sono e o cansaço começavam a vencê-lo, ele despertou repentinamente do seu estado de sonolência. Ouvira um prolongado grito de horror!

Agora não havia mais dúvidas. Subiu novamente no caixote, e mexeu nas folhagens com os dedos. Lá estava ela: Uma cobra prestes a se apoderar de sua presa! A presa - um sapo - movimentava-se lentamente, passo a passo, em direção à boca da cobra, tremendo e soltando gritos de pavor, tentando resistir ao poder do olhar frio e penetrante da cobra.

Apanhou um pedaço de pau e deu uma forte pancada no pequeno espaço que havia entre o sapo e a cobra. O hipnotismo se desfez e o sapo desapareceu aos saltos. A cobra fugiu por um buraco no muro, e Daniel finalmente pôde dormir em paz.

Mais uma vez os anjos do Senhor haviam se acampado ao seu redor. Ele dobrou os joelhos, agradeceu ao Senhor por isso e dormiu como uma criança nos braços seguros do Pai. Apesar de haver dormido pouco, acordou assim que os primeiros raios de sol penetraram na cabana. O inchaço nas pernas havia desaparecido, e ele deu graças a Deus pelo novo dia, que trazia consigo novas oportunidades de levar alguém a Jesus. Na casa ao lado, as pessoas já estavam de pé. Ele foi convidado a sentar-se à mesa, que exalava um delicioso cheiro de café novo e ovos fritos.

Depois do café, ajudaram-no a tirar os espinhos que, por causa da falta de claridade, não haviam conseguido extrair na noite anterior. Aplicaram novamente a poma-

da, para evitar infecção, e Daniel estava pronto para continuar a sua caminhada.

O homem da casa calculou que Daniel levaria cerca de dois dias para chegar à casa do irmão que conhecera em Belém. Agora era ir logo embora, pois ainda que fosse cedo, a caminhada seria longa.

Apesar de conhecer seus hospedeiros a apenas um dia, era como se estivesse se despedindo de velhos amigos. E este sentimento era recíproco. Deram-lhe "um pouco de comida para a viagem".

Depois de andar um pedaço do caminho indicado, virou-se para trás e gritou como última saudação:

- Não se esqueçam de pedir a alguém para ler a Bíblia para vocês. Os trechos que eu sublinhei me proporcionaram grande consolo e edificação.

Quando o homem respondeu que haviam ganho na troca entre o cão e a Bíblia, Daniel teve a certeza de que eles já estavam no caminho da luz.

Daniel sentia-se bem disposto enquanto andava. Os espinhos e farpas haviam saído dos pés e ele conseguira calçar os sapatos. Suas roupas estavam secas, e a fome, saciada. O caminho outrora repleto de espinhos transformara-se num caminho da esperança, fácil de percorrer. A noite e a escuridão sempre acompanham o dia mais claro.

As nuvens aglomeraram-se no céu, e a chuva caiu. Uma típica chuva tropical. A única cabana nos arredores era composta apenas por paredes e porta, sem telhado. Havia ganchos nas paredes, e Daniel sem demora instalou a rede, colocou as malas embaixo, arrancou a porta e com ela se protegeu.

Chovia forte demais para os mosquitos marcarem presença. As paredes eram uma proteção contra as chuvas laterais e as rajadas de vento, e Daniel conseguiu dormir bem. O cansaço o havia vencido.

Ouviu-se som de passos lentos. Em seguida, um cutucão na rede. Daniel levantou a porta de sobre si, e dois simpáticos olhos de vaca olhavam para ele. O animal foi-se embora, e Daniel imediatamente levantou-se da rede.

Um novo dia estava nascendo.

Exceto pelas chuvas, a noite fora tranqüila. Havia sobrado um pouco de comida, e Daniel comeu com muito gosto.

Deveria alcançar o seu destino antes do anoitecer. A ansiedade de encontrar o seu querido irmão, somada à informação de que aquele trecho constituía a última etapa da longa viagem, fizeram-no apressar o passo. A chuva não havia causado nenhum dano ao precioso conteúdo das suas malas e as roupas haviam secado no próprio corpo.

A viagem havia sido rica em experiências. Os perigos o ameaçaram, entretanto, sentia-se feliz, pois a cada perigo o Senhor estivera presente, acampando os seus anjos ao redor dele, e as pessoas estranhas que havia encontrado no meio do caminho, haviam se tornado seus amigos.

Daniel chegou antes do cair da noite. Era um lugar pequeno, e não foi difícil achar a casa do irmão. Grande foi a alegria pelo reencontro. As crianças corriam para todos os lados a chamar parentes, amigos e conhecidos.

Nesse ínterim, o irmão contou-lhe que já havia formado um pequeno grupo de crentes, e que ganhara a esposa e os filhos para Jesus. Era um lar alegre, no qual todos se mobilizavam para convidar os parentes, colegas e amigos a participar do culto improvisado. O Senhor foi abençoando, e o grupo cresceu.

As pessoas logo começaram a chegar. Estavam curiosos para conhecer o estrangeiro, e fizeram uma longa fila para pegar em sua mão e saudá-lo.

Daniel dirigiu o culto e falou sobre como o Senhor o havia ajudado no decorrer de toda a sua jornada. Muitas pessoas doentes vieram pedir oração a fim de que o grande Médico as curasse. Muitos que também estiveram doentes e haviam sido curados, vieram render graças ao Senhor e dar o seu testemunho. Um irmão testemunhou que tinha sido mordido por uma cobra, e que a carne ressecada pelo veneno cresceu novamente até desaparecer completamente a ferida. Quando este fato ficou conhecido nos arredores, um grande número de pessoas veio procurar ajuda de Deus para si.

30

O Furacão

Daniel encontrava-se no meio de um dos inúmeros rios existentes entre os pântanos. Às vezes poderia levar um dia inteiro ou mais para atravessá-los. Quando ainda não habituado, costumava contar com a ajuda de um remador. Agora, porém, já remava sozinho, pois não lhe custava mais do que a própria força física que recebera do Senhor em abundância. Era preciso conhecer o fluxo da correnteza e saber avaliar a força do vento e o estado atmosférico. O fato de não poder enxergar o outro lado do rio, não tornava as coisas mais fáceis, mas o Senhor o guiava. Era bom poder depositar nEle a confiança.

Daniel já perdera a conta das vezes que havia feito a travessia naquele local. Às vezes as ondas se agitavam, porém, naquele dia estavam mansas. A água encontrava-se como um espelho, e suas remadas fortes faziam com que o pequeno barco navegasse em boa velocidade.

Daniel achava agradável remar, e fazê-lo sobre águas tranqüilas proporcionava-lhe descanso à alma. O barco fora emprestado por um jovem irmão que era pescador em Caviana, e ele agora retornara de uma visita em Afuá,

onde orara por um doente. O tempo estava claro. Se colocasse a mão sobre os olhos, para protegê-los contra o sol, poderia enxergar a margem onde iria ancorar.

De repente, aconteceu! Sem saber o quê ou de onde vinha, Daniel foi envolvido pela escuridão e um assobio ensurdecedor. Sentiu que o barco se levantou no ar e começou a girar e girar, cada vez mais rápido, até que perdeu os sentidos.

Daniel acordou com a água gelada. O barco encontrava-se distante, e ele foi nadando até a frágil embarcação. Os remos haviam desaparecido. Daniel pegou a corda, segurou-a firme com os dentes e começou a nadar para a margem do rio. Normalmente levaria uma hora para alcançar a margem, mas com o barco a reboque, não sabia quanto tempo levaria. Para chegar até lá, também tinha de passar pelo local onde os jacarés dormiam ao sol, e ele não fazia idéia de quão leve o sono deles poderia ser. O único meio era passar por eles o mais silenciosamente possível.

O maior perigo, no entanto, eram as piranhas, que não possuíam um paradeiro fixo, que pudesse ser localizado e evitado, e mesmo que o descobrisse, provavelmente seria tarde demais para fugir.

O pescador que lhe emprestara o barco fazia dele o seu único ganha-pão. Ele era o seu instrumento de trabalho, com o qual sustentava a família.

Daniel começou a nadar e orou ao Senhor, pedindo-lhe que o ajudasse a alcançar a praia, que parecia tão distante. Tinha de nadar até o fim, cuidando para não esgotar as forças. Continuou nadando, ainda que devagar. Quando chegou à altura do banco dos jacarés, nadou o mais depressa que pôde, sem, no entanto, fazer barulho com a água. Eles continuaram dormindo tranqüilamente.

Finalmente Daniel sentiu terra firme debaixo dos pés. Depois de agradecer ao Senhor por havê-lo guardado

através dos perigos, prendeu a canoa. Exausto, deitou-se na praia para recobrar as energias.

Após passar por um pântano, Daniel chegou à casa do pescador e contou-lhe o que havia acontecido. A perda dos remos deixou o homem profundamente aflito. Só depois de uns minutos, é que se acalmou. O importante era que Daniel estava salvo e sem nenhum dano.

O missionário contou o dinheiro que tinha no bolso e o entregou ao pescador, que acreditava ser suficiente para manter sua família até que providenciasse outros remos.

Ficava cada vez mais claro a Daniel que, para continuar o trabalho de evangelismo em lugares tão distantes e dispersos e visitar novos lugares onde Deus o levasse, era indispensável um barco que resistisse às águas do rio e possuísse vela. Os pequenos barcos a remo e as canoas eram difíceis de governar em alto mar, e as travessias costumavam ser demasiado demoradas. As embarcações oscilantes também não ofereciam nenhuma segurança. Além disso, não era nada fácil dirigir um culto, após passar várias horas remando. Antes dos cultos era imprescindível passar alguns momentos tranqüilos na presença do Senhor, em oração. Ele desejava canalizar todas as suas energias para o mais importante: o trabalho missionário.

Em um culto em Caviana, Daniel expôs a necessidade para os irmãos. No culto seguinte, pediram ao Senhor que lhes desse um barco. No final, um irmão se levantou e disse que tinha um barco à vela, e que havia sentido de doá-lo para a obra do Senhor. Faltavam apenas as velas, mas prometeu que venderia uma vaca para poder comprá-las.

Era um barco grande, que comportava muito bem umas vinte pessoas. Possuía até um camarote de onde o barqueiro podia governar o barco. No convés, havia espaço para camas e mantimentos.

De fato, era um barco excelente, que o Senhor certamente haveria de abençoar, a julgar pela rapidez com que respondeu à oração.

31

Boas Novas

Demorou alguns meses até que o barco estivesse sobre o rio. Os irmãos ajudaram a colocá-lo em perfeito estado, e agora se encontrava no cais, com pintura nova e um pequeno barquinho de reboque.

A tarefa comum de reformar barco, mobiliá-lo e equipá-lo para o serviço do Senhor uniam os irmãos de forma especial.

A gratidão e a alegria que Daniel sentiu quando descobriu um espaço a bordo onde poderia colocar uma cama, as maletas de Bíblias e os seus poucos pertences, não tinham limites. O barco ser-lhe-ia como um lar que o acompanharia em todas as suas viagens ao longo da costa e dos rios.

A maioria dos irmãos já estavam habituados com a vida ao mar. Tinham fervor pela obra missionária, e o barco tornaria possível que pessoas das aldeias mais remotas fossem alcançadas pela Palavra de Deus mais rapidamente. Eles não pensavam já ter cumprido a sua parte, agora que o barco estava pronto.

Todos queriam de alguma forma dar sua parcela de contribuição à obra e a melhor maneira de fazê-lo era

continuar cuidando do barco para que Daniel pudesse descansar durante as viagens - dormir durante a noite, planejar-se e dedicar-se ao trabalho missionário.

Três jovens solteiros haviam sentido em seu coração de acompanhá-lo nas viagens. Um deles era navegador, e prometeu conduzir e responsabilizar-se pelo barco. Outro sabia cozinhar muito bem, ainda que não tivessem muito para comer. O terceiro tinha bastante força, e estava disposto a ajudar no que fosse necessário.

No mais, os irmãos contribuíram com o que estava ao seu alcance: peixe defumado, carne, feijão, arroz, mandioca e algum móvel ou trocado. Porém, o Senhor continuaria abençoando-os e ajudando-os nas suas necessidades.

Realizaram um culto de ação de graças na praia. Daniel deu ao barco o nome "Boas Novas", nome que o Senhor lhe dera. Este nome sugeria uma mensagem que despertava a curiosidade e o desejo das pessoas.

Durante a celebração, os irmãos levantaram as velas.

A primeira viagem começou. Quando as águas do rio se agitavam, Daniel via como a água passava sobre o convés e como o barco velejava com facilidade e mantinha boa velocidade. Na realidade, as mãos do Senhor o ajudavam.

Os irmãos de diferentes lugares podiam receber visitas com mais freqüência e novos campos de trabalho cada vez mais distantes iam sendo abertos. O trabalho cresceu de tal forma com a vinda do novo barco, que Daniel mal tinha tempo para atender a todos os pedidos. Em diversos lugares, irmãos foram separados para dirigir o trabalho. Especialmente no começo, as pessoas sentiam um apoio precioso quando Daniel as visitava.

Combinaram, então, erguer uma bandeira vermelha na margem do rio quando alguém estivesse enfermo ou fosse haver batismo. Caso não houvesse nada de impor-

tante, hasteariam uma bandeira branca. Esse método funcionou bem e facilitou muito as coisas para todos.

Em um local mais distante, ao longo do rio, avistaram uma aglomeração de cabanas. A água estava rasa, de forma que o pequeno barco serviu bem. Por causa da maré, as cabanas de barro eram construídas sobre estacas. Daniel subiu a escada e bateu palmas, como era hábito quando se queria chamar atenção. Ao chegar numa das menores cabanas, uma voz abatida, vinda de dentro, mandou que entrasse. Daniel abriu a cortina da porta e entrou no quarto escuro. Sob a fraca iluminação, pôde identificar uma rede, na qual alguém encontrava-se deitado. Parecia ser uma mulher idosa.

A única janela que havia no quarto estava fechada com a cortina. A maior parte da luz penetrava por baixo das poucas tábuas deitadas sobre o chão, que era o seu assoalho. Através dos vãos de madeira, podia ver as sujas águas paradas em baixo.

Tinha de andar com cuidado, pois as tábuas soltas poderiam facilmente escorregar. Assim que os seus olhos acostumaram-se àquela luz tão pouco comum, pôde ver a humilde mobília à frente da rede: uma cadeira e um lavatório com uma bacia e uma jarra. Do outro lado, um homem estava agachado atrás de um grande buraco que havia entre as tábuas.

Daniel foi até ele. O homem estava pescando à vara e, exatamente naquele momento, ergueu os braços. Ele puxou a linha, e lá estava um peixe se debatendo aos seus pés.

O homem e Daniel pareciam igualmente surpresos. O homem, por ter um branco em sua casa, e Daniel, pelo jeito de pescar tão distinto.

O sueco falou-lhe de sua missão ali, e assim que o homem percebeu que o estranho não tinha intenção de vender-lhe qualquer coisa, permitiu-lhe continuar. Pegou

o seu querido violão e começou a tocar e cantar alguns hinos. O homem sorriu e fez com a cabeça sinal de aprovação. Daniel dobrou os joelhos ao lado da rede. O homem o imitou, e juntos oraram pela cura da esposa. Se ela apenas tivesse fé, o Senhor poderia fazer um milagre. Bastava que se achegassem a Ele, como crianças. Uma luz de esperança havia se acendido, e Daniel prometeu voltar. O homem quis acompanhá-lo até o barco, carregando nas costas um cacho de bananas, que o seu amigo iria levar para viagem.

No caminho até o barco, Daniel comentou sobre a forma prática de pescar, mas também não deixou de falar sobre a água parada e suja embaixo da casa. Seria melhor pescar num local onde houvesse correnteza, pois os peixes carregavam consigo muitas bactérias. Beber daquela água tampouco era uma boa idéia, por isso Daniel aconselhou-o a fervê-la dali para frente. Mas acima de qualquer coisa, deveria pedir ao Senhor que curasse a sua esposa. O missionário notara uma fé muito grande nos olhos dela, e sabia que o Senhor faria conforme havia prometido.

O homem colocou o cacho de bananas no barco e ajudou a empurrar a pequena embarcação. Os dois amigos acenaram um para o outro, esperando ansiosos por um reencontro.

Os mantimentos do barco terminaram. Daniel mostrou à dedicada tripulação o cacho de bananas que ganhara, mas como vinham comendo muita banana nos últimos tempos, todos desejavam uma refeição de verdade, preparada em panela e frigideira, onde até os aromas do preparo constituíam importante ingrediente.

Em determinado momento, um outro veleiro ficou lado a lado com o "Boas Novas". Um tripulante mostrou um grande peixe e gritou, perguntando se eles queriam trocá-lo por bananas. Daniel atirou o cacho de bananas,

ao mesmo tempo que o homem atirou o peixe, que terminou caindo na água, do outro lado do "Boas Novas".

O homem o arremessara longe demais, e agora não tinham nada para comer - nem peixe, nem banana. Eles viram seu jantar passar sobre suas cabeças e depois ser levado pela correnteza. Não havia tempo para pegar a rede.

Daniel lançou o pequeno bote à água e remou pelos arredores, orando a Deus que providenciasse algo para comerem. Era o responsável por aqueles três homens a bordo, e eles também estavam com fome.

De repente Daniel percebeu dois peixes se aproximando em alta velocidade. Vinham exatamente na direção do barco, e parecia que um estava à caça do outro. Quando se aproximaram, o missionário viu que primeiro era grande, e estava sendo perseguido por outro ainda maior. De súbito, o peixe perseguido deu um pulo e caiu no meio do bote. Era a resposta à sua oração. Agradeceram ao Senhor antes de prepará-lo. Os tripulantes muito se alegraram ao ver com seus próprios olhos como Deus dá o pão de cada dia aos seus filhos.

O peixe tinha excelente paladar. O cozinheiro informou que aquela espécie de peixe era muito rara na região; e aquele era o maior exemplar que havia visto desde muito tempo. O Senhor sempre dá o melhor! Suas bênçãos, possibilidades e querer são maiores do que podemos imaginar.

32

As Imagens

"Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos dos homens..." (Sl 115.4).

O trajeto Belém-Bragança foi pontilhada por grandes e pequenos acontecimentos, os mais variados. O campo em que estava lavrando era duro, mas em compensação, a alegria a cada vitória alcançada era grande.

Quando se lança um olhar para os fatos que se passaram, é difícil lembrá-los em ordem cronológica. Havia inúmeras estrelas brilhantes no escuro firmamento que para sempre ficaram gravadas em sua memória. Muitos dos acontecimentos relatados pareciam nada ter de excepcional, porém foram todos prova da fidelidade do Senhor.

Agora, contavam-se aos milhares o número daqueles que se aproximaram do trono da graça.

Eles tinham de orar para que os fortes ventos contrários, provocados pelo inimigo, não apagassem a chama frágil que começava a arder no coração dos crentes. Oravam para que o fogo do Espírito Santo crescesse em intensidade e se multiplicasse de forma tal que as vidas

secas e mortas fossem sepultadas para dar lugar a uma nova vida, saudável e ativa. Uma chama fraca é facilmente apagada por qualquer rajada de vento. Porém, se for intensa, nem mesmo um temporal é capaz de apagá-la. O fogo acaba fazendo do vento um aliado para levar adiante a mensagem purificadora do amor.

Certo dia, em uma de suas visitas de casa em casa, Daniel deparou-se com uma senhora idosa sentada em um sofá, no terraço de uma linda casa. Parou no portão e bateu palmas. Quando a mulher ergueu a cabeça, Daniel pediu licença para ler um trecho da Bíblia para ela, a fim de que soubesse do que se tratava. Ela consentiu, e o missionário leu em alta voz de onde se encontrava.

Apenas terminou a leitura, e a mulher convidou-o a entrar. Era coisa rara alguém convidá-lo a entrar em casa. Via de regra, as pessoas já o despediam do portão, logo que viam a Bíblia.

A mulher parecia uma pessoa muito insegura, mas convidou Daniel a entrar no salão. Mandou que sentasse e esperasse, pois ela tinha afazeres. Ele olhou ao redor. Sem dúvida era casa de bastante recursos. Na sala, dominavam magníficas imagens, em grande quantidade, de vários tamanhos e espécies, que ocupavam cada espaço dos móveis suntuosos. Daniel levantou-se para ver os ídolos de perto. Não se notava poeira sobre aqueles objetos bem pintados e ricamente adornados. A dona da casa era certamente muito cuidadosa.

Os pensamentos de Daniel foram interrompidos quando a mulher apareceu com uma bandeja de café nas mãos. Como se pudesse decifrar o olhar de admiração do missionário, ela disse:

- Vejo que o senhor admira as minhas imagens. É, elas são realmente pequenas obras de arte, cada uma delas. Tenho muito cuidado com elas e tiro o pó minuciosamente todos os dias. Eu jamais permitiria que minha empre-

gada fizesse isso por mim, elas são valiosas demais. Ela deve tomar conta de outras coisas.

Daniel respondeu que eram estátuas realmente muito bonitas e bem-feitas, e que compreendia quanto dinheiro deveriam ter custado. Seu zelo por elas revelava toda a importância que aquelas estátuas tinham para ela. No entanto, elas ainda eram mortas. Se todas as crianças pobres dos arredores fossem tão bem-tratadas quanto aquelas imagens seria uma maravilha; quantas bocas famintas todo aquele dinheiro teria podido saciar.

A mulher prosseguiu:

- Estas imagens representam toda a fé e o refúgio espiritual que tenho nesta solidão desde que meu marido faleceu, há algum tempo. Por favor, não se entristeça, mas não foi para ler a Bíblia que eu o convidei a entrar. Convidei-o porque o senhor pareceu-me uma pessoa boa, alegre, feliz e compreensiva, e porque pensei que seria bom falar com uma pessoa assim. Vejo que o senhor não é desta vila, pois aqui conhecemos a todos. O senhor também fala um pouco diferente do que estamos acostumados. Certamente deve ser o pároco de alguma vila vizinha.

- A senhora tem quase razão. Na verdade, não sou pároco e sim pregador do Evangelho. Se a senhora acha que eu pareço uma pessoa feliz, é porque achei Jesus e aceitei-o como meu Salvador.

- Então o senhor deve ser a pessoa acerca da qual o pároco nos preveniu. Sendo assim, devo pedir-lhe que deixe esta casa imediatamente. O que pensariam os vizinhos se descobrissem que o trouxe para dentro da minha casa?

- Não se preocupe, eu vou visitar os vizinhos também.

- O que é que o senhor vai dizer para eles?

- Vou dizer como eles podem encontrar a felicidade, a alegria e a paz que eu encontrei.

- Como se pode encontrar a felicidade?

- Para encontrarmos a alegria e a felicidade, a paz é a pedra fundamental. Pode ser encontrada quando a alma a procura, mas é necessário buscá-la. Apenas lembrar-se de Deus de quando em quando não basta. Devemos buscar a Deus de todo o nosso coração, na certeza de que Ele também está à nossa procura. Ele vem ao nosso encontro e conhece as nossas fraquezas, pois não conseguimos nada com as nossas próprias forças. Toda a nossa luta seria em vão se não tivéssemos a sua misericórdia, que purifica os nossos pecados e cria em nós um coração limpo. Ele assume tudo, quando não temos mais forças para continuar. Não são as religiões que trazem paz. Ao contrário, os muitos ritos e dogmas geram guerras e incertezas que podem desviar a alma do caminho da felicidade. A verdadeira felicidade é encontrada quando deixamos Jesus governar o nosso coração. Assim que encontramos esse caminho, a paz no coração torna-se real.

- O Senhor quer dizer com isso que a Igreja Católica está errada? Então os seus membros não vão achar a felicidade?

- A sua primeira pergunta será respondida pela Bíblia, se a senhora ler sem nada tirar ou acrescentar. A segunda, a senhora mesma pode responder pela experiência própria. A senhora é feliz?

- O senhor tem falado o tempo todo de Deus e de Jesus. Isto significa que não devemos venerar a Virgem Maria e as imagens?

- Foi o próprio Deus que enviou seu Filho unigênito ao mundo para que fôssemos salvos pela morte na cruz. Foi Ele e ninguém mais que morreu por nossos pecados. Quanto à Virgem Maria, nós a respeitamos como a mãe de Jesus, porém, ela não pode nos salvar do pecado. Com relação às imagens, elas representam seres humanos que foram homens e mulheres bons e piedosos e que foram

beatificados pelo Papa. Como é possível ao Papa santificar outros?

- Mas o Papa é chamado Sua Santidade, como é que o senhor explica isso?

- Chamar o seu próprio líder de Sua Santidade é um direito que a Igreja Católica outorgou-se a si mesma. São os cardeais que durante um concílio elegem um deles como papa. Como pode um mortal, por meio de voto, ser feito santo? Não, não é possível um ser humano, por mais que tenha atingido o grau máximo da escala hierárquica da Igreja, ser declarado santo por decisão de quem o elegeu.

- Bem, já que é assim, eu quero ouvir um pouco mais da Bíblia - pediu finalmente a alma sedenta, já a caminho da fonte onde encontraria a paz.

Daniel leu para ela alguns capítulos, e então oraram, de mãos postas, até que a mulher aceitou Jesus como seu Salvador. Estava livre da inquietação, e seus olhos refletiam a paz que agora reinava em seu coração.

Mais tarde, ela comunicou a Daniel que o grande salão de sua casa estava à sua disposição para realizar cultos e desta forma dar aos visitantes e novos crentes um endereço fixo.

A congregação cresceu rapidamente, e como a nova irmã tinha recursos, contribuiu voluntariamente para que a congregação, pouco tempo depois, dispusesse de um templo.

33

Viajando para a Terra do Chamado

Por *Ingrid Fransson*

No mês de novembro de 1921, estava tudo pronto para a viagem. Juntamente com os amigos Elisabet Johansson, Sara e Daniel Berg - que eram os nossos líderes - Augusta Andersson, Samuel e Tora Hedlund, Ester Andersson e Nels J. Nelson, partimos. Tivemos também a companhia do pastor A. Holmgren, que estivera visitando a terra natal e agora retornava para o campo.

A viagem foi via Noruega. O navio chamava-se "Stavangerfjord" e partiu da então capital Kristiania, hoje Oslo. Fazia muito frio em novembro aquele ano, e enfrentamos uma dura tempestade no mar, o que fez com que todos tivéssemos enjôo. Mas tão logo nos recuperamos, alegramo-nos no Senhor e sentimos gratidão em nossos corações por estarmos a caminho do país para onde Ele nos havia chamado, e começamos a adorá-lo e cantar louvores ao seu nome.

Em Nova York, fomos recebidos por irmãos que tinham um local estabelecido na rua 56. Eram irmãos suecos que haviam sentido o chamado de Deus para

esta missão específica. Ali estivemos durante três meses, aguardando o navio que nos levaria para a América do Sul.

Durante o tempo de espera, visitamos uma porção de lugares, dentro e fora de Nova York. Em todo lugar que púnhamos os pés, éramos recebidos com amor e carinho, e fizemos diversos cultos com os irmãos do lugar. Tantos foram os presentes recebidos, que logo não cabia nem mais uma agulha na minha grande mala! Pensei, no entanto, que a mala cheia de presentes não era o mais importante. Um dia ficamos sabendo que estava tudo pronto para a continuidade da viagem. O navio "Uberaba" havia chegado. Ele seria o nosso lar sobre águas até chegarmos ao Brasil. Imediatamente após subirmos a bordo, fomos convidados a comer, pela primeira vez, a tão temperada comida brasileira. Aquela comida seria a nossa refeição diária durante muitos e muitos anos dali para frente. Gostamos dela, ainda que não estivéssemos acostumados com aqueles temperos fortes. O sabor era ótimo.

Nossa primeira parada foi Barbados, uma das ilhas a oeste do Oceano Atlântico. Lá tivemos que nos familiarizar com uma porção de coisas, entre elas, baratas enormes. Essas baratas gigantes eram parentes das nossas pequenas baratas comuns; tinham cerca de 5 cm de comprimento.

Levamos, contudo, uma lembrança agradável da pequena cidade portuária. Era uma garotinha negra, que nos seguia onde quer que fôssemos, dando-nos flores. Nós a incentivamos com um trocadinho em retribuição à sua cortesia, e sentimos que ela era uma das pessoas que Deus nos tinha chamado para evangelizar. Jamais nos esqueceremos de como seus olhos brilharam ao descobrir que a amávamos. Aquele já era o "nosso" povo! Nossos corações encheram-se de alegria e gratidão pelo fato de serem aqueles nossos irmãos e irmãs.

A próxima parada foi Belém. Minha primeira preocupação foi saber onde poderíamos morar. Não havia estação missionária onde pudéssemos nos abrigar, e eram muitos os que necessitavam de um teto. E nem sequer sabíamos a língua... Porém, eu havia aprendido a orar. Também sabia que a palavra bíblica: "Invoca-me na angústia..." também era válida. Mal acabamos de orar, e vimos dois irmãos conhecidos no cais. Eram Gunnar Vingren e Samuel Nyström. Como haviam emagrecido! O que mais me chamou a atenção foi o terno do irmão Vingren, outrora preto, que, com o passar dos anos e o forte sol, havia se tornado totalmente verde.

Tudo era novidade para nós, e prestávamos atenção a cada detalhe. Andamos de bonde e, quando entramos no vagão, pudemos ver as enormes e lindas árvores que acompanhavam a silhueta da rua. Estas árvores proporcionavam sombra e bem-estar a nós, recém-chegados. Mais tarde, ficamos sabendo que aquelas árvores eram mangueiras e davam uma fruta deliciosa. Visto que as frutas caíam na rua, qualquer um podia apanhá-las e comê-las. Mas ensinaram-nos que não deveríamos fazê-lo quando estivéssemos quentes ou suados, ou com muita pressa. Tínhamos de comer com moderação para que elas não provocassem mal-estar ou cãibras. Se com todas as medidas de segurança ainda houvesse efeitos colaterais, melhor seria vomitar, para evitar a dor. A cada dia, aprendíamos coisas novas. Tanto coisas boas como coisas menos agradáveis. Logo Samuel Nyström conseguiu um professor para mim. Fiquei muito agradecida, pois precisava iniciar a minha missão o mais rápido possível. Víamos como a seara era grande e como a vinha do Senhor necessitava de todos os obreiros possíveis. Tive de morar com os irmãos Berg. A casa era igual a todas que havia no Norte do Brasil, construída sobre estacas. E o chão de madeira estava quebrado... Uma vez que não podíamos guardar comida de um dia para o outro, por causa do

calor, tínhamos um dos cômodos como armário para guardar feijão, arroz e outros alimentos secos. (Ao meio-dia os fiscais das autoridades vinham até o mercado a fim de despejar querozene sobre as carnes para impedir que fossem consumidas. Elas já haviam ficado muito tempo expostas ao calor e ao sol, e estragavam rápido.) Quando abri a porta da despensa, vi algo deitado no chão: uma enorme cobra, que estava lá provavelmente à procura de algo para comer, ou então para se refrescar. Fiquei apavorada, e comecei a orar a Deus que tivesse compaixão de mim e tirasse aquela cobra horrível dali. Quando abri a porta novamente, vi como ela se enrolava e desaparecia no chão roto. Compreendi, então, que seria melhor averiguar se não havia mais cobras sob o chão, e consegui que um dos brasileiros se ajoelhasse para verificar. Para mim, tal experiência havia sido horrível, mas para os brasileiros, aquilo era coisa comum. Ele encontrou vinte outras cobras da mesma espécie que eu vira em nossa despensa, e providenciou que fossem liquidadas. A casa onde morávamos era situada no centro da cidade, mas as ruas consistiam apenas de pisos com grama de ambos os lados, de forma que não era difícil para as cobras alcançarem a casa através da grama. Os irmãos Vingren estavam enfermos. Haviam contraído a tão temida malária. A doença atacou-lhes, que não tiveram outra alternativa senão retornar para a Suécia. Assim, tive de morar na casa da igreja junto com Lina e Samuel Nyström. Sara e Daniel Berg, então, estavam em missão nas ilhas do Amazonas, em um local chamado Afuá, onde a malária assolava com grande violência. Dificilmente alguém que chegava ali conseguia escapar da doença. Enormes feridas a acompanhavam. A fim de que os Berg tivessem um pouco de descanso, o irmão Nyström sugeriu que eu viajasse até lá para trocar de lugar com eles. Mal havia eu ingressado na obra. Durante quatro meses, estivera apenas em Belém, e ainda não havia tido tempo de aprender

o idioma. Não estava contente com a mudança, e tentei de alguma forma protestar contra ela. E eu sequer conhecia as condições lá no interior. Porém, depois de alguns dias, lá estava eu no convés de um dos barcos que subiam o rio Amazonas. Se fosse da vontade de Deus que eu estivesse ali, certamente Ele me ajudaria. No barco, havia um apinhado misto de gente e animais. O gado seria abatido durante a viagem para ser a nossa comida. Consegui um camarote, porém não demorei para descobrir que no convés era melhor. O ar era sufocante mesmo no convés, mas era melhor que dentro do abafado camarote. O rio geralmente era tão largo, que dificilmente conseguíamos avistar terra. No entanto, em determinados trechos tornava-se tão estreito que as folhas das árvores chegavam a arranhar as laterais do barco. Os pássaros e a vida animal eram abundantes à margem do Amazonas. Lá se viam tucanos e colibris, papagaios de diferentes espécies, até mesmo galinhas de árvore. Macacos aos montes, antas, veados e tatus. Os maiores animais de rapina eram as onças e os pumas. Na parte baixa do rio havia botos e peixes-bois. Lagartos, jibóias, cobras venenosas, tartarugas e sapos. Víamos carpas com dentes, e o pirarucu, o maior peixe de água doce do mundo. Enguias e o peixe com pulmões havia lá. Formigas, baratas, pulgas de areia e mosquitos. E eu teria de me acostumar com tudo aquilo! Viajamos durante dois dias e chegamos em Afuá. Atracamos com o barco no meio da noite. Só, como me encontrava, sentia-me como uma "migalha abandonada" pois ninguém viera me receber. Carregadores não eram difíceis de se achar. Havia inúmeros "chapas" que praticamente arrancavam a bagagem das nossas mãos. Todos estavam dispostos a prestar seus serviços, afinal, precisavam ganhar algum dinheiro. No entanto, eram bastante sensatos para perguntar aonde íamos de modo que éramos obrigados acertar o preço antecipadamente.

Paguei com muita boa vontade os carregadores, pois a maré alta havia feito com que não apreciássemos muito a idéia de caminhar pelos manguezais repletos de animais peçonhentos. Mas orei a Deus que tivesse misericórdia de mim e me ajudasse, pois era uma mulher sozinha seguindo um homem desconhecido no meio da noite. O carregador várias vezes voltava-se para mim e advertia: "Tome cuidado!" As tábuas não eram confiáveis, mas tínhamos de atravessá-las de uma forma ou de outra...

Como eu não falava português, tive muita dificuldade para explicar a casa que procurava. Tentei com: "Senhor Daniel Berg". Não, ele não sabia quem era aquele homem. Nesse caso, pensei em dizer: "Irmão Daniel", e então o homem entendeu! Quando finalmente chegamos à casa onde morava a família Berg, ele gritou como só os brasileiros sabem fazer (e não era pouco!):

- IRMÃO DANIEL!!!

Logo as luzes da casa se acenderam, e Daniel respondeu ao chamado do homem. A alegria que senti naquele momento não pode ser descrita em palavras! E os Berg tinham o hábito de reservar comida e café para servir às suas visitas, a qualquer hora do dia. Eles ficaram muito contentes por poderem viajar de volta a Belém para descansar. Iriam no mesmo barco em que eu viera, mas antes que viajassem, tivemos ainda tempo de fazer uma porção de visitas a diferentes lugares e realizar cultos. E, não demorou muito, estávamos viajando a outras ilhas com o nosso pequeno barco missionário. Na ocasião, eu havia recebido como companheira a irmã Ester Andersson, pois sozinha não teria conseguido tratar de tudo depois que os Berg partiram.

Muitas vezes, as pessoas se perguntam de que forma pudemos, por assim dizer, viajar por conta própria a lugares como o interior do Pará. Existem homens e mulheres corajosos que fazem as chamadas viagens de ex-

ploração, mas, de minha parte, devo dizer que, não fosse o chamado de Deus e sua proteção sobre mim, provavelmente não teria suportado por muito tempo.

Certa ocasião, enquanto viajávamos no barco missionário, fomos surpreendidos pela maré. Foi um milagre não havermos sido lançadas floresta adentro. A maré veio repentinamente sobre nós, inexperientes, e a água subiu até certo ponto do tronco das árvores. Tínhamos estacas compridas, nas quais nos seguramos e ao barco. Se não tivéssemos conseguido nos agarrar, não sei qual seria o nosso fim. Não foi fácil para duas mulheres, trazer o barco de volta para o rio, de dentro da mata, depois que a maré baixou.

Em outra ocasião, tivemos o barco preso em um banco de areia, e lá estávamos nós, tentando atinar o lugar em que estávamos, no meio da noite. Estava muito escuro, e sequer sabíamos para que lado nos voltar a fim de saber se havia gente nas cercanias.

Unindo as nossas forças, conseguimos manejar o veleiro. Quando começou a amanhecer, já eram cerca de quatro horas da manhã. Grande foi a nossa alegria quando ouvimos o canto de um galo! Havendo galos nas redondezas, certamente haveria gente. Contudo, outras surpresas ainda estavam à nossa espera antes que isso acontecesse!

Em outro banco de areia, não muito distante de onde havíamos parado com o barco, descobrimos centenas de jacarés. Já havíamos visto jacarés no mercado, mas, então, eles tinham uma corda fechando as suas assustadoras mandíbulas. Os cozinheiros brasileiros sabiam fazer pratos deliciosos com carne de jacaré. Mas a súbita visão de uma "centena" deles dormindo na areia e a uma distância não tão grande, talvez fosse um tanto quanto medonho para nós.

Os mosquitos foram um tormento que não pudemos esquecer. Para nos proteger, costumávamos acender fo-

gueiras e fazer com que fumegassem. Também tínhamos uma pequena lamparina conosco, para nos proteger contra pequenas criaturas. Desta forma, podíamos manter a maior parte dos mosquitos longe durante algum tempo.

Mas não estávamos unicamente rodeadas por jacarés ou por mosquitos. Havia aranhas venenosas, cobras e escorpiões. Também ver aquelas pessoas pobres e doentes vivendo naquela miséria, com os estômagos dilatados, os corpos franzinos cobertos de trapos e, além de tudo, saber que viviam no mais profundo paganismo, fez com que entrássemos em uma terrível batalha em favor de suas vidas.

De que forma poderíamos ajudar todos os que diariamente vinham até nós, procurando ajuda?

Muitas vezes, famílias inteiras vinham em busca de roupas. As garotinhas cobriam-se com panos de saco. No mais, as famílias se achegavam completamente nuas e enfermas. Procurávamos ajudá-las da melhor forma possível, mas isso era uma gota no oceano diante do que era preciso fazer. De que forma poderíamos fazer com que compreendessem a salvação de Jesus Cristo? Nossos conhecimentos da língua ainda era tão limitado, que era um enorme sacrifício falar e ler a Palavra de Deus para eles.

Que o Espírito do Senhor atuava, nós sabíamos. Nossa vizinha mais próxima era uma mulher possessa de demônios. Ela ficou tão furiosa conosco quando compreendeu que tínhamos um poder superior do nosso lado, que, em todo seu ódio, demoliu o seu casebre e foi embora dali.

Outros, entretanto, tinham fome da Palavra de Deus, e havíamos prometido a eles que viríamos a qualquer hora do dia. Iríamos fazer todo o possível para ensiná-los e dar-lhes ajuda.

34

Vitória

Por *Emílio Conde*

Os primeiros arautos pentecostais que chegaram à cidade de Vitória foram Galdino Sobrinho e esposa, no ano de 1922, havendo passado dois anos sem receber qualquer visita de pregadores ou pastores.

Ao iniciar-se o ano de 1924, chegava a cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, o missionário Daniel Berg, cujo objetivo era estabelecer ali uma igreja, como fizera em outros lugares. Entretanto, parece que não havia chegado o tempo para se estabelecer o trabalho nessa cidade.

O missionário Daniel Berg efetuou os primeiros cultos na rua de Santo Antonio, no centro da cidade. Durante o dia visitava as famílias e convidava-as para assistirem os cultos. Dessa forma realizava um trabalho de evangelização pessoal. Ao fim de alguns meses Daniel Berg deixou a cidade, sem que o trabalho fosse estabelecido. Não sabemos se ficou alguma pessoa convertida nessa cidade, pois o contato definitivo com as igrejas de outros Estados somente se fez sentir no ano de 1927 ou 1928.

Nessa data chegaram a Vitória sete crentes, procedentes da Assembléia de Deus em Aracaju, Sergipe. Logo que chegaram, iniciaram o trabalho de evangelização pessoal, com resultados surpreendentes, pois Deus converteu várias pessoas. Esses pioneiros não perderam o contato com os irmãos em Sergipe, pois desejavam que a igreja de Aracaju participasse da alegria de mais um farol a projetar a luz do Evangelho em meio às trevas.

Havendo muitos novos convertidos que requeriam assistência espiritual, os crentes pediram à igreja de Sergipe que lhes enviassem um pastor para pôr em ordem o trabalho de doutrinar os novos convertidos. A igreja atendeu ao pedido de seus antigos membros.

No dia 9 de maio de 1930 chegava a cidade de Vitória o pastor João Pedro da Silva, para atender à solicitação dos irmãos e continuar o trabalho iniciado. Nessa data reuniram-se para louvar ao Senhor mais de trinta pessoas, entre crentes e interessados. O pastor João Pedro alugou um salão para realizar os cultos, porém verificou, poucos meses depois, que o lugar já era pequeno para comportar o número de pessoas que ali se reuniam.

O primeiro batismo nas águas efetuado em Vitória, pelo pastor João Pedro, realizou-se no dia 8 de junho de 1930. Não se havia passado um mês, novamente se efetuou batismo, isto é, o segundo, no dia 6 de julho de 1930.

Com a chegada do pastor, o trabalho entrou em fase de expansão.

A primeira congregação foi organizada no bairro de Santa Lúcia; a segunda em Jacutuguara; a terceira em Pedreiras; a quarta em Ataíde; a quinta em Areal e, por último, a de Aribiri, onde atualmente está a sede.

Eis os nomes dos primeiros crentes que formaram a Assembléia de Deus em Vitória:

Francisco Galdino Sobrinho, Leopoldina da Costa Sobrinho, João Toscano de Brito, Maria de Oliveira, Manoel Tibúrico, José Martins, Antônio Gabriel, Francisco Faustino, Josefa Faustino, Maria Raimundo, Joaquim Galdino, Pulcina da Conceição, Ibapino Luiz e esposa, Cândido Dias da Hora, Maria dos Anjos Hora, Madalena dos Anjos Mota, José Mota, Maria Hora, Vitor Hora, Abrahão e esposa, Adalberto Pacote, Aquino, Deodoro, José Vicente Ferreira, Manoel Cocino, Fabiano e esposa, José Pedro, Antonio da Barra e esposa, Pedro da Silva e esposa, Francisco Santana e esposa, Maria Santana, Ormandina Silva, Levino e outros.

Estava vitoriosa a causa de Cristo na cidade de Vitória. Os pecadores convertiam-se às dezenas, como se pode depreender desta sugestiva notícia enviada pelo pastor João Pedro e publicada no Mensageiro da Paz de 15 de outubro de 1931: "No mês de junho batizei nas águas 27 novos crentes e no mesmo mês de agosto batizei número igual, isto é, 27 pessoas".

A partir de então o testemunho da obra pentecostal foi levado a outras cidades do interior do Estado de Minas, com os mesmos resultados alcançados na capital.

No dia 27 de maio de 1934, a Assembléia de Deus em Vitória viu partir para vida melhor o pastor João Pedro da Silva, após cinco anos de eficiente pastorado. Ao partir com o Senhor, a igreja contava 1.110 membros nos vários lugares que lhe estavam jurisdicionados.

Substituiu o pastor João Pedro, no dia 16 de junho de 1935, o pastor Joaquim Moreira da Costa.

Também serviram como pastores na Assembléia de Deus em Vitória, os irmãos Tales Caldas, Belarmino Pedro Ramos, Eugênio de Oliveira, José Menezes e Waldomiro Martins Ferreira, este último serviu o período mais longo de pastorado naquela igreja.

35

Santos

A cidade de Santos foi o primeiro lugar no Estado de São Paulo a receber a mensagem pentecostal.

Daniel e Sara perceberam ser a vontade do Senhor mudarem de Vitória para Santos, uma cidade que então tinha 135.000 habitantes, para abrir novas terras para o Evangelho. Chegaram ali em maio de 1924.

A primeira pessoa que Daniel encontrou em Santos, depois de ter desembarcado do trem, era batista.

Ele tinha lido um panfleto, escrito pelo pastor da Igreja Batista do Pará, que contestava a mensagem de Daniel e do irmão Vingren, isto é, a sua pregação sobre o batismo no Espírito Santo. Vinte mil exemplares do panfleto foram distribuídos às igrejas batistas no Brasil inteiro.

O homem perguntou a Daniel:

- O senhor se chama Daniel Berg?

- Sim, senhor.

- Então devo lhe avisar que, aqui em Santos, ninguém vai aceitar a sua doutrina de batismo no Espírito Santo.

- Este é o seu pensamento – respondeu Daniel.

E contou ao homem que Jesus o havia batizado no Espírito Santo; portanto, tinha experiência própria. Disse-lhe também que ele poderia tomar parte na mesma força.

Para terminar, Daniel leu a Palavra de Deus.

Ali havia alguns crentes que tinham vindo do Recife, onde eram membros da igreja, mas, por uma razão ou outra, tinha mudado para Santos. Chamaram-se: Vicente Limeira, Hermínia Limeira, Francelino Corrêa e Otávio Corrêa.

Outros tinham lido o panfleto, mas queriam por eles mesmos verificar o que realmente estava escrito na Bíblia, e compraram cada um o seu exemplar, numa associação protestante que havia na cidade. Conforme leram, chegaram a conclusão que a doutrina que Daniel Berg pregava estava completamente de acordo com a Bíblia e que tudo que estava escrito valia para qualquer época.

Os crentes se encontravam para orar e cantar juntos. Fizeram muitos cultos ao ar livre na avenida Rei Alberto.

Mas a resistência foi dura, tanto pelos católicos como pelos próprios protestantes. Os irmãos acharam que não podiam sair com a mensagem sem alguém para as dirigir. Faltava-lhes um líder, e viram a vinda de Daniel como sendo a resposta à oração. O Senhor ajudou Daniel e Sara, e alugaram uma casa. O cônsul sueco em Santos prontificou-se a garantir o aluguel. Não fosse este gesto, o casal Berg não poderia ter alugado a casa.

Assim começaram os cultos. Alguns ficaram emocionados com o amor de Deus para com os pecadores, e se converteram.

A primeira a se converter a Jesus foi uma mulher, Amalia Barreiros, com 65 anos de idade. Depois de convertida, não lhe foi permitido continuar morando em sua casa. Seu filho era católico e não queria saber de protes-

tantes, apesar de ela ser a sua mãe. Então Daniel e Sara abriram-lhe a casa. Tinham comprado um simples chalé de madeira usada para fazer móveis. Limparam, pintaram e capricharam, tiraram paredes e modificaram; assim a metade da casa podia ser usada como salão para cultos.

O quintal sujo foi limpo, e flores e árvores plantados. Assim tiveram um lugar deles mesmos, para fazer cultos e morar. O que alugaram da primeira vez tornou-se caro demais.

A. P. Franklin conta no livro *Entre Pentecostais e Santos Abandonados na América do Sul*:

"Estando no Norte ou estando no Sul do Brasil, Daniel desejava sempre estar perto do mar. Onde se encontrava, não havia como fazer uso do barco para visitar as casas, como fazia no arquipélago do Pará; no entanto, havia certamente procurado um lugar nos arredores da cidade que fosse bem próximo da água.

"Ao atravessarmos o portão, logo vimos uma rosa vermelha. Aspirava o seu perfume sempre que entrava e saía por aquele portão durante a minha permanência ali. O segundo que nos deu boas-vindas foi um enorme cão de raça dinamarquês. Seu latido impunha respeito duplo, mas bastava falar em sueco com ele, e logo tornava-se meigo e sociável.

"Dentro da casa, estava tomando conta uma senhora de idade respeitável, cheia de rugas e sardas e de personalidade muito agradável, a chamada Mãe Amália e, deitado em uma cama, estava o missionário Sorheim, quase paralítico e no entanto alegre, calmo e agradecido a Deus por cada pequeno estímulo que apontasse caminho para uma melhora e à possibilidade de voltar a movimentar os membros.

"Como oficial do exército da salvação, viera da Noruega para o Brasil em novembro de 1925, quando então

uniu-se aos pentecostais, a quem trouxe valioso reforço e grande bênção. Ele atuava em Santos desde agosto de 1928.

"Viera para aquele lugar enviado por Deus para assumir a frente do trabalho durante a viagem da família Berg para a Suécia. Dedicado e trabalhador, nunca poupava a si mesmo, nem se preocupava com o clima ou a saúde, antes lutava com persistência para levar as almas a Cristo. Até que um dia, começou a sentir-se fraco, cansado e indisposto e a ter febre, ficando completamente paralítico. (Dizia-se que a paralisia era devido ao fato de o irmão Sorheim haver comido uma dúzia e meia de mexericas quentes no pé da árvore.) Não podia movimentar um membro sequer. Então, era bom poder contar com a ajuda de Mãe Amália.

"Um irmão da congregação mudou-se para lá e continuou dando-lhe assistência. As forças e a mobilidade pareciam voltar gradativamente, e, quando oramos em favor dele, tivemos a sensação de que o Senhor iria curá-lo. No que se referia à obra, Deus providenciou que o irmão Simon Lundgren e a irmã Linnea viessem até ali para, juntamente com o irmão Sorheim, levar o trabalho adiante. O irmão Sorheim já podia dirigir alguns cultos, nos quais era levado para dentro do salão, onde sentava-se em uma cadeira. As provações da vida podem se mostrar muitas vezes difíceis para os servos do Senhor em terra estranha, mas na companhia de Jesus e firmes na sua promessa de estar com eles todos os dias até a consumação dos séculos, dava-lhes coragem e alegria por estarem no lugar que o Senhor os colocou. No culto da noite, o salãozinho encheu-se de pessoas que vinham ouvir a mensagem, e o Espírito do Senhor se fez presente. Os sacrifícios de louvor que subiam até o Senhor vinham de almas salvas e agradecidas. Não são todos crentes, pensamos, e fizemos um apelo àqueles que eventualmente

ainda não haviam dado o passo para Jesus. Quatro pessoas vieram até à frente e entregaram-se. Com isso, todos que estavam no salão já estavam do lado de Jesus. Assim deveriam terminar todos os cultos. Nenhum visitante deveria voltar para casa sem a salvação.

"Já na primeira semana no novo local, eles puderam orar com algumas almas e uma parte delas foi batizada com o Espírito Santo. O número de pessoas salvas aumentava a cada dia. Entretanto, a oposição que enfrentaram foi grande.

"Um dia, enquanto saía para vender Bíblias, Daniel encontrou um homem que comprou uma Bíblia por 4 mil réis. Como era católico, foi até o pároco a fim de obter sua permissão para lê-la, porém o pároco lhe disse que não poderia fazê-lo, pois aquela Bíblia era protestante. Então o homem perguntou o que deveria fazer com ela, e o pároco respondeu que ele deveria queimá-la ou vendê-la. O homem a vendeu por 2 mil réis a uma pessoa que acabou sendo salva através da sua leitura. Quando Daniel conheceu tal pessoa, ela explicou-lhe que não queria vendê-la por menos de 50 mil réis.

"Outro dia, enquanto Daniel estava em um bonde a caminho de um local fora de Santos, para pregar o Evangelho, acabou sentando ao lado de um pároco. Daniel leu umas passagens da Bíblia para ele, e o pároco perguntou o que era que havia lido.

- É a Bíblia - respondeu Daniel.

"O pároco então arrancou a Bíblia da mão de Daniel, ficou de pé, ergueu-a e gritou de forma que todos no bonde pudessem ouvir:

- Esta Bíblia é dos protestantes! Com ela vocês não devem ter nenhum contato!

"Mas, Deus seja louvado, logo após esta viagem, abriu-se uma nova porta para o Evangelho naquela localidade".

36

São Paulo

Quero agradecer ao Senhor por haver tido a alegria de nestes dias (setembro de 1988) receber em minha casa a família dos nossos saudosíssimos missionários Daniel e Sara Berg: David e sua esposa, Wioleth, Débora e sua filha, Ann-Sofi. Os pioneiros que, através da Assembléia de Deus, trouxeram a santa mensagem pentecostal para o Brasil, começando por Belém do Pará, de onde a mensagem se alastrou para os demais Estados de nosso país.

Os missionários vieram para São Paulo, de Santos, no dia 15 de novembro de 1927, trazendo a mensagem.

Tivemos, eu e minha mãe, a grande felicidade de encontrá-los em um culto na casa de nossa querida irmã Nanina, na avenida Celso Garcia, que havia se tornado o ponto de encontro de alguns crentes. Daniel deu testemunhos, cantou e tocou violão, e Sara cantou e tocou cítara.

No dia 4 de março de 1928 Daniel realizou o primeiro batismo aqui.

Na época, morávamos em uma propriedade cujo andar inferior era ocupado por um restaurante, do qual minha mãe era proprietária.

Um dia, tivemos o enorme prazer de receber a visita deste amoroso casal em nossa casa, e pudemos mais tranqüilamente continuar nossa amizade. Foi através deles que conhecemos os caminhos do Senhor e tivemos a graça de chegar aos pés de Jesus.

A primeira casa dos Berg na cidade era próxima ao local onde tínhamos os cultos, na rua Celso Garcia, mas como a irmã Sara logo engravidou e o apartamento era muito apertado, mudaram-se para uma rua da vizinhança, para a casa do irmão José Mendes, na rua Tuiuti, onde David nasceu, no dia 11 de março de 1929. Daniel na verdade queria dar ao menino o nome de Petrus, em homenagem a seu amigo de infância, mas acabou chamando-o de David.

Ficamos muito felizes em podermos pegá-lo no colo. O fato de termos acompanhado o parto e cuidado da nova mamãe e da criança fortaleceu ainda mais a nossa amizade. Na ocasião, Sara encontrava-se sozinha em casa, pois Daniel estava viajando. Muito nos alegrou ser-lhes de alguma ajuda.

Passados pouco mais de cinco meses, no dia primeiro de setembro de 1929, tive a felicidade de descer às águas e estar aos pés de Jesus, onde tenho permanecido até o dia de hoje, pela graça e misericórdia do Senhor.

Pouco tempo depois, ajudamos a construir um templo na rua Vilela. Um templo com tanque batismal próprio, onde o Senhor atuou e muitas vidas se converteram. Acompanhávamos sempre os nossos queridos irmãos em todos os lugares, especialmente os irmãos Daniel Berg, Eaone e José Piro.

Nas tardes de domingo, antes do culto da noite, fazíamos cultos ao ar livre. Cultos desse tipo, na esquina de alguma rua do centro, os irmãos Berg sempre fizeram desde que chegaram à cidade. O grupo de ouvintes variava. Para eles, era mais difícil no começo, quando ne-

nhum grupo ainda estava formado. Então eles chegavam sozinhos.

Certa vez, ficou sentado na frente deles um cabrito, como único ouvinte. Eram mais hinos e músicas, e o cabrito também "cantou". A situação cômica atraiu a atenção dos transeuntes, e logo reuniu-se um grupo de ouvintes. O Senhor pode até mesmo utilizar um cabrito, se for necessário.

Desta forma, a obra do Senhor continuou crescendo.

Algum tempo depois, o querido irmão Daniel e sua família tiveram de mudar para a Suécia. Em seu lugar ficou o nosso amado irmão Samuel Nyström, que também trabalhou um tempo conosco. Depois do irmão Nyström, veio o missionário Samuel Hedlund e a irmã, Tora, que também realizaram um grande trabalho.

Após haver a família Berg descansado durante um tempo na Suécia, viajaram para Portugal, onde também foram uma grande bênção. Lá nasceu a nossa querida Débora.

Aqui no Brasil, vemos como a obra do Senhor continua crescendo a cada dia. Vemos quão grande missão Deus entregou na mãos de seus servos, Daniel Berg e Gunnar Vingren. Eles viviam pela fé. Vieram para cá sem conhecer o idioma nem o país. Guiados pela fé, iniciaram este gigantesco trabalho que pela graça de Deus continua se desenvolvendo e salvando inúmeras almas.

Os velhos se vão e os jovens ocupam seus lugares, para dar continuidade a esta maravilhosa obra que um dia foi confiada aos santos. Eu quero agradecer a Deus por todas as bênçãos de que fui participante, por tudo que pude ouvir e ver com meus próprios olhos. Louvado seja Deus!

Aqui na cidade de São Paulo, vários irmãos trabalharam no decorrer dos anos, inclusive o nosso amado irmão

Cícero, que hoje está com o Senhor. Atualmente, o trabalho está sendo liderado pelo irmão José Wellington, que também trabalha com muita dedicação.

Estamos muito felizes, pois sabemos que a volta de Jesus está próxima. Queremos louvar ao Senhor enquanto estamos aqui e testemunhar da maravilhosa salvação que recebemos através do precioso sangue de Jesus.

A palavra que recebi do Senhor quando o aceitei como meu salvador está no livro de Isaías 53.1: "Quem deu crédito à nossa pregação? e a quem se manifestou o braço do Senhor?" Louvado seja Deus! Jesus entregou sua vida qual um cordeiro que é levado para o matadouro.

Ele nasceu para a nossa salvação. É maravilhoso ser de Jesus. Saber que a nossa vida aqui é temporária. Mas se algum dia estivermos com Jesus junto com todos os santos que vieram antes de nós, isto será para sempre, naquele lugar onde não há mais pranto, nem dor, nem enfermidades. Lá estaremos para sempre com o Senhor. Louvado seja o seu santo nome!

Queridos Débora, Ann-Sofi, David e Wioleth, que Deus os abençoe, e que vocês possam a cada dia se apegar à mensagem dos seus pais, que tem sido para nós, brasileiros, uma grande bênção.

Também quero aproveitar o ensejo para dizer que a última vez que falei com o nosso estimado irmão Daniel aqui em São Paulo, ele já se encontrava doente. Mas tivemos a agradável impressão de estarmos ao lado de Jesus, tal era a paz, o amor e a dedicação que transmitia ao pregar a Palavra de Deus.

Ele também deixou uma lembrança muito viva em Isaías 40.7,8: "Seca-se a erva, e caem as flores, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade, o povo é a erva. Seca-se a erva e caem as flores, mas a palavra de nosso Deus subsiste eternamente".

Que possamos refletir sobre isto e nos apegar a estas palavras - a verdade que vale eternamente.

Que Deus possa abençoá-los. Uma carinhosa saudação de sua eterna amiga e irmã em Cristo.

Que Deus, pela sua misericórdia, possa abençoá-los. Em nome de Jesus. Fiquem na paz do Senhor. Amém.

Regina Haleplian Antunes

Epílogo

Geziel Gomes

Quando Daniel Berg dormiu no Senhor, no ano de 1963, a geração pioneira da Assembléia de Deus no Brasil sentiu profundamente a ausência do inesquecível líder e companheiro que, durante mais de meio século, foi usado por Deus como um ganhador de almas incomum, o verdadeiro evangelista, que aprendera com o Mestre a procurar uma comida superior: fazer a vontade daquele que o enviou.

Os que aprenderam com Daniel Berg beberam de uma fonte cristalina e insuspeita. Ele nunca se queixava das provações que experimentava, nunca discutia assuntos de ordem política, nunca perdia tempo ou oportunidades, jamais negligenciou seus deveres de pai e de pastor.

O surgimento da terceira geração de pentecostais em nossa pátria induz-nos a uma meditação mais séria e profunda sobre o significado do estilo de vida dos que vieram antes de nós. Eles foram homens simples, sem afetações, ambições, ou sutilezas. Sua visão era a da constante e interminável expansão do Reino de Deus na

terra. Tais foram os caminhos que nos legaram, e que merecem ser seguidos.

Ao mesmo tempo que não poucos, desavisados e desorientados, começavam a predizer o declínio do movimento pentecostal no Brasil, em virtude de haver ultrapassado o seu primeiro cinqüentenário, o Espírito do Senhor iniciava um novo movimento de poder, entusiasmo, ação evangelística e maravilhas, para demonstrar à sociedade que esta época, em seu caráter eminentemente escatológico, já não comporta flutuações em torno do avivamento, pois estamos a caminhos dos dias últimos, e devemos aguardar a chuva serôdia que ele enviará sobre a terra, na véspera feliz do arrebatamento da Eleita.

O que urge ressaltar, todavia, é que a continuação do avivamento não se firma em novas táticas, ou novas doutrinas, ou novo estilo, senão na manutenção firme e convicta dos princípios que foram lançados pelos pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren.

Eles foram homens de oração e de poder, homens que liam a Bíblia diuturnamente para colher os ensinamentos preciosos para entregar à igreja que hoje enche as cidades de nossa pátria e começa a conquistar as terras mais distantes.

Homens como Daniel Berg não podem jamais ser esquecidos. Os filhos devem ouvir-lhe o nome através dos pais, para que a futura geração saiba que nos primórdios desta obra houve homens robustos na fé e gigantes na ação, que nunca puseram em segundo plano o cumprimento dos seus deveres para com Deus e sua santa Igreja.

A história dos últimos dias de Daniel Berg é a um tempo comovente e inspirativa. Estava ele hospitalizado em sua terra natal, quando se aproximaram os dias finais de sua peregrinação. Todos temos o nosso dia de partir. O sol de nossa existência tem que se pôr um dia. Bem-

aventurados os que encontram, no crepúsculo da vida terrena, a aurora da existência com Deus. Daniel Berg mal podia mover-se, mas saía de enfermaria em enfermaria para distribuir folhetos, espalhar literatura e orar pelos que se decidissem.

A disciplina interna do nosocômio não lhe permitia distribuir literatura. Uma enfermeira foi, então, designada, para impor-lhe proibição. Mas, ao contemplar o varão de Deus, alquebrado pela força dos anos, mais vigoroso na tarefa espiritual de ajudar vidas decaídas, não teve coragem de cumprir a tarefa. Recuou. Daniel Berg continuou oferecendo literatura. E almas famintas iam sendo alimentadas pelo pão vivo descido dos céus, oferecido por aquele que lutou até o último instante.

Quando a morte chegou, encontrou Daniel Berg sorridente, feliz. Ele não a temia. Ele sabia em quem tinha crido. Seu tesouro estava guardado. Enquanto os olhos cansados do ancião se entreabriram e se fechavam pela derradeira vez, o último dentre os primeiros findava a sua jornada aqui na terra dos mortais.

Portões dourados se abriram para deixar passar aquele que ofereceu sua vida em favor de uma terra estranha, de um idioma e costumes estranhos, fazendo tudo para salvar a muitos. Por que fizera isto? Simplesmente porque veio a este país enviado por Deus.

Os que seguirem seus passos provarão a mesma bem-aventurança. Os que lhe imitarem a fé, desfrutarão do mesmo gozo. Os que também forem fiéis, cruzarão os mesmos portais.

Queira Deus despertar e levantar outros homens de igual valor em nossa terra, para sucederem a missão, o caráter e a eficácia de Daniel Berg, o enviado por Deus.

Lewi Pethrus escreveu na revista *Julens Härold*, em 1963, que um biógrafo certa vez disse de C. H. Spurgeon, que "quando Deus o criou, Ele destruiu o modelo. Quis

dizer com isso que uma pessoa como o grande pregador londrino jamais surgiria novamente.

De certa forma, pode-se dizer o mesmo de Daniel Berg.

Um homem com tantos dons, com uma vida tão coroada de sucesso e com um resultado tão favorável a serviço do Evangelho, dificilmente será achado. Ele foi um dos dois jovens suecos que vieram para o Brasil , trazendo a mensagem pentecostal, no ano de 1910.

Aqui começaram, sob as mais difíceis e precárias condições, uma missão que agora, em todo o meio missionário, se diz ser o maior movimento evangélico da atualidade.

DANIEL BERG

Enviado por Deus

A história de Daniel Berg, um simples aldeão que ajudou a desfraldar o maior movimento pentecostal da história da Igreja.

A história de Daniel Berg é a epopéia de um jovem humilde que deixou sua aldeia na Suécia em busca de novos horizontes. Já nos Estados Unidos, começou a buscar a experiência pentecostal, que revolucionaria não somente a sua vida, como também a vida de todo um povo.

Através de uma palavra profética, Daniel Berg, juntamente com seu companheiro Gunnar Vingren, foi direcionado a embarcar para um lugar que jamais ouvira falar: Pará. Aqui, bem ao sul da Linha do Equador, seriam usados pelo Espírito Santo para promover o maior avivamento da história da Igreja.

Qual o segredo do êxito espiritual de Daniel Berg?

Por que o pentecostalismo tornou-se no maior movimento da história da Igreja?

Entre nesta seara, e descubra os segredos que transformaram um simples aldeão num dos maiores apóstolos deste século.

Autor

David Berg, filho do missionário Daniel Berg, atualmente encontra-se na Suécia, onde exerce diversas atividades na Igreja Filadélfia.

ISBN: 85-263-0027-X